

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais

Leonardo Faustino Pereira

**“MEU ÓDIO SERÁ SUA HERANÇA”:
Estudo comparativo da atuação de legisladores brasileiros nas redes sociais e
de suas estratégias de mobilização política a partir de discursos anti-
LGBTQIAPN+**

Belo Horizonte
2025

Leonardo Faustino Pereira

“MEU ÓDIO SERÁ SUA HERANÇA”:

Estudo comparativo da atuação de legisladores brasileiros nas redes sociais e de suas estratégias de mobilização política a partir de discursos anti-LGBTQIAPN+

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Cidades: Cultura, Trabalho e Políticas Públicas.

Linha de Pesquisa: Democracia, Estado e Políticas Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Aurélio Pimenta Faria

Belo Horizonte

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

P436m Pereira, Leonardo Faustino
“Meu ódio será sua herança”: estudo comparativo da atuação de legisladores brasileiros nas redes sociais e de suas estratégias de mobilização política a partir de discursos anti-LGBTQIAPN+ / Leonardo Faustino Pereira. Belo Horizonte, 2025.
163 f. : il.

Orientador: Carlos Aurélio Pimenta Faria
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

1. Comunicações digitais. 2. Redes sociais on-line. 3. Discurso de ódio na Internet. 4. Minorias sexuais. 5. Poder legislativo. 6. Análise do discurso. 7. Brasil - Política e governo - 2019-2022. I. Faria, Carlos Aurélio Pimenta. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 301.175.1

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

Leonardo Faustino Pereira

“MEU ÓDIO SERÁ SUA HERANÇA”:

Estudo comparativo da atuação de legisladores brasileiros nas redes sociais e de suas estratégias de mobilização política a partir de discursos anti-LGBTQIAPN+

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Cidades: Cultura, Trabalho e Políticas Públicas.

Linha de Pesquisa: Democracia, Estado e Políticas Públicas.

Prof. Dr. Carlos Aurélio Pimenta Faria – PUC Minas (Orientador)

Prof. Dra. Alessandra Sampaio Chacham – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Guilherme Stolle Paixão e Casarões– FGV (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 11 de Agosto de 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Carlos Aurélio Pimenta de Farias, pela dedicação, paciência e apoio em todas as etapas do processo de elaboração deste trabalho.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), cujo apoio financeiro, por meio da bolsa assistencial, foi fundamental para viabilizar a realização da minha pesquisa.

Agradeço também, com especial carinho, à minha família, pela imensa paciência e tolerância comigo e com as minhas pequenas (e inúmeras) neuroses. Aos meus irmãos, Rúbia e Rodrigo, agradeço por estarem sempre ao meu lado, acompanhando cada passo desta longa caminhada e oferecendo suporte e acolhimento, mesmo nos meus piores momentos.

Ao meu pai, José Inácio, sou grato pelo apoio constante e pelo esforço em estar presente comigo em cada uma das etapas desses dois longos anos. Com especial pesar em cada palavra, agradeço à minha falecida mãe, Ana Geralda, que sempre buscou me ajudar a concretizar meus sonhos, mesmo aqueles que ela não compreendia totalmente. Inclusive, o fato de eu não poder compartilhar com ela este momento de virada da minha vida dá tonsagridoces a esta conquista.

Agradeço à minha família postiça (Lara, Mauro, Breno, Maristela, Sara, Maria e Bernardo), sem a qual eu jamais teria tido condições materiais de dar o impulso inicial para ingressar no mestrado. A todos vocês, e em especial aos dois primeiros, expresso meus mais sinceros e eternos agradecimentos. Agradeço também ao Delvan, à Paulo Silveira, à Maria Inês, à Paula Constante e à sua mãe Dna. Eleni, que me acolheram em suas casas durante meus primeiro meses de curso, quando eu ainda não tinha me estabelecido financeiramente em BH.

Aproveito para agradecer, com grande carinho, à professora Theresa Calvet de Magalhães, cujas aulas e conversas, entre 2019 e 2020, foram fundamentais para a concepção desta dissertação.

Sou também profundamente grato à Fatine, cujo afeto e ocasionais puxões de orelha foram essenciais para evitar que o trem da minha vida descarrilhasse mais uma vez. E agradeço a Tiago Tonial, amigo de longa data, que, por mais de uma vez,

realizou ligações internacionais em horários pouco ortodoxos para acalmar minhas frequentes espirais de ansiedade.

Aos colegas e amigos do mestrado, agradeço pelo apoio, pelos conselhos e pela ajuda (muitas vezes prestada nos bastidores e até sem o meu conhecimento), que foram essenciais para que eu conseguisse concluir esta pesquisa e, inclusive, permanecer em Belo Horizonte durante os primeiros meses do Programa. Não citarei nomes para não correr o risco de esquecer alguém, mas quero que saibam que cada um de vocês ocupa um lugar especial no meu coração. A todos, deixo meu mais sincero abraço e agradecimento!

Por fim, agradeço a todos os amigos, familiares e conhecidos que, embora não citados nominalmente aqui sob o risco de esta dissertação se tornar uma quilométrica lista de nomes queridos e especiais para mim, também foram fundamentais para que eu chegasse até este momento.

Muito obrigado!

*Deus me proteja de mim e da maldade de gente boa.
Da bondade da pessoa ruim.
(DEUS, 2008)*

RESUMO

A presente dissertação desenvolve um estudo comparativo da comunicação digital de três agentes políticos de extrema direita do legislativo: a vereadora de Belo Horizonte Flávia Borja (Partido Democracia Cristã), o deputado federal por Minas Gerais Nikolas Ferreira (Partido Liberal) e o senador pelo Espírito Santo Magno Malta (também do Partido Liberal). O objetivo da pesquisa foi analisar as estratégias discursivas nas redes sociais que envolvem discursos de ódio contra a população LGBTQIAPN+, buscando compreender como afetos negativos contra esse grupo foram instrumentalizados politicamente entre o período de: 1 de setembro de 2022 e 31 de janeiro de 2023. Utilizando o método comparativo e a ferramenta IRAMUTEQ para análise e processamento de dados, o estudo realizou análises qualitativas e lexicográficas de 1.470 publicações extraídas dos perfis dos parlamentares no X e no *Facebook*. Os resultados indicaram, ao contrário de nossas expectativas iniciais, que durante o recorte temporal houve uma moderação no radicalismo discursivo dos agentes estudados, possivelmente relacionada ao contexto eleitoral de 2022 e ao contexto de instabilidade política do período. Observou-se também a presença de padrões e estratégias semelhantes nos discursos dos três políticos, bem como diferenças na complexidade argumentativa utilizada por eles em cada uma das plataformas. Além disso, foi recorrente a associação de termos como “abuso infantil” e “pedofilia” a temas relacionados aos direitos da população LGBTQIAPN+, revelando uma estratégia retórica voltada à estigmatização desse grupo.

Palavras chave: Discurso de ódio; Análise de Redes Sociais; Bolsonarismo.

ABSTRACT

This dissertation presents a comparative study of the digital communication strategies of three far-right legislative political figures: Belo Horizonte city councilor Flávia Borja (Christian Democracy Party), federal deputy for Minas Gerais Nikolas Ferreira (Liberal Party), and senator for Espírito Santo Magno Malta (also from the Liberal Party). The objective was to analyze discursive strategies on social media involving hate speech against the LGBTQIAPN+ population, aiming to understand how negative affects toward this group were politically instrumentalized between September 1, 2022, and January 31, 2023. Using a comparative method and the IRAMUTEQ tool for data processing and analysis, the study conducted qualitative and lexicographic analyses of 1,470 posts collected from the X and Facebook profiles of the selected politicians. Results show that, during the analyzed period, there was a moderation of discursive radicalism among these political figures, possibly linked to the 2022 electoral process and the political instability of the time. The research also identified common patterns and strategies in the discourse of the three politicians, as well as differences in argumentative complexity between platforms, with Facebook exhibiting more elaborate discourse than X. Furthermore, the study found a recurring association between terms such as "child abuse" and "pedophilia" and themes related to LGBTQIAPN+ rights, revealing a rhetorical strategy aimed at stigmatizing this group.

Keywords: Hate speech; Social Media Analysis; Bolsonarism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Publicação do perfil do <i>Facebook</i> Flávia Borja, de 23 de Nov. 2022.....	45
Figura 2 – Publicação do perfil Nikolas Ferreira na plataforma <i>Facebook</i> , de 22 de Ago. 2022.....	49
Figura 3 - Publicação do perfil @MagnoMalta da plataforma X, de 06 de Nov. 2024.	50
Figura 4 – Publicação do perfil Flávia Borja na plataforma <i>Facebook</i> , de 22 de Nov. 2022.	52
Figura 5 - Print do conteúdo da pasta de material audiovisual publicada pelo deputado Nikolas Ferreira no X, durante o período de recorte.	61
Figura 6 – Publicação do perfil Flávia Borja na plataforma <i>Facebook</i> , de 30 de Set. 2020.	80
Figura 7 – Publicação do perfil Flávia Borja na plataforma <i>Facebook</i> , de 05 de Set. 2022.	82
Figura 8 – Nuvem de palavras com todos os discursos do perfil oficial da vereadora Flávia Borja no <i>Facebook</i> durante o período de setembro de 2022 até janeiro de 2023.	86
Figura 9 – Árvore de Similitudes com todos os discursos do perfil oficial da vereadora Flávia Borja no <i>Facebook</i> durante o período de setembro de 2022 até janeiro de 2023.	87
Figura 10 – Nuvem de palavras com todos os discursos do perfil oficial da vereadora Flávia Borja no X durante o período de setembro de 2022 até janeiro de 2023.	88
Figura 11 – Árvore de Similitudes com todos os discursos do perfil oficial da vereadora Flávia Borja no X durante o período de setembro de 2022 até janeiro de 2023.	89
Figura 12 - Publicação do perfil Flávia Borja na plataforma <i>Facebook</i> , de 7 de Outubro de 2022.	92
Figura 13 - Publicação do perfil Flávia Borja no <i>Facebook</i> em 17 de Novembro de 2022.	94
Figura 14 - Publicação do perfil Nikolas Ferreira na plataforma <i>Facebook</i> , em 30 de Setembro de 2020.....	100
Figura 15 - Publicação do perfil Nikolas Ferreira na plataforma <i>Facebook</i> , em 11 de Junho de 2023.....	104

Figura 16 – Nuvem de palavras com todos os discursos do perfil oficial do deputado Nikolas Ferreira no <i>Facebook</i> durante o período de setembro de 2022 até janeiro de 2023.....	107
Figura 17 – Árvore de Similitudes com todos os discursos do perfil oficial do deputado Nikolas Ferreira no <i>Facebook</i> durante o período de setembro de 2022 até janeiro de 2023.....	108
Figura 18 – Nuvem de palavras com todos os discursos do perfil oficial do deputado Nikolas Ferreira no X durante o período de setembro de 2022 até janeiro de 2023	109
Figura 19 – Árvore de Similitudes com todos os discursos do perfil oficial do deputado Nikolas Ferreira no X durante o período de setembro de 2022 até janeiro de 2023.	110
Figura 20 – Nuvem de palavras com todos os discursos do perfil oficial do senador no <i>Facebook</i> durante o período de setembro de 2022 até janeiro de 2023.	121
Figura 21 – Árvore de Similitudes com todos os discursos do perfil oficial do senador Magno Malta no <i>Facebook</i> durante o período de setembro de 2022 até janeiro de 2023.....	122
Figura 22 – Nuvem de palavras com todos os discursos do perfil oficial do senador no X durante o período de setembro de 2022 até janeiro de 2023.....	123
Figura 23 – Árvore de Similitudes com todos os discursos do perfil oficial do senador Magno Malta no X durante o período de setembro de 2022 até janeiro de 2023. ..	124
Figura 24 - Publicação do perfil Magno Malta na plataforma <i>Facebook</i> , em 27 de Setembro de 2022a.	127
Figura 25 - Publicação do perfil Magno Malta na plataforma <i>Facebook</i> , em 27 de Setembro de 2022b.	128

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estruturação dos dados obtidos a partir da coleta de publicações nos perfis oficiais do X e do <i>Facebook</i> dos personagens de nosso estudo, durante o período de recorte.	59
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVANTE	Partido Avante
BDSM	Bondage, Disciplina, Sadismo, Masoquismo
BH	Belo Horizonte
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
DC	Democracia Cristã
ES	Espírito Santo
ESH	Escola Sem Homofobia
ESP	Escola Sem Partido
IA	Inteligência Artificial
IRAMUTEQ	<i>Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et Questionnaires</i>
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e Outros
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
PL	Partido Liberal
PL	Projeto de Lei
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PP	Partido Progressista
PRTB	Partido Renovador Trabalhista Brasileiro
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSL	Partido Social Liberal
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PUC MINAS	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
STF	Supremo Tribunal Federal
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UNECON	União Nacional dos Estudantes Conservadores
UNIÃO	União Brasil

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	13
2.	TECNOPOPULISMO E A GUERRA CULTURAL: a instrumentalização política de afetos pelo bolsonarismo neopentecostal nas redes sociais.....	17
2.1.	Redes de ódio: a tomada das redes sociais pela extrema direita global	18
2.2.	A guerra pelos significados: tradicionalismo e fundamentalismo religioso cristão digital.....	23
2.3.	Guerra cultural, empreendedorismo moral e de políticas públicas antigênero	28
2.4.	Todo progressista é um degenerado moral? A (i)moralidade sexual como chave de interpretação da realidade social e política na perspectiva bolsonarista.....	34
2.5.	O bolsonarismo e suas performances de masculinidade e vulnerabilidade .	36
2.6.	Memes antigênero e processos de viralização.....	43
3.	ABORDAGEM METODOLÓGICA	56
3.2.	Sobre os políticos cujas redes foram objeto dessa pesquisa	64
3.3.	Das redes escolhidas para essa pesquisa	66
3.3.1.	<i>Da escolha do X como fonte primária para a coleta de dados</i>	<i>69</i>
3.3.2.	<i>Da escolha do Facebook como fonte primária para a coleta de dados</i>	<i>71</i>
3.3.3.	<i>Das motivações para a escolha do período de recorte da pesquisa</i>	<i>72</i>
4.	DO LEVANTAMENTO DE DADOS E DOS RESULTADOS.....	76
4.1.	Quanto à vereadora de Belo Horizonte Flávia Borja	77
4.1.1.	<i>Uma breve biografia</i>	<i>78</i>
4.1.2.	<i>Uma análise dos dados colhidos</i>	<i>83</i>
4.1.3.	<i>Das conclusões e resultados do levantamento</i>	<i>90</i>
4.2.	Quanto ao Deputado Federal de Minas Gerais Nikolas Ferreira	95
4.2.1.	<i>Uma breve biografia</i>	<i>97</i>
4.2.2.	<i>Uma análise dos dados colhidos</i>	<i>105</i>
4.2.3.	<i>Das conclusões e resultados do levantamento</i>	<i>114</i>
4.3.	Quanto ao Senador pelo Espírito Santo Magno Malta	115
4.3.1.	<i>Uma breve biografia</i>	<i>117</i>
4.3.2.	<i>Uma análise dos dados colhidos</i>	<i>120</i>
4.3.3.	<i>Das conclusões e resultados do levantamento</i>	<i>126</i>
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
	REFERÊNCIAS	136

1.INTRODUÇÃO

Em sua origem, o presente estudo foi idealizado a partir das problemáticas ao redor dos direitos da população LGBTQIAPN+ levantadas após o dia 30 de junho de 2022, quando o deputado federal do Partido Liberal (PL), Nikolas Ferreira, compartilhou em suas redes sociais um vídeo em que expunha uma adolescente trans, estudante de um colégio em Belo Horizonte, para questionar o direito de pessoas transgênero acessarem o banheiro correspondente à sua identidade de gênero (MARZULLO, 2022).

É importante notar que essa não foi a primeira vez que o deputado federal alcançou repercussão nacional ao utilizar sua presença nas redes sociais para reproduzir discursos transfóbicos ou de cunho antigênero. Pelo contrário, tal ocorrência foi um lugar comum em toda a sua carreira pública, que começou em 2020. Não só ele, mas também outros atores políticos e instituições conservadoras com forte presença nas plataformas digitais passaram a promover com frequência e relevância sociais cada vez maiores (DANTAS, 2025; SPAGNUOLO, 2021), conflitos histriônicos ao redor das mais diversas pautas. Pautas e temáticas antigênero, em especial, tornaram-se temas prioritários da comunicação conservadora nas redes (SILVA, 2023, p.93-94; BALIEIRO, 2018, p. 4-5).

Essa prática pode ser considerada uma versão política de uma técnica de *marketing* digital muito comum entre criadores de conteúdo na internet, coloquialmente chamada de *rage-baiting*. Prática, que poderia ser definida como a criação e instrumentalização de conflitos, muitas vezes artificiais, com objetivo de promover um incremento do engajamento e replicabilidade de conteúdos nas redes sociais a partir de emoções negativas (PALÁCIO, 2025; GRUET e LAWTON, 2024).

Contudo, enquanto os conflitos criados por *influencers* a partir do *rage-baiting* tendem a ter alvos limitados a indivíduos ou objetos específicos, fato que volatiliza e concentra os danos desse conflito a contextos mais restritos¹, a instrumentalização do

¹ Um exemplo recente de *influencers* instrumentalizando conflitos em prol de engajamento pode ser visto em uma discussão de influenciadoras adolescentes no *Tik Tok* ocorrida durante o primeiro semestre de 2025, que ganhou repercussão nacional (DIAS, 2025; TENENTE, 2025; A BRIGA, 2025). Apesar da natureza privada e banal do conflito que envolvia apenas uma série de desentendimentos pessoais entre as jovens e seus círculos familiares mais próximos, o conflito foi amplamente noticiado por mídias de grande circulação e repercutido por canais do *Youtube* especializados nesse tipo de conteúdo. É importante notar, que as influenciadoras diretamente envolvidas no conflito tiveram

ódio nas redes sociais por influenciadores de viés religioso tende a desenvolver efeitos concretos em larga escala no mundo real, atingindo frequentemente grupos minorizados como a população LGBTQIAPN+.

Um caso recente que mostra isso de forma clara, pode ser observado na polêmica envolvendo a vitória da boxeadora argelina, Imane Khelif, durante as Olimpíadas de 2024 (FERNANDES, 2024). Por apresentar um corpo fora do padrão heteronormativo, a lutadora de boxe (mulher cis) foi vítima de uma torrente de desinformação global promovida por influenciadores e líderes de movimentos conservadores, com alegações de que ela seria uma pessoa intersexo ou até mesmo uma mulher transgênero (FERNANDES, 2024).

É importante notar que a despeito do caso se basear majoritariamente em notícias falsas, a campanha de desinformação promovida ao redor de Khelif foi capaz de pautar temporariamente o debate social americano durante as eleições presidenciais estadunidenses em 2024. Um controle do fluxo e conteúdo do debate eleitoral que ocorreu a partir das redes, uma vez que políticos conservadores usaram seus perfis nas plataformas para propagar desinformação sobre o caso (EM, 2024; DEMOCRATS, 2024). Mais do que isso, ainda hoje discursos e falas que colocam em dúvida a identidade de gênero da boxeadora argelina são referenciados de forma expressa durante a construção de medidas políticas nos Estados Unidos, com o fim de restringir direitos da população transgênero (MIGDON, 2025).

No Brasil, além da notícia ter gerado considerável repercussão nas redes, numa discussão protagonizada, em alguma medida, por agentes políticos como o senador Eduardo Girão, do PL do Rio de Janeiro, o deputado federal Nikolas Ferreira (PL), o senador Sérgio Moro, do União Brasil (UNIÃO), entre muitos outros (AZEVEDO, 2024), ela também fundamentou a construção do Projeto de Lei (PL) 1.305/2024, proposto pela deputada federal pelo Ceará Dayane Bittencourt, do UNIÃO, e do PL 3051/2024, do deputado federal por Santa Catarina, Daniel Freitas, do PL. Ambos os projetos, criados com a intenção de restringir o acesso de pessoas transgênero a competições esportivas.

expressivo aumento de sua base de seguidores nas redes. Antonela Braga, só para citar um exemplo, ganhou um milhão de seguidores durante o período (TENENTE, 2025).

Torna-se evidente, portanto, como discursos e falas homotransfóbicas promovidos por agentes públicos nas redes sociais podem não só transbordar para o mundo real na consolidação de pautas e pensamentos anti-LGBTQIAPN+ no discurso social, como também se cristalizar na forma de políticas públicas e legislações.

Diante da constatação quanto à crescente relevância das consequências e efeitos sociais do *rage-baiting* antigênero promovido por políticos conservadores nas plataformas digitais, o presente trabalho se propõe a estudar e analisar essas estratégias de instrumentalização do ódio contra a população LGBTQIAPN+. Buscou-se aqui, a partir de um estudo de caso comparativo, tentar compreender como afetos negativos contra a população LGBTQIAPN+ foram instrumentalizados com fins de mobilização política e eleitoral por líderes de extrema direita do legislativo no Facebook e X durante o intervalo de setembro de 2022 até janeiro de 2023. Um recorte temporal que não foi de forma alguma gratuito, uma vez que ele abarca desde o período eleitoral de 2022 até as manifestações antidemocráticas do 8 de janeiro de 2023.

Como os principais atores do nosso estudo, foram escolhidos os seguintes agentes do legislativo: a vereadora por Belo Horizonte, do Partido Democracia Cristã (DC), Flávia Borja Pinto; o deputado federal mineiro, do PL, Nikolas Ferreira; e o senador pelo Espírito Santo, também do PL, Magno Malta. Três políticos com forte presença nas redes sociais, cuja específica escolha para figurar nesse estudo será detalhada em capítulo posterior.

A principal hipótese da análise é que os discursos odiosos anti-LGBTQIAPN+ são usados de forma performativa e politicamente estratégica por agentes políticos conservadores em seus discursos digitais. Outra hipótese a partir da qual se fundamentou o presente estudo é a de que a comunidade LGBTQIAPN+ ocuparia um papel central no imaginário da comunicação das redes sociais dos três políticos escolhidos no estudo de caso, ora como antagonistas recorrentes, ora como sintomas de uma suposta corrupção essencial do tecido social. Ou seja, que parte da identidade política elaborada pelos três parlamentares que foram estudados é construída em contraposição à visão que eles têm, e propagam, sobre a comunidade LGBTQIAPN+.

Quanto à estruturação do presente estudo, contando com a introdução como o primeiro capítulo desse trabalho, haverá o total de cinco capítulos. O próximo capítulo, o segundo, desenvolverá os principais instrumentais teóricos e bases conceituais a

partir dos quais foi elaborado esse trabalho. O capítulo discutirá pontos essenciais para a presente análise, como: a tomada das plataformas digitais em todo o mundo por movimentos reacionários e tradicionalistas; o papel das redes sociais na Guerra Cultural; os papéis e expectativas de performance de gênero e sexualidade no bolsonarismo; e o papel dos memes na ascensão de movimentos ultraconservadores.

Já o terceiro capítulo realizará um detalhamento dos procedimentos metodológicos utilizados na elaboração da dissertação, com detalhes dos processos e práticas envolvidos na coleta dos dados que fundamentam a pesquisa. Além de desenvolver uma minuciosa narrativa de todo o percurso metodológico por trás da execução do presente estudo, o capítulo também se preocupará em justificar algumas das principais decisões por trás do recorte escolhido. O capítulo descreverá, por exemplo, os motivos pelos quais se decidiu pelos agentes políticos selecionados pelo trabalho. Além disso, também se discutirá tanto as razões da escolha do X e do *Facebook* como fontes primárias para o levantamento de dados, como as motivações por trás da decisão do recorte temporal utilizado na pesquisa.

O quarto, e último capítulo antes da conclusão, apresentará os resultados obtidos no levantamento de dados dos perfis dos três agentes políticos em estudo. O capítulo será dividido em três partes, cada uma delas correspondendo a um dos três parlamentares escolhidos. Essas partes também se subdividindo em três seções: uma breve biografia do agente político em estudo; um detalhamento do material obtido nas redes sociais; e a elaboração de uma análise a partir das conclusões obtidas com a análise do material levantado.

Tendo exposto o tema, hipóteses e estrutura da pesquisa, iremos para o próximo capítulo que, conforme já foi explicado, desenvolverá as bases teóricas e conceituais presentes no estudo.

2. TECNOPOPULISMO E A GUERRA CULTURAL: a instrumentalização política de afetos pelo bolsonarismo neopentecostal nas redes sociais

O presente capítulo pretende realizar um apanhado quanto ao instrumental teórico a partir do qual os próximos capítulos desenvolverão sua análise da comunicação digital no X e no *Facebook* dos três parlamentares já citados. Com essa intenção, as seções a seguir desenvolverão uma ampla revisão de literatura, utilizando-se dos textos e trabalhos, nacionais e estrangeiros, mais atuais e relevantes sobre o tema.

O primeiro subcapítulo discutirá a emergência global de movimentos de extrema direita que ocorreu na última década, dando particular atenção à versão brasileira desse fenômeno cristalizada no bolsonarismo. Essa seção também desenvolverá apontamentos quanto ao papel, relevância e relação que as redes sociais possuem com a recente ascensão de movimentos políticos ultraconservadores e reacionários pelo mundo.

O segundo subcapítulo se preocupará em estabelecer algumas das terminologias mais centrais para a presente análise, tais como: “tradicionalismo” e “fundamentalismo religioso”. Além disso, também irá se explorar a relação desses termos com o ativismo digital evangélico, e como essa forma de ativismo virtual se relaciona ao bolsonarismo.

O terceiro subcapítulo, por sua vez, trabalhará com o ativismo digital evangélico a partir de conceitos da teoria dos rótulos. Também irá se desenvolver uma discussão sobre o conceito de “guerra cultural”, e a relação do ativismo digital conservador com a construção de agendas legislativas antigênero.

Já o quarto subcapítulo, a partir do conceito de “guerra cultural” e “empreendedorismo moral” estabelecidos na seção anterior, apresentará uma discussão sobre o uso de percepções estereotipadas da população LGBTQIAPN+ dentro das estratégias comunicacionais de ativistas digitais ultraconservadores.

O quinto subcapítulo, por fim, explanará brevemente sobre as representações de força e poder existentes nos discursos dos movimentos de extrema direita atuais.

O texto discorrerá sobre o contraste de imaginários de dominação e vulnerabilidade presentes de forma simultânea no discurso digital do bolsonarismo.

2.1. Redes de ódio: a tomada das redes sociais pela extrema direita global

Um ponto de partida essencial para a presente análise é a delimitação quanto ao que é o bolsonarismo. Um elemento da realidade social brasileira contemporânea que, apesar de ter se tornado onipresente nas mais variadas esferas do discurso social e político, possui uma definição difícil, dada sua complexidade. Lynch e Cassimiro (2022, p. 66-67), por exemplo, apontam o bolsonarismo como uma manifestação radical do populismo reacionário de direita. Rocha (2023, p. 149), por sua vez, define o fenômeno como um movimento político de massas, fundamentalista e de viés autoritário, fundado na capitalização política de dissensos sociais, e na promoção de perspectivas de mundo dicotômicas e agonísticas.

Já Cesarino (2022b) entende o movimento a partir de uma visão cibernética. Por cibernética, Cesarino (2022a; 2022b) não se restringe a uma compreensão vulgar do termo. Para a autora, a cibernética é uma interpretação de sistemas (esses compreendidos como elementos conjunturais e únicos a uma determinada realidade e contexto histórico) de forma não linear, mas como “padrões de coemergência de agências em um mesmo campo dinâmico de complexidade regidos por causalidades recursivas.” (CESARINO, 2022a, p. 30).

Nessa perspectiva o bolsonarismo seria menos uma questão de conteúdo e mais um conjunto de práticas e estratégias de mobilização tecnopolíticas. Um conjunto de práticas e performances sociais, mesclando técnicas de mobilização política e digital. Nas palavras da autora, “uma dinâmica sociotécnica de mobilização contínua e performativa de demandas latentes, num fluxo de causalidade circular entre influenciadores e influenciados orientado por métricas em tempo real.” (CESARINO, 2022b, p.164).

Essa última percepção é bastante interessante para o presente texto, uma vez que aponta o papel essencial que as redes sociais possuem para a própria existência do movimento. Não só ele, inclusive, mas também de outras manifestações recentes

do pensamento político conservador pelo mundo. Algo sobre o que Da Empoli (2024) discorre longamente, ao falar sobre a natureza virtual do trumpismo, do movimento Cinco Estrelas italiano, o movimento dos Coletes Amarelos francês e de outras manifestações do ultraconservadorismo global.

Obviamente, não se fala aqui que os elementos populistas e reacionários do bolsonarismo não sejam fundamentais para compreender não apenas ele, mas também suas origens e desdobramentos futuros. Apontar-se-á mais à frente, inclusive, que existe uma relação indissociável entre forma e conteúdo nesse quesito. Contudo, é necessário perceber que para além de questões de ideologia e de agendas de conjuntura, o bolsonarismo e outros conjuntos de pensamento político de extrema direita que surgiram nos últimos anos, são fenômenos políticos que não poderiam existir sem a dimensão performativa das redes sociais.

E, por performance, se toma aqui um sentido próximo ao dado por Butler (2021), que entende pelo termo a ideia de que atos verbais e não verbais não são só mensageiros de sentidos que comunicam mensagens pré-existentes. Muito mais do que isso, o ato de falar, agir e se comportar de certas maneiras cria e reforça normas e identidades sociais. A performatividade é a reiteração e repetição material (corporal) de normas criadas por (e através) do discurso, em resumo, ela é a colonização, no sentido de sujeição, do corpo pelo discurso. (BUTLER, 2007, p. 154).

Voltando ao tema em discussão, o bolsonarismo, e outros movimentos de caráter ultraconservador que floresceram na ecologia das redes, apesar de cada vez mais se tornarem capazes de moldar políticas públicas e ter impactos perenes no mundo real, possuem uma dimensão essencialmente performativa e digital. Isso porque grande parte da identidade do bolsonarismo, de como ele é visto externamente e mesmo entendido internamente, se constrói continuamente a partir do ativismo político ultraconservador que tomou as redes.

A comunicação bolsonarista, assim como de outros movimentos de extrema direita, opera frente ao colapso dos canais de mediação provocados pelas mídias sociais através de lógicas radiais. Não existem cadeias de mediação, entre as lideranças e os eleitores, com as mensagens sendo transmitidas diretamente dos centros de poder às margens (CESARINO, 2020, p. 106; CESARINO, 2022a, p.156).

Nessa ótica, os mediadores tradicionais passam a ser vistos como manipuladores, como se tivessem uma inclinação natural à falsificação de suas

mensagens. Em outra via, canais de comunicação não mediados, como as igrejas, são privilegiados. A comunicação passa a ser personalíssima, e qualquer comunicação de viés institucional passa a ser mal vista.” (CESARINO, 2020, p. 106).

(...) As condições para esse tipo de eficácia eleitoral advêm de um contexto mais amplo em que, cada vez mais, “o pessoal é político”. Mas também se relaciona a táticas inteligentes, como a fusão ou aproximação da figura de Bolsonaro com outras, retiradas de campos outrora privados como a religião e a indústria do entretenimento, que cada vez mais orientam gramáticas de senso comum e moralidades cotidianas: super-heróis, soldados, policiais, cruzados medievais, anjos, Jesus, etc (CESARINO, 2022a, p. 152)

Na lógica fractal das redes sociais cada sujeito é capaz de customizar os sentidos dos pacotes de mensagens que recebe, embora sempre estabelecendo uma referência comum direcionada a um sentido político (CESARINO, 2022a, p. 164). Nessas realidades customizadas, existe um esfacelamento das estruturas de mediação e verossimilhança epistêmica. Na seara política isso se desdobra no que Han (2022, p.27) chamou de “midiocracia”. Uma vez que o discurso político se torna, e se conforma como, uma modalidade de entretenimento. O estímulo e performance passam a ser mais relevantes que a racionalidade (HAN, 2022, p. 35-36).

Cria-se, dessa forma, um ambiente de disputa contínua pela criação do real. Ou daquilo que Da Empoli (2024, p. 23- 24) sugeriu ser uma sobreposição do real pelo ficcional, permitindo que qualquer narrativa, por mais absurda que seja, possa parecer verossímil. O que importa nas redes é a satisfação de nossos vieses de confirmação (D’ACONA, 2018, p. 64-65). “Construímos uma fortaleza de informação positiva ao redor de nossas crenças e raramente saímos ou espiamos pela janela” (BROTHERTON, 2016, p. 142 *apud* D’ACONA, 2018, p. 65).

O factual/real se dilui e perde seu caráter coletivo frente à natureza dissensual desse novo padrão de relação dos sujeitos com o mundo ao redor, cada vez mais mediado pelas mídias sociais. Nunes (2022), Han (2022, p. 37) e Da Empoli (2024, p 20-21) apontam que, com a impossibilidade de verdades coletivas, as afetividades ganham um papel cada vez mais central na sociedade.

Ou seja, as relações políticas se tornam ainda mais pautadas e atravessadas pela passionalidade: “em uma comunicação afetiva, não prevalecem os melhores argumentos, mas as informações com melhor potencial para estimular” (HAN, 2022,

p. 37). Algo que, como Lynch e Casimiro (2022, p.158) notam, favorece retóricas populistas baseadas na linguagem de afetos e paixões.

E é nesse espaço caótico, infestado por uma linguagem visceral e em que bolhas de opinião impedem a criação de consensos políticos e sociais duradouros, que se constrói, pelas mãos daqueles que Da Empoli (2024, p. 20) chamou de “engenheiros do caos”, o bioma perfeito para a propagação de movimentos de extrema direita populistas. A extrema direita do século XXI existe e se comunica a partir dos parâmetros e ecologia das plataformas (Maly, 2019, p. 7; Cesarino, 2022b, p. 150).

Um ativista político de sucesso na extrema direita contemporânea se tornou alguém capaz de lidar e se adaptar ao dinâmico funcionamento das redes sociais². Um ator capaz de alocar grandes espaços da atenção social de apoiadores e opositores no concorrido mercado do entretenimento digital, através de mensagens de alta toxicidade adaptadas às dinâmicas algorítmicas das redes.

Tóxico é aqui entendido como uma espécie de estratégia de hegemonia discursiva, muito comum nas plataformas digitais, que se baseia na legitimação e reprodução de discursos violentos e agressivos, com grande capacidade de engajamento e replicabilidade, com a intenção de deslegitimar e combater o surgimento de discursos contrários (RECUERO, 2024, p.6). Apropriando-se aqui de uma imagem popular que sintetiza o conceito, por toxicidade podemos compreender, basicamente, “envenenar o poço” do debate.

O caráter tóxico do discurso digital do bolsonarismo (e de outros movimentos de extrema direita) não é acidental ou mero resultado involuntário do caráter destrutivo e dissensual desses conjuntos de formas de pensar o político. Sequer é apenas

² “Setting up successful socio-technical activism, means that one should understand the contemporary media ecologies. Within these ecologies popularity is a coded and quantified concept and as such it is manipulable (van Dijck, 2013, p. 13). It is this digital notion of popularity that opens a whole new domain of digital activism. I (Maly, 2018a) called this algorithmic activism: “algorithmic activists use (theoretical or practical) knowledge about the relative weight certain signals have within the proceduralized choices the algorithms of the media platforms make as proxies of human judgment, in relation to the goals of the medium itself” (Maly, 2018a). This type of activism presupposes that activists not only subscribe to the message they interact with, but also understand the affordances and the algorithmic construction of the medium. That they understand how interaction—according to the popularity principle—generates visibility. As we shall see, the New Right activists of Schild & Vrienden use this knowledge about platforms and algorithms in service of its metapolitical strategy. Metapolitics 2.0 inevitably has an important “algorithmic activist” dimension”. (MALY, 2019, p. 7)

resultado do design das redes sociais que, como notado por Rocha (2023, p. 156); Da Empoli (2024, p. 88); Cesarino (2022b, p.18); Maly (2019,p.7); Munn (2020, p. 8), privilegiam grupos políticos conservadores pela sua arquitetura, formas de interação e mesmo desdobramentos sociais³. A visceralidade e violência do discurso bolsonarista são estratégias de mobilização discursiva modeladas para o ecossistema das redes.

O bolsonarismo, portanto, performa nas redes sua identidade e sua tendência (que percola constantemente para o mundo real) de negar e aniquilar, mesmo que seja apenas na seara discursiva, o outro, o desviante, o indesejável. Contudo, essa toxicidade discursiva contra grupos específicos não parte de bases inéditas. O bolsonarismo, assim como outros movimentos ultraconservadores, capitaliza conflitos subjacentes ao tecido social.

E nesse ponto, discorda-se aqui de Lynch e Cassimiro (2022, p. 155), que acabam por não reconhecer o caráter sistêmico presente na violência discursiva bolsonarista, estabelecendo um conjunto de explicações para a ascensão dessa forma política que perpassa muito mais pela cúpula do poder do que pela sua base. Muito de sua popularidade se deve ao fato de que ele se baseia na promessa pelo retorno de cadeias de dominação e subordinação atualmente em desuso (LAGOS, 2022, p.47).

É essencial que se perceba que a retórica agressiva dos bolsonaristas, recheada de figuras violentas e palavras de ordem denotando ruptura, é tecida com a intenção de angariar o apoio daqueles que detém poder real ou que se ressentem por não concretizar suas expectativas sociais de poder. E esse último grupo, o dos ressentidos, é central para compreender as estratégias de comunicação do bolsonarismo nas redes sociais. “O ressentido se aferra à ideia de ser alguém que foi destituído de seu lugar de direito; por essa razão, se identifica com a condição de vítima.” (STARLING, 2022, p. 95).

Um dos grandes públicos-alvo do bolsonarismo e de outros movimentos reacionários são indivíduos que se sentem indispostos com a ordem social vigente.

³ E muitas vezes não é meramente design, mas uma intervenção direta das Big Techs sobre a política interna dos países. Quanto a esse tema, é particularmente interessante ler o artigo de Mac et al (2024), publicado em 12 de maio no New York Times, em que os jornalistas apontam que Elon Musk teria instrumentalizado o X politicamente contra governos de várias nações do globo, com a intenção de favorecer interesses corporativos.

Sujeitos que se sentem isolados e se acreditam destituídos de seu potencial. Starling (2022, p. 76) e Cesarino (2022a, p.158) apontam como em ambientes onde os indivíduos estão atomizados, em que as instituições e outros meios de mediação coletiva são vistos com desconfiança, existe um retorno a imaginários ligados à religiosidade e à família.

2.2. A guerra pelos significados: tradicionalismo e fundamentalismo religioso cristão digital

Um dos mais notórios e populares bordões eleitorais, entre políticos de viés conservador no cenário eleitoral de 2022, tornou-se a frase “Deus, pátria, família e liberdade”. Slogan muito próximo ao mote eleitoral conservador das eleições de 2018: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Palavras de ordem que, durante os dois processos eleitorais, foram onipresentes em materiais de campanha nas redes sociais tanto para os apoiadores quanto críticos dos políticos que tomaram para si o bordão.

É importante notar que esse bordão não se restringe a meramente fazer menção àquilo que Berlin (1968, p. 12) chamou, ao sintetizar o pensamento de Donald Macrae sobre os elementos constitutivos do populismo, de um “sonho apocalíptico” (Berlin, 1968, p.172). Conceito que define um personalismo próprio desse tipo de expressão política, marcado por ideias de redenção e ruptura social com uma ordem supostamente doente, que dependeriam da ação de figuras messiânicas.

Para além das problemáticas referências ao integralismo e outras vertentes do fascismo presentes nos dois bordões e apontadas por autores como Cavalcanti et al (2022, p. 59); Carvalho e Paiva (2022, p. 219-220); Almeida (2022, p. 365-366), as duas frases sintetizam um elemento essencial para o conjunto de movimentos e pensamentos políticos populistas e reacionários que atualmente chamamos de bolsonarismo. Elas resgatam um apelo metapolítico ao divino.

Metapolítica que é definida por Teitelbaum (2020, p. 62) como um conjunto de estratégias comunicacionais com fins políticos, que tem como seu objetivo a promoção de um projeto específico de governança e Estado através da mudança cultural. Em outras palavras, a metapolítica é a transformação da disputa política em uma disputa por valores e sentidos, por corações e mentes.

“fazer campanha não por meio da política, mas da cultura — das artes, do entretenimento, do intelectualismo, da religião e da educação. São nessas esferas que os nossos valores são formados, não na cabine de votação. Quem conseguir alterar a cultura de uma sociedade terá criado uma oportunidade política para si mesmo. Se não conseguir, não terá chance” (Teitelbaum, 2020, p.62).

Mas como se desenvolveria a metapolítica no discurso digital do bolsonarismo? A partir da instrumentalização política da dicotomia profano/sagrado desenvolvida pela fusão, como notado por Salles et al (2024, p.44); Lopes e Fulaneti (2022, p. 123), de aspectos religiosos e políticos no discurso bolsonarista. Junção de elementos religiosos e políticos dentro de movimentos reacionários, assim como o uso de perspectivas pré-milenaristas no jogo político, que não é inédita ou sequer restrita ao cenário nacional. Muito pelo contrário, elas representam, como notado por Silva et al (2023, p. 60); Gracino Júnior et al (2021, p. 571); Dalmolin (2019, p.285), um padrão consolidado nos certames eleitorais da última década e mesmo na comunicação cotidiana dos agentes políticos com suas bases, do mundo inteiro.

Não é gratuito que, como notado pelo relatório produzido pela Fundação Heirich Böll em 2024 sobre os impactos da religião na política brasileira, o ativismo político digital hegemônico no Brasil seja o neopentecostal (FUNDAÇÃO HEIRICH BÖLL, 2024, p. 16). Nas últimas três décadas os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu nacionalmente. Se em 1980 eles representavam apenas 6% da população, atualmente eles compõem 31% dos brasileiros (CARVALHO, 2023). Estima-se, inclusive, que eles irão superar numericamente a parcela católica da população em 2032 (ZYLBERKAN, 2020).

Politicamente, eles emergiram nacionalmente nos últimos anos como uma das forças políticas mais relevantes no cenário legislativo. Mesmo que ainda não componham a maioria da população, eles são politicamente mais engajados como grupo populacional que os católicos⁴ (CASSAVIA e VIEIRA, 2022), fato que faz com que as pautas e demandas sociais desse grupo sejam cada vez mais importantes para a política nacional.

⁴ É relevante neste ponto mencionar o Projeto de Resolução do Senado nº. 18/2024, de autoria do senador Astronauta Marcos Pontes (PL/SP), que visa criar uma frente parlamentar católica. Embora tal iniciativa legislativa, tendo sucesso, resulte em algo bastante similar (senão idêntico) em práticas e conteúdo à Frente Parlamentar Evangélica, é notável o esforço de parlamentares católicos em reproduzir algo que, para os evangélicos, já existe desde 2003. Algo que demonstra como o engajamento religioso varia entre católicos e evangélicos.

Um evento que não é novo, como pode ser visto no emblemático artigo publicado pelo ex-deputado federal e líder religioso Robson Rodovalho na Folha de São Paulo em 2014, com título: “Antes pedintes, hoje negociadores”. Texto que foi escrito em apoio à candidatura na corrida presidencial daquele ano do Pastor Everaldo. O artigo apontou uma tendência que veio a se consolidar no cenário político nacional, o fato de que parte do eleitorado evangélico compreende as disputas políticas a partir de suas cosmovisões religiosas (LAGO, 2022, p. 61). “Terá a preferência dos evangélicos aquele que, além desse acerto para a vida fora de casa, também tenha e se comprometa com valores que permitam rever a vida dentro de casa.” (RODOVALHO, 2014).

E é importante que se perceba, como apontado por Lago (2022, p. 62), que noções pré-milenaristas, a crença religiosa quanto à segunda vinda de Cristo, são recorrentes entre a maior parte dos neopentecostais e pentecostais que compõem o eleitorado brasileiro. E essa percepção quanto à irreversível e iminente chegada dos fins dos tempos se traduz no pensamento político naquilo que o levantamento produzido pela Fundação Heinrich Böll (2024b, p. 6) e Cunha (2020, p.135) chamou de “retórica da perda”. Por essa, podemos entender uma estratégia discursiva focada na expectativa de um retorno a uma ordem e autoridade originadas em um passado idealizado, e que tem como uma de suas principais bases imaginários de força e virilidade.

Na ecologia das redes, a retórica da perda e o progressivo aumento da importância política do eleitorado evangélico se traduziram no desenvolvimento do ativismo digital reacionário e ultraconservador. Embora seja relevante notar que esse ativismo digital antecede ao bolsonarismo. Políticos de extrema direita evangélicos já exploravam e consolidavam sua presença nas plataformas digitais desde muito antes das eleições de 2018.

Mais do que terem sido influenciados pelo bolsonarismo, é possível dizer que esse último é bastante devedor do ativismo digital evangélico, que lhe legou grande parte de seus imaginários e estratégias. “O ativismo político evangélico de direita impulsionou a polarização política e afetiva e moldou, em parte, o bolsonarismo, que reproduz seus principais apelos e pautas morais antipluralistas.” (FUNDAÇÃO HEIRICH BÖLL, 2024, p. 19).

Podemos ver isso no trecho abaixo, que foi transcrito do vídeo publicado pelo perfil @nikolas_dm no dia 19 de outubro de 2022. Lugar em que o deputado federal do PL Nikolas Ferreira discorre em tom sério, ao som de uma música dramática e cenas de conflitos armados, sobre as supostas consequências catastróficas que adviriam de um retorno do Partido dos Trabalhadores (PT) ao país.

Estamos vivendo um dos momentos mais decisivos da história do nosso país, de nosso povo, de nossas vidas. É chegada a hora em que o Brasil escolherá entre a liberdade e a escravidão, desenvolvimento ou revolução caótica, o combate ao crime ou a idolatria de bandido, o desenvolvimento ou a miséria, liberdade religiosa ou desrespeito a Deus e a fé, defesa da família ou a morte de bebês inocentes e a destruição das relações familiares. No próximo dia 30, o nosso futuro será decidido. A decisão que tomaremos, certamente a mais importante de nossas vidas, definirá se o país continuará no rumo do desenvolvimento e da estabilidade ou se nos renderemos ao caos, corrupção, desordem e miséria. Como aconteceu com todos os países que acreditaram na esquerda? Se você é jovem, decidirá em qual país vai querer viver o seu futuro, numa terra de oportunidades em que seus sonhos podem ser alcançados ou no lugar onde a única opção será implorar ao governo que decida quem você será ou o que você terá. Se você é um pai ou mãe, você vai decidir não apenas o seu futuro e o dos seus filhos, mas também se a sua geração será aquela que venceu e transformou o Brasil no país do futuro, com que você tanto sonhou ou seja aquela que empregará o país de vez aos mesmos enganadores corruptos que quase roubaram o seu futuro. Decidirá acima de tudo se os seus filhos viverão em um país livre ou se viverão em escravidão do silêncio, impotente, subjugados pelos donos do poder. Mas essa decisão não é apenas sua, é de todos os brasileiros. Grande parte do nosso povo está cegado pelas mentiras e narrativas criadas pela grande mídia. Ninguém decide mergulhar o seu país nas trevas de forma consciente. E a ameaça que vivenciamos é, sobretudo, o fruto da derrota da verdade, silenciosa para a mentira. (apud FERREIRA, 2022).

Nessa ótica, o bolsonarismo se tornaria o único caminho viável, e soluções extremas se tornariam possíveis e até mesmo necessárias⁵. O sonho apocalíptico do bolsonarismo é apocalíptico em sua literalidade. O uso da fé é metapolítico. Contudo, é importante notar que esse apelo ao divino e a recorrência de elementos religiosos não fazem do bolsonarismo um movimento político fundamentalista religioso.

⁵ “Na eleição presidencial de 2022, pastores radicalizaram a demonização do candidato petista e de seu partido a ponto de protagonizar casos de assédio, ameaça e exclusão de fiéis eleitores do PT. A campanha pastoral antipetista surtiu efeito: conforme pesquisa do Datafolha às vésperas do segundo turno, Bolsonaro obteve 60,5%% dos votos evangélicos contra 31,5%% de seu adversário no segundo turno.” (MARIANO, 2023, n.p.)

Por fundamentalismo religioso, o presente estudo usa uma definição próxima à de Ruthven (2007, p.5-6). Segundo a qual, o termo faz referência aos movimentos sociais e políticos que, a partir de valores religiosos, assumem posições antagonísticas à secularização e a certos valores e elementos sociais que são associados à “modernidade”. Não, o bolsonarismo é um movimento tradicionalista. Tradicionalismo que também é um termo chave para a presente análise, para o qual usaremos a definição criada por Teitelbaum (2020, p. 20), que classifica o mesmo como um conjunto de crenças e valores que se opõe de forma radical aos valores e pensamento modernos, em prol das estruturas sociais e de pensamento de um passado histórico idealizado.

Os Tradicionalistas aspiram a ser tudo que a modernidade não é —comungar com o que eles acreditam ser em verdades e estilos de vida transcendentais e atemporais em vez de buscar o ‘progresso’. Alguns Tradicionalistas trabalham seus valores em um sistema de pensamento que vai muito além da divisão política moderna de esquerda ou direita: alguns até dizem que esse sistema está muito além do fascismo. Consequentemente, esse sistema infundiu o pensamento de propagadores da direita anti-imigração, populistas e nacionalistas, e o fez de maneira estranha. É anticapitalista, por exemplo, e pode ser anticristão. Condena o Estado-nação como uma construção modernista e admira aspectos do Islã e do Oriente em geral. Isso tem cara de direita? (Teitelbaum, 2020, p. 20).

É importante notar que o tradicionalismo não se confunde com as definições anteriores de fundamentalismo religioso, embora a proximidade entre os dois conceitos seja inegável. Ao contrário do fundamentalismo religioso, que é marcado por uma negação seletiva da modernidade, o tradicionalismo negaria a realidade moderna como um todo. E essa negação é essencial à identidade do bolsonarismo.

Esteja no poder ou fora dele, o principal esforço do discurso bolsonarista é negar a realidade presente. Uma negação que se constrói, particularmente, a partir da própria negação do diálogo nos locais de formação de consenso. Momento em que a performance e toxicidade se confundem no ativismo político. Seja no perfil em algumas das inúmeras plataformas que compõem as mídias sociais, seja no parlamento ou em qualquer outro lugar de livre discurso, o silenciamento do outro passa a ser uma prioridade. Um apagamento discursivo que perpassa pela deslegitimação do outro através do discurso.

Quando os políticos cujos perfis estão em estudo neste trabalho performam suas identidades políticas através de elementos e retóricas religiosas, suas

mensagens consistentemente apontam para rupturas radicais com a realidade presente. É possível dizer que eles realizam algo que Lynch e Cassimiro (2022, p. 138) chamaram de “negacionismo estrutural”. Uma negação do presente, através da construção de uma realidade em que a dimensão política e social se constrói a partir de fronteiras inegociáveis e conflitos que sempre operam em lógicas de tudo ou nada, próprias do discurso religioso.

Por causa de seu caráter reacionário e tradicionalista, a retórica do bolsonarismo é construída a partir da negação do real, por um desejo de destruição das presentes estruturas e modelos sociais de convívio. “A destruição não é efeito colateral do reacionarismo, é o seu propósito.” (STARLING, 2022, p. 80).

Contudo, dizer que o ativismo digital de extrema direita seja apenas negacionista é uma redução da realidade, mesmo que se diga que tal negacionismo opera em nível estrutural. Mais do que a mera negação, parece à análise que eles se guiam por agendas fundamentalmente antiestruturais. Conceito que é tomado emprestado de Cesarino (2022b, p. 167). Segundo a definição da autora, “antiestrutural” são as dimensões da realidade atravessadas por antagonismos essenciais em relação aos valores e instituições dominantes.

Esses perfis, portanto, buscam uma ruptura abrupta com o presente em prol de um futuro ideal que, de maneira anacrônica, também espelha o passado. Contudo, a utopia final do bolsonarismo nunca é percebida como uma realidade próxima, porque ela existe apenas em ideal. A crise, dentro do bolsonarismo, é uma necessidade existencial.

Não é à toa que a expressão “tem que mudar tudo isso que tá aí, tá okay?”, tornou-se uma referência ao bolsonarismo desde sua campanha de 2018. Ela expressa de forma curta uma síntese de todo o espírito do ideário do bolsonarismo, que se fundamenta na percepção da necessidade de uma mudança cujo objeto é sempre vago e totalizante.

2.3. Guerra cultural, empreendedorismo moral e de políticas públicas antigênero

Como conceito, o empreendedorismo moral foi criado por Becker [1963]/(2008), no seio de sua teoria dos rótulos. Para o autor, o desvio e o desviante eram

essencialmente categorias socialmente construídas. Grupos e coletividades, portanto, poderiam ser classificadas como desviantes ao violarem, e serem percebidas como violadores, de alguma regra moral ou jurídica. Regras que, muitas vezes, poderiam ser criadas por agentes sociais, pelos mais variados motivos. Esses agentes sociais criadores de regras seriam, então, os empreendedores morais.

Perceba-se que a criação de uma regra é um empreendimento no sentido mais puro do termo. Como notado por Becker (2008, p.151), criar uma regra social exige não apenas a mobilização de pessoas e recursos, mas também um esforço sistemático e continuado para criar uma legitimidade para essa nova regra, sob o risco de insucesso de toda a empreitada.

E, ainda segundo o autor, a espécie mais comum de empreendedor moral seria o cruzado moral. Um agente que se outorgaria o título de “moralmente puro” e que, a partir dessa suposta pureza, tentaria reformar a realidade à sua imagem e semelhança:

O protótipo do criador de regras, mas não a única variedade, como veremos, é o reformador cruzado. Ele está interessado no conteúdo das regras. As existentes não o satisfazem porque há algum mal que o perturba profundamente. Ele julga que nada pode estar certo no mundo até que se façam regras para corrigi-lo. Opera com uma ética absoluta; o que vê é total e verdadeiramente mal sem nenhuma qualificação. Qualquer meio é válido para extirpá-lo. O cruzado é fervoroso e probo, muitas vezes hipócrita. (BECKER, 2008, p. 153)

E é exatamente esse tipo de criador de regras do qual estamos falando em nossa análise quanto ao empreendedorismo moral antigênero. Até porque, como notado por autores como Reis (2021), Lionço et al (2018), Balieiro e Duque (2018), a despeito de não ser necessariamente vinculado a líderes religiosos, o ativismo antigênero é calcado a partir de valores religiosos.

É importante notar também que esse fato ocorre simultaneamente à tomada de espaços discursivos pelos mais diversos tipos de discursos e narrativas negacionistas, boa parte deles de viés profundamente reacionário. Algo que não é gratuito, posto que os próprios discursos antigênero têm como uma de suas bases argumentativas mais comuns a chamada “ideologia de gênero”, que poderia ser descrita, de forma rude, como a crença na existência de uma estrutura ou conjunto de estruturas de dominação

social, baseadas na criação e propagação de novas identidades de gênero e orientações sexuais.

Falando do conceito, é importante repetirmos o apontamento de Reis (2021, p. 5) quanto a uma flexibilidade dos limites do conceito. Uma vez que, ao ser usado pelos mais diversos agentes, seus limites podem facilmente se alterar ao sabor das circunstâncias.

Quando enunciada, a ideologia de gênero estabelece relações de vizinhança entre agentes definidos como ameaças a uma ordem natural e sagrada, muitas vezes simbolizada pela figura das crianças. O lugar indesejável que ela constitui é paradoxalmente reforçado por aqueles que, quando nomeados, buscam se dissociar da ideologia de gênero. (REIS, 2021, p. 5).

Esse discurso negacionista foi criado, como notado por Lionço et al (2018), pela Igreja católica, tornando-se particularmente popular, na atualidade, entre correntes neopentecostais. Assim como outros discursos reacionários, o seu uso quase sempre é marcado por uma disputa dos sentidos culturais sobre termos e estruturas da realidade. Em outras palavras, ele é uma frente da chamada Guerra Cultural.

Conceito esse, de Guerra Cultural, que é fundamental para a presente análise, uma vez que as redes sociais, que receberão extenso estudo aqui, são atualmente lugares de construção discursiva do real. Contudo, definir o que é a Guerra Cultural é problemático, uma vez que esse conceito é profundamente polissêmico e tem sido apropriado por diversos grupos e agentes políticos, a partir de pautas e vieses diferentes.

A Fundação Heinrich Böll (2024a, p. 6) aponta como o uso do conceito pela extrema direita perpassa pela ideia de hegemonia para Gramsci, que trabalha com a ideia de uma legitimação política não através da força, mas sim da cultura e da política. É importante notar, entretanto, que se aponta que esse conceito geralmente é compreendido a partir da interpretação de pensadores de extrema direita como, por exemplo, Olavo de Carvalho.

Peters (2022, p. 317) apresenta uma definição mais genérica do termo. Segundo o autor, a guerra cultural poderia ser compreendida como o choque de dois ou mais conjuntos de cosmovisões e valores. Um choque que, segundo o autor, comporta algum nível de polarização entre os grupos envolvidos. Uma vez que, sentindo seus pontos de vista e valores em risco, os diferentes grupos sociais assumiriam posições protecionistas às suas próprias referências de mundo, embora

o autor aponte que esses conflitos não são, necessariamente, irresolúveis. Guerras culturais, nessa perspectiva, podem se desdobrar em contextos de coexistência consensual.

Contudo, no Brasil a versão bolsolavista do termo, assim como versões de outros movimentos de extrema direita que seriam dotadas de características paranoídes e de uma abordagem comunicacional *troll*, construiria uma retórica baseada na impossibilidade de convivência com perspectivas diferentes da realidade.

Rocha (2023, p.19), por outro lado, apresentaria uma definição do conceito mais próxima à atual conjuntura social, classificando o termo como uma estratégia de mobilização discursiva a partir de uma retórica inflamada e na construção de imaginários essencialmente conflituosos. “A guerra cultural é uma matriz de produção em série de narrativas polarizadoras cuja radicalização crescente engendra sem trégua inimigos imaginários, mantendo a militância em estado de permanente agitação. (ROCHA, 2023, p. 19).

Considerando os conceitos de Peters (2022) e Rocha (2023), e levando em conta a proximidade do conceito com a definição de metapolítica, a análise escolhe por compreender a guerra cultural como uma tentativa de dominação simbólica do espaço discursivo. Através dela, uma perspectiva ou opinião específica de um grupo ou coletividade se generalizaria para o resto do corpo social, tornando-se não apenas legítima, mas também deslegitimando todas as opiniões diversas.

“Guerra cultural” se refere a um tipo especial de tensão social e política em determinada sociedade. Como o nome diz, esse conflito ocorre na dimensão da cultura — da produção artística, pensamento e reflexão, no universo dos valores e símbolos. Não é como uma guerra civil, que representa um estágio avançado de deterioração do quadro social e institucional. Tampouco se reduz a um conflito de facções partidárias. Justamente por ser um fenômeno do campo da cultura, podemos perceber sua presença de maneira ampla e difusa na sociedade. O que torna esse tipo de tensão diferente é uma percepção, por parte de grupos majoritários ou dominantes, de que as nações e as sociedades em que vivem têm uma unidade e uma identidade que se traduzem em uma essência inalterável. Obviamente, tudo o que divergir dessa visão essencialista (pode ser do Brasil, pode ser do Ocidente), será considerado como uma ameaça radical, pois coloca em xeque a suposta identidade tradicional. Nesse contexto, os próprios indivíduos que desafiam a visão essencialista costumam ver sua missão em termos idênticos, só que com sinal trocado: a existência continuada da sociedade tradicional, com suas ortodoxias características, é um inimigo intolerável, um impedimento à própria existência da cultura desafiante. E é isso o que define a guerra cultural: não é uma disputa entre duas concepções políticas que se alternam no poder, não é uma divergência profunda quanto a leis ou a políticas

públicas, mas sim uma “luta pela alma da nação”, e cada lado só pode almejar o silêncio do outro (WOLF, apud SAYURI, 2019).

O que se chama de Guerra Cultural, portanto, é uma disputa sociopolítica pelo simbólico, uma forma concreta e direta de metapolítica. E, em uma sociedade marcada por uma conectividade cada vez maior entre os sujeitos, esse embate por significados se incorpora ao cotidiano das redes sociais. O resultado dessa integração das lutas simbólicas às redes foi o crescimento dentro delas de discursos odiosos.

E, por discurso de ódio, utiliza-se aqui uma compreensão próxima à de Butler (2021, p. 12), que o entende como um uso violento e performativo da linguagem com o objetivo de ferir e subordinar o alvo do discurso. É importante notar que a escolha do conceito de discurso de ódio trabalhada pela autora não é gratuita.

Considera-se fundamental para a pretendida pesquisa o peso que o instrumental teórico de Butler (2021, p. 53-54) dá à linguagem e a forma como essa molda (e impõe moldes) ao comportamento dos indivíduos, aos quais é esperado que performatizem seus corpos segundo as expectativas sociais muitas vezes baseadas em constructos históricos deletérios e/ou no lugar social daqueles que expressam essas expectativas.

Discursos esses geralmente originários ou mesmo capitaneados por empreendedores morais. Obviamente, não se fala que todo empreendedor moral é um potencial reprodutor de discursos odiosos. Contudo, já é notório que as redes são grandes espaços de mobilização discursiva e que discursos de conteúdo negativo têm uma tendência a terem mais alcance nas plataformas. Junte-se a isso que empreendedores morais antigênero já possuem, essencialmente, uma inclinação a estabelecerem dinâmicas socialmente antiestruturais. Uma vez que operam em uma relação de negação com diversas espécies de estilos de vida e identidades sociais.

É importante perceber, contudo, que a propagação de discursos de ódio não é o objetivo final dos empreendedores morais antigênero. Embora, por si só, ela produza consequências dramáticas para o tecido social. Não, o real objetivo dos empreendedores morais antigênero é a cristalização de seus valores e posições em uma agenda de governo antigênero.

Quando falamos em agenda, apontamos as intenções, ideias e programas a partir dos quais um determinado grupo político acredita que a ação política concreta deveria se guiar. Ainda podemos compreender as agendas como os sistemas de

crenças a partir dos quais se baseiam as políticas públicas (SABATIER e WEIBLER, 2007). Crenças, é importante notar, que não têm relação necessária com as soluções que serão eventualmente originadas delas.

Não é estranho, dentro da perspectiva das políticas públicas, pensar que os problemas são secundários às suas soluções propostas. Muito pelo contrário, é extremamente comum que as soluções hipotéticas para um problema existam e se desenhem antes mesmo dos problemas para os quais elas serão propostas serem sequer aventados pelo agente político.

Como notado por Eder e Cobb (1993), é bastante frequente que a política pública se desenhe a partir do esforço de encontrar um fato que possa justificar um determinado conjunto de ações políticas. Algo que pode ser visto no retorno ao debate social em 2023 do PL nº 580/2007 (PANHO, 2023). Iniciativa legislativa que originalmente foi criada para regularizar as uniões homoafetivas mas que, ao decorrer dos anos agregou outros projetos de lei, um deles o PL nº. 5167/2009, que proibia uniões homoafetivas.

Como foi apontado por um especialista consultado por Panho (2023), não havia viabilidade jurídica para a proibição dessas uniões, a despeito disso a promoção da iniciativa apresentava ganhos políticos. Mesmo sem possibilidades de sucesso, o projeto de lei promoveu a agenda antigênero, colocando suas pautas em evidência e obrigando o governo a arcar com os custos necessários para evitar uma mudança em suas próprias plataformas programáticas.

O objetivo final do ativismo digital dos empreendedores morais antigênero é o que Dalmolin (2019, p. 278-279), ao estudar a comunicação do deputado federal Marco Feliciano do PL no X (plataforma à época da sua pesquisa ainda chamada de twitter), chamou de “ódio biopolítico”. Conceito que agrega ao termo foucaultiano biopolítica, que designa uma forma de exercício de poder baseada no controle da vida e da morte dos grupos que compõem uma população. O ódio biopolítico seria a dominação da vida e morte de grupos sociais a partir de um recorte de gênero, raça, orientação sexual, identidade de gênero, etc.

O que a metapolítica busca é a realização de seus valores e ideais em um programa de Estado. A guerra cultural promovida por ativistas bolsolavistas é, em grande medida, a tentativa de transformar os empreendedores morais em empreendedores de políticas públicas. E por esse último conceito, podemos entender

os atores ou grupos de atores que, independentemente do fato de estarem dentro ou fora do governo e qualquer que seja sua posição na hierarquia das comunidades políticas, despendem seus recursos na defesa de propostas determinadas com a intenção de obter ganhos futuros (CAPELLA, 2010, p. 7-8),. Ganhos que não devem ser interpretados no seu sentido mais vulgar. Embora às vezes o retorno da defesa de uma determinada agenda de políticas possa se traduzir em ganhos concretos, como vantagens eleitorais ou na proteção de interesses caros ao grupo, muitas vezes os ganhos possuem uma dimensão puramente imaterial e, até mesmo, deslocada do próprio objeto de defesa. “alguns empreendedores simplesmente gostam do jogo. Eles gostam de defender direitos, gostam de estar ou perto da sede do poder, eles gostam de fazer parte da ação ” (Kingdon, 2003, p.123 apud Capella, 2010, p.8).

2. 4. Todo progressista é um degenerado moral? A (i)moralidade sexual como chave de interpretação da realidade social e política na perspectiva bolsonarista

A Guerra Cultural apenas é capaz de funcionar a partir de uma negação contínua do real. O negacionismo para a extrema direita é, portanto, estrutural. E, justamente por essa ambição estruturante de alteração do *status quo*, que a negação do real toma costumeiramente a forma de cruzadas morais. A rotulação das formas e identidades não tradicionais como desviantes é uma estratégia essencial para o discurso negacionista, uma vez que é capaz de legitimar a si mesmo frente à sua base ouvinte, a partir de afetos e valores pré-existentes e consolidados.

Um dos inimigos preferenciais da maior parte dos movimentos de extrema direita é a população LGBTQIAPN+, uma vez que esse grupo social não opera dentro dos estritos limites definidos pelas expectativas de tradição conservadora. Reis (2021, p. 2), Lionço et al (2018, p. 617), Balieiro e Duque (2018, p. 11), Miskolci e Campana (2017, p. 730) apontam que a definição desse grupo como inimigos simbólicos no Brasil ocorre a partir da performance religiosa existente no empreendedorismo moral antiLGBTQIAPN+.

Algo que não é fortuito, posto que os próprios discursos antiLGBTQIAPN+ têm como uma de suas bases argumentativas mais comuns a chamada “ideologia de gênero”, teoria conspiratória que se originou dentro da Igreja Católica, e que se

popularizou entre os agentes das mais diversas denominações religiosas de matriz cristã (MISKOLCI e CAMPANA, 2017, p. 726). Crença na existência de uma estrutura ou conjunto de estruturas de dominação social baseadas na criação e propagação de novas identidades de gênero e orientações sexuais.

Não é por menos que o aumento das candidaturas de religiosos ou pessoas ligadas a religiões na política acompanha o aumento da virulência de discursos antiLGBTQIAPN+, como pode ser notado ao se perceber que em 2022 não apenas houve um aumento do número de religiosos na política (VASCONCELLOS, 2023), mas também um aumento de denúncias de discursos de ódio contra a comunidade LGBTQIAPN+ (LUCCA, 2023).

A cruzada moral antigênero nas redes, partindo por essência da negação da legitimidade de outras vivências e identidades, acaba se tornando em campanhas de propagação de discursos odiosos e de preconceitos de fundo estrutural. Um deles, inclusive, como notado por Reis (2021, p.6), é o discurso de corrupção da infância. Como apontado pela autora, a infância é recorrentemente utilizada como um símbolo de vulnerabilidade, um objeto em constante ameaça moral. Algo recorrente em toda a dinâmica dos empreendedores morais antigênero.

Não é por menos que boa parte das bandeiras de ativistas digitais de extrema direita envolvem a educação. Existe um imaginário conservador, muito popular, que vê como contagiosas quaisquer formas de sexualidade e identidade que fujam do padrão heteronormativo. Mais do que isso, teorias conspiratórias como a ideologia de gênero promovem a ideia de que forças diabólicas tentam eliminar a heterossexualidade. Essas crenças acabam encapando o desenvolvimento de pânico morais antiLGBTQIAPN+.

Por pânico moral, apresentamos outro conceito importante para nossa análise. Criado por Cohen, o termo define uma reação social exagerada contra um comportamento ou evento considerado desviante frente aos valores e normas sociais mais comuns. O pânico moral também pode ser compreendido como um mecanismo social de controle e resistência frente a mudanças sociais (MISKOLCI, 2007, p.103).

É importante perceber que, assim como o desvio, os pânico morais são muitas vezes construídos por criadores de normas sociais, uma vez que, como notado por Miskolci (2018, p. 3), eles podem ser instrumentalizados para os mais diversos fins políticos. Algo, inclusive, que ocorre com frequência em relação a pânico morais

antiLGBTQIAPN+. Nesse sentido, Balieiro e Duque (2018, p. 14) e Reis (2021, p. 9) apontam que os malefícios e a ameaça que a ideologia de gênero poderia apresentar ao desenvolvimento infantil são recorrentemente usados como desculpa por conservadores para impedir avanços sociais na área de diversidade.

Contudo, é importante que se perceba que o pânico moral, a guerra cultural e a metapolítica trabalham com realidades solipsistas. Eles não trabalham com o objeto real de seus ódios, precisando desenvolver um duplo imperfeito para os grupos sociais que ela usa como ameaça em seu discurso. O inimigo apontado nas redes é sempre uma caricatura sórdida do original.

Por isso, inclusive, que o termo “pedofilia” é tão recorrente na descrição de desafetos dentro do bolsonarismo e de outros movimentos com pautas antigênero. Existe um esforço para colar na imagem de qualquer defensor de pautas envolvendo os direitos LGBTQIAPN+, direitos reprodutivos ou até mesmo de pautas progressistas, imagens que façam menção a uma ameaça às crianças, como é apontado por Miskolci (2018, p. 2); Miskolci (2007, p. 118); Trotti e Lowenkron (2023, p.5) e Reis (2021, p. 8).

O intuito desse tipo de associação é sempre conduzir reações de repugnância extrema contra alvos específicos. Obviamente, como notado por Miskolci (2007, p.105), parte dessa caracterização já utiliza os estigmas e estereótipos sociais taxados à população LGBTQIAPN+ e mesmo aos marxistas.

Contudo, é interessante notar que as representações de desafetos políticos pelos ativistas e empreendedores morais de extrema direita atualmente se fundem nos discursos das redes sociais, uniformizando-se. Isso faz com que termos pejorativos relativos à sexualidade sejam sempre uma temática recorrente nos discursos de agentes conservadores dirigidos contra adversários políticos, e que temáticas relativas aos direitos sexuais ou à população LGBTQIAPN+ penetrem na discussão política de qualquer temática.

2. 5. O bolsonarismo e suas performances de masculinidade e vulnerabilidade

Movimentos políticos de cunho reacionário contemporâneos, são notórios por estabelecerem uma feroz negação de identidades, formas de expressão social e

estilos de vida que não se enquadrem nos limites socialmente estabelecidos. É perceptível, contudo, uma fragilidade paradoxal nas representações de força e poder de movimentos que, em última instância, constituem-se a partir de uma crítica radical à crise dos papéis de gênero e sexo tradicionais, e uma defesa de valores patriarcais.

Mas por que as mudanças nas formas e estilos de expressão do gênero e sexualidade são encaradas como ameaças tão grandes ao bolsonarismo? Uma resposta curta, apontaria que em suas raízes o bolsonarismo é um movimento político de ressentimento. Seu caráter reacionário e tradicionalista faz com que o movimento se oponha de forma radical a qualquer mudança das relações de poder que estruturam a sociedade. E um lugar social de grande presença das relações de poder é a sexualidade.

Wittig (2022, p.11) discorrendo sobre o tema, aponta que a própria sexualidade é um instrumento político, uma vez que a partir dela são criadas categorias carregadas de sentidos capazes de criar diferenças e moldar comportamentos. Ainda segundo a autora, uma das principais categorias da sexualidade tradicional é a heterossexualidade, termo a partir do qual parte considerável dos limites e contornos das relações de dominação e submissão que atravessam a sociedade são estruturados.

Ao classificar os corpos dos sujeitos a partir das categorias de sexualidade forjadas pelo pensamento heterossexual, conceito definido por Wittig (2022, p.10) como uma visão de mundo heterocentrada, criam-se divisões e categorias entre os diferentes sujeitos, definindo aqueles cuja expressão da sexualidade e gênero se enquadram no espectro heteronormativo como norma, marginalizando todas as expressões e comportamentos diferentes.

Mais do que isso, Rich [1980]/(2012, p. 19) sugere que não só a heterossexualidade é vista como compulsória pela nova direita, mas que mais do que ser heterocentrada ela seria homemcentrada. Haveria uma rejeição da sexualidade feminina e do próprio corpo da mulher, que seria visto apenas como instrumento de realização emocional e erótica masculina. Nesse sentido, heterossexualidade, como ela é vista e imposta por movimentos conservadores, seria uma instituição de dominação de gênero e negação do feminino.

(...) As mensagens da Nova Direita dirigidas às mulheres têm sido, precisamente, as de que nós somos parte da propriedade emocional e sexual dos homens e que a autonomia e a igualdade das mulheres ameaçam a família, a religião e o Estado. As instituições nas quais as mulheres são tradicionalmente controladas – a maternidade em contexto patriarcal, a exploração econômica, a família nuclear, a heterossexualidade compulsória – têm sido fortalecidas através da legislação, como um fiat religioso, pelas imagens midiáticas e por esforços de censura. (...) (RICH, 2012, p. 19).

Contudo, é importante perceber que a partir de estereótipos e rótulos socialmente estabelecidos, mais do que apenas restringir condutas relativas à sexualidade e impor uma heterossexualidade eminentemente masculina, essas normas e categorias heteronormativas visam estabelecer e determinar identidades aos sujeitos (LOURO 2009, p. 18).

Os diferentes grupos sociais utilizam a representação para forjar a sua identidade e as identidades dos outros grupos sociais. Ela não é, entretanto, um campo equilibrado de jogo. Por meio da representação travam-se batalhas decisivas de criação e imposição de significados particulares: esse é um campo atravessado por relações de poder. [...] o poder define a forma como se processa a representação; a representação, por sua vez, tem efeitos específicos, ligados, sobretudo, à produção de identidades culturais e sociais, reforçando, assim, as relações de poder. (SILVA apud LOURO, 2009. P, 18).

O pensamento hétero não se satisfaz apenas com a dominação dos corpos, mas a própria subjetividade dos sujeitos também é vista como disponível para a submissão. Uma submissão que precisa ser completa, abrangendo mesmo a subjetividade dos sujeitos, e é por causa dessa impossibilidade essencial da heterormatividade de conviver com identidades não convencionais que Louro (2009, p. 18) afirma que toda identidade social e cultural é política, uma vez que a mera expressão da identidade é um ato desafio contra-hegemônico.

É importante notar, contudo, que o bolsonarismo radicaliza na sua compreensão e adesão à heteronormatividade, ele é, ou ao menos aspira ser, patriarcal. Entendendo-se aqui o termo patriarcal, no sentido estabelecido por Rubin (2017, p.20). A autora o define como uma forma específica de dominação masculina centrada em estruturas familiares e religiosas de exercício do poder. O poder no bolsonarismo é pensado de forma radial, partindo de figuras masculinas proeminentes, geralmente chefes de família, patriarcas.

E, é por isso, que o bolsonarismo elenca como uma de suas bases de pensamento mais fundamentais a defesa radical de uma visão de sexualidade tradicional, uma vez que o bolsonarismo, assim como outros movimentos de cunho

conservador ou reacionário, opera a partir de uma compreensão sobre a sexualidade baseada em limites estreitos. “Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal” (Butler, 2003, p. 28).

Isso revela dois problemas de fundo, onipresentes em movimentos reacionários como o bolsonarismo, o descontentamento quanto à mudança dos papéis de gênero e a incapacidade de ver soluções coletivas para os problemas sociais. Não é gratuito que o discurso político do bolsonarismo, seja na arena pública, seja na arena digital, é permeado pela retórica antigênero e por uma insistente presença de menções à família, como notado por Silva (2023, p. 19); Silva e Chamcham (2024, p. 263); Miskolci (2007, p. 112) e Rocha (2023, p. 15-16).

Tal fato ocorre, de forma geral, uma vez que uma das razões mais comuns atribuídas por movimentos conservadores contemporâneos para a queda da qualidade de vida dos sujeitos, são as mudanças das formas tradicionais de performance de gênero e sexualidade. “Porque a insegurança decorrente da fragilização dos sistemas conhecidos de proteção parece abrir oportunidades para que, mais uma vez, se convoque “a família” contra o fantasma da subversão moral” (BIROLI, 2018, p. 87).

Dentro do bolsonarismo e de outros movimentos políticos de extrema direita, o poder é estabelecido sempre a partir de uma impotência. A potência, a virilidade e o poder residem no todo ou em parte no futuro, e o presente é sempre demarcado por relações de vulnerabilidade e fragilidade. É exatamente por causa dessas imagens de impotência, desse ressentimento pela não concretização livre das realidades e potências de subordinação e opressão do outro que existem dentro das relações de poder tradicionais, que a retórica do movimento é tão visceral em suas expectativas de futuro.

Como notado por Lago (2022, p. 47), a mudança prometida pelo populismo reacionário é fundamentalmente uma promessa de gozo nostálgico do poder. Um gozo que atravessa desde as elites até àqueles cujo poder é meramente circunstancial, e que se baseia em estruturas de dominação e subordinação históricas.

O discurso do Bolsonaro é direcionado a todo aquele que tem poder, ainda que seja um poder dentro de uma situação subalternizada. É o dono da birosca que tem poder sobre o garçom, o pastor de porta de garagem sobre

seu fiel, o marido que deseja submeter sua esposa, o guarda da esquina que tem poder sobre os transeuntes, o motorista que tem poder sobre os pedestres e ciclistas, o cafetão que tem poder sobre a prostituta, entre tantos outros. Bolsonaro assobia para quem tem poder e sua mensagem é clara: não tenha medo de exercê-lo. Não haverá limites para a realização de qualquer impulso, desde que circunscrito nessa microrrelação. O trabalhador se sentirá autorizado a descontar no corpo de sua esposa toda a opressão vivida na cidade, o garimpeiro, a desmatar sem se preocupar em ser pego, o motorista, a desrespeitar as regras de trânsito impunemente, o homofóbico, a espancar uma pessoa por sua orientação sexual. A senhora de classe média que não deseje pagar hora extra para a empregada doméstica se achará legitimada a fazê-lo. O discurso bolsonarista é feito visando essa fronteira entre o indivíduo e as construções sociais que limitam os seus micropoderes no dia a dia (...) (LAGO, 2022, p. 47).

E é esse esforço não apenas pela manutenção, mas pelo recrudescimento das estruturas de dominação que atravessa a religiosidade dentro da retórica bolsonarista. Aqui, os elementos e representações religiosas são vistos não a partir de um ponto de vista espiritual, mas como instrumentos de legitimação do poder. Inclusive, é por esse exato motivo que o uso da dicotomia sagrado/profano dentro da comunicação do bolsonarismo confunde-se com a dicotomia direita/esquerda.

Também é por isso, que o bolsonarismo é tão avesso a qualquer discussão de temáticas referentes à sexualidade, particularmente àquelas concernentes a questões de gênero e identidade. Nesse ponto, contudo, é importante falarmos de forma um pouco mais detida sobre a relação do bolsonarismo com uma categoria específica da sexualidade, o gênero.

Antes de discorrer sobre como o bolsonarismo compreende as relações de gênero, contudo, é importante apontar os limites e contornos do conceito no trabalho. A questão mais importante, talvez envolva os limites conceituais sobre o que é gênero. Obviamente, o presente trabalho não possui a ambição de esgotar o tema, algo que fugiria não só do problema da presente pesquisa, mas também do escopo desse estudo. O que se pretenderá aqui, é apenas delinear melhor a interpretação do conceito usada no texto.

De início, pode-se apontar que as discussões sobre os limites do conceito de gênero são definidas em duas vertentes principais de compreensão, uma biologicamente determinista e a outra cultural.

Barbieri (1993) define o gênero através de uma perspectiva biologicamente determinista. Para a autora “o gênero é o sexo socialmente construído” (BARBIERI, 1993, p. 4). De forma mais detalhada, elas definem o gênero/sexo como os conjuntos

de sentidos, símbolos, representações, normas sociais e imagens criados pelos diferentes grupos sociais a partir das diferenças gerais anatômicas e fisiológicas encontradas nos corpos humanos. Conjuntos de significados que substanciam e contextualizam desde a mera satisfação das pulsões sexuais, até a construção das diferentes relações afetivas entre os sujeitos (BARBIERI, 1993, p. 4); (RUBIN, 1993, p. 2).

Butler (2003, p. 28), por outro lado, é bastante crítica à uma concepção determinista do gênero. Para a autora, o gênero não é a mera expressão cultural do diferenças anatômicas, ele seria uma criação discursiva condicionada e definida segundo o contexto histórico e os valores socialmente dominantes. Posição bastante próxima à de Lauretis (1994, p. 208), que a partir de um ponto de vista foucaultiano, descreve o gênero (e a sexualidade), como produtos de um conjunto de tecnologias sociais.

Louro (1997) que aborda questões relacionadas à educação a partir de atravessamento de questões de gênero, aponta como o gênero serve de tecnologia de dominação. Uma vez que ele é capaz de criar expectativas de comportamento para os diferentes corpos que moldam as formas como os sujeitos desenvolvem e constroem suas subjetividades e ações coletivas. O gênero, portanto, não só aprisiona os sujeitos à realização de papéis sociais específicos, mas também de restringe e constitui suas identidades (LOURO, 1997, p. 24).

O conceito foucaultiano de "biopoder", ou seja, o poder de controlar as populações, de controlar o "corpo-espécie" também parece ser útil para que se pense no conjunto de disposições e práticas que foram, historicamente, criadas e acionadas para controlar homens e mulheres. Nelas é possível identificar estratégias e determinações que, de modo muito direto, instituíram lugares socialmente diferentes para os gêneros, ao tratarem, por exemplo, de "medidas de incentivo ao casamento e procriação". Aqui também se trata de um poder que é exercido sobre os corpos dos sujeitos, ainda que agora esses sejam observados de um modo mais coletivo — trata-se do "corpo-molar da população". As relações entre os gêneros continuam, sem dúvida, objeto de atenção, uma vez que distintas estratégias procuram intervir nos agrupamentos humanos, buscando regular e controlar taxas de nascimento e mortalidade, condições de saúde, expectativas de vida, deslocamentos geográficos, etc. (LOURO, 1997, p.41)

O gênero não seria, portanto, o resultado de diferenças essenciais. Muito pelo contrário, ele apenas representaria o produto de estruturas de dominação e imposição que se desdobrariam em representações internas e externas sobre o comportamento

dos sujeitos. Retornando para Butler (2003, p.27-28), o próprio corpo é marcado por essas estruturas, já que nossa percepção e interpretação dele, perpassaria pelos significados e sentidos construídos ao redor do gênero. “Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero (...)” (BUTLER, 2003, p. 27).

Para a autora, ao invés do gênero ser apenas a interpretação cultural do sexo, como tomado por Rubin (1993) e Barbieri (1993), o próprio sexo seria um constructo cultural e contextual. Gênero e sexo, portanto, seriam estruturas que criariam moldes a partir dos quais os sujeitos seriam forçados a construir suas identidades coletivas e subjetivas, além de suas performances sociais esperadas socialmente. “Colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas” (BUTLER, 2003, p. 25).

Interpretação do conceito preferida no presente trabalho, uma vez que ela permite a compreensão de uma nova dimensão à ideia de guerra cultural já desenvolvida no texto. Compreendendo o gênero e o próprio sexo como artefatos da cultura, o esforço metapolítico em temas relativos à sexualidade empregado pela retórica de movimentos reacionários como o bolsonarismo, passa de mero artifício para instrumento efetivo de mudança do real.

Não é gratuito que Persson (2021, p.121) notou que o termo gênero é percebido discursivamente dentro do bolsonarismo, em um sentido socialmente negativo e desvinculado tanto às discussões acadêmicas, quanto ao seu significado mais vulgar. O termo se tornou, dentro da perspectiva de movimentos e grupos antigênero, não só um sinônimo para ‘ideologia de gênero’, mas também um repositório semântico genérico de termos que relativos à sexualidade.

E é através desse ressentimento social latente, que movimentos reacionários contemporâneos, como o bolsonarismo, constroem suas bases digitais. O ódio é um sentimento de fácil comunicação e empatização, que pode ser eficientemente instrumentalizado para fins de mobilização, e o meio mais rotineiro desse esforço antigênero no ambiente digital contemporâneo é o meme, como foi notado por Silva (2023, p. 97); Chagas (2020b, p. 276); DeCook (2018, p. 1-2).

2.6. Memes antigênero e processos de viralização

Cada vez mais, atos performáticos se tornam comuns na política, alguns exemplos disso podem ser apontados quando, por exemplo, em 28 de agosto de 2018, durante uma entrevista ao Jornal Nacional por ocasião das eleições presidenciais ocorridas naquele ano, Jair Messias Bolsonaro mostrou às câmeras um livro infantil que ele disse supostamente fazer parte do “kit gay” (COLLETA, 2018); ou quando, em 08 de março de 2023, durante discursos homenagem ao Dia da Mulher na Câmara dos Deputados, o deputado federal mineira pelo PL, Nikolas Ferreira, vestiu uma peruca loira e afirmou ser uma mulher transsexual e, por isso, dona de lugar de fala (PINOTTI et al, 2023); ou quando, por fim, em 10 de setembro de 2024, Donald Trump, nos Estados Unidos, disse durante um discurso da sua campanha presidencial que imigrantes ilegais estariam comendo animais de estimação (CATALINI, 2024).

Embora alguns comentaristas políticos possam dizer que tais fatos políticos não sejam mais do que demonstrações do caráter histriônico dessas figuras, ou mesmo tentativas desesperadas de chamar a atenção, julga-se aqui que tais interpretações perdem de vista um ponto crucial da realidade moderna, o embaçamento dos limites contemporâneos entre o mundo real e o digital, e a centralidade cada vez maior de práticas e estratégias digitais no cotidiano político. Todas as três citadas performances foram, em última instância, desenhadas e pensadas para as redes sociais. As três situações citadas são exemplos de criação de conteúdos políticos virais, memes.

Memes se tornaram na contemporaneidade, elementos essenciais para a construção de identidades sociais, consolidando-se cada vez mais como relevantes instrumentos de ação política (Shifman, 2014); (Mina, 2018). Como notado por Shifman (2014, p. 149), enquanto na era pré-internet os memes eram apenas um pequeno aspecto privado da vida dos sujeitos, atualmente eles se tornaram instrumentos performativos de expressão pública dos mais diversos tipos opiniões e crenças. Nesse ponto, é importante realizarmos um breve apanhado sobre o funcionamento de processos de viralização, e o que são os memes.

Mas o que é viralização? Verturini (2019, p. 128-129), embora aponte que a ideia de viralização é anterior às redes sociais, aponta que a forma que compreendemos atualmente o conceito é consequência da reorganização do mercado de internet dos anos 2000. Frente à premente necessidade de vender anúncios em

um ambiente em que a atenção dos consumidores é cada vez mais escassa por causa do excesso de estímulos e informações, desenvolveram-se metodologias de comunicação específicas para prender a atenção do público. E essa tecnologia é a viralização.

Nesse ponto, é interessante a leitura de um pequeno documento de título “*The sweet science of virality*” elaborado pelo Canal de notícias e entretenimento digital *Upworthy* em 2012, sobre seus próprios métodos de viralização. Embora *Upworthy* (2013) defina de forma bastante simplista o conceito, uma vez que sua compreensão de viralidade era limitada ao que atualmente chamamos de *clickbait*, o documento elaborado pelo site apresentou alguns insights interessantes. Chamando de virais aqueles conteúdos que possuem grande número de compartilhamentos e interações a partir de cada um desses compartilhamentos, ele desenvolve alguns apontamentos bastante interessantes para o presente trabalho, ao detalhar sua metodologia de previsão de viralidade em três fatores: *content*; *framing*; e *sharing*.

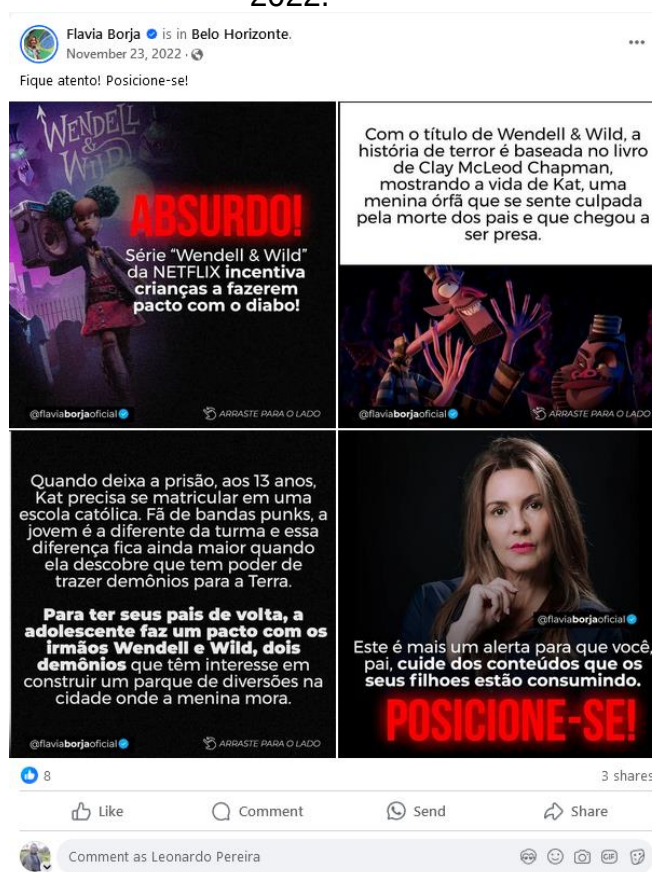
O primeiro, *content*, poderia ser compreendido de forma muito resumida, como a criação de uma narrativa de fácil compreensão e empatização por seus interlocutores. O segundo, *framing*, envolve a forma como os conteúdos são apresentados e enquadrados. Segundo o *Upworthy* (2013), essa forma deve ser simples, acessível, apresentando uma quantidade de informações suficiente para uma compreensão básica, mas sem exigir muito esforço de seu interlocutor. Por fim, por *sharing*, o documento formulado pelo *Upworthy* (2013) aponta que os compartilhamentos dependem da indução das emoções corretas em seus interlocutores. Conteúdos que despertam emoções como indignação e felicidade são mais propensas a se tornarem virais, do que aqueles que produzem tristeza ou relaxamento.

A Figura 1, que contém publicação realizada pelo perfil da vereadora Flávia Borja em 23 de novembro de 2022 no *Facebook*, é um bom exemplo do uso de táticas de viralização digital. Embora a postagem não tenha alcançado sucesso em seu esforço de viralizar, é possível visualizar todos os elementos apontados pelo *Upworthy* (2013) no texto e nas imagens da publicação.

O primeiro, relativo ao conteúdo, pode ser percebido tanto no caráter simples da linguagem usada nos quatro quadros que compõem o *post* quanto em seu conteúdo que usa como premissa uma potencial ameaça de corrupção demoníaca de

crianças. O segundo, concernente à apresentação e forma da mensagem, é visível no caráter altamente imagético da publicação, que usa recursos como imagens, palavras em cores e tamanho diferentes e uma estruturação que prioriza uma visualização através de telas de celular. Por fim, o último elemento consiste no apelo à emoção, no caso a indignação, presente nos quatro quadros.

Figura 1 – Publicação do perfil do Facebook Flávia Borja, de 23 de Nov. 2022.



Fonte: Facebook

Podemos compreender, portanto, que a viralização é um processo sistêmico e altamente emotivo, que se constrói a partir do compartilhamento de mensagens simples, capazes de criar grande identificação e estímulo para os seus alvos. Mas como a viralização se relaciona aos memes, e como esses se enquadram nas agendas antigênero? Bom, inicialmente é importante estabelecermos o que é um meme.

Obviamente, assim como ocorreu com a nossa discussão inicial sobre o conceito de gênero, não temos aqui o objetivo aqui de criar uma definição absoluta sobre o que são os memes. Algo que fugiria dos objetivos da presente pesquisa e ultrapassaria largamente o escopo desse trabalho. O que se pretende, é delimitar de forma breve o conceito, e sua interpretação preferida na pesquisa.

Voltando ao tema, embora tenha se popularizado na cultura digital contemporânea a compreensão do meme como um conteúdo imagético de teor humorístico, o termo contempla limites muito mais abrangentes. O conceito se originou na biologia, aparecendo pela primeira vez na obra "O gene egoísta", de Richard Dawkins, inicialmente se referindo a propagação de material genético.

Dawkins (2006, p.192), contudo, chegou a fazer uma analogia do que ele chamou de memes na genética com a cultura, dizendo que os memes, compreendidos como as estruturas de pensamento e práticas sociais que se propagam entre os indivíduos, são os genes da cultura⁵, comparação que eventualmente foi apropriada e expandida por outros autores que delimitaram uma definição melhor para o conceito.

Blackmore (1999, p.43), por exemplo, define o meme como "instruções para a realização de comportamentos, armazenadas em cérebros (ou outros objetos) e transmitidas por imitação"¹. Chagas (2020a, p.25), por sua vez, compreende os memes como estruturas de pensamentos e formas de pensar de alta replicabilidade que existem, coexistem e são esquecidas de forma orgânica. Definições que embora sejam sofisticadas são demasiadamente abrangentes para a proposta desse estudo.

Para os fins do presente trabalho, compreendemos os memes, aqui restritos aos memes de internet, em um sentido similar ao utilizado por Shifman (2014); Nagle (2016) e DeCook (2018). Compreende-se os memes aqui, como instrumentos sociais participativos e performáticos de expressão, mobilização ou construção de identidades sociais no ambiente digital, baseados em dinâmicas de viralização. "Memes se tornaram um meio de espalhar propaganda e são pequenas pepitas de ideologia política e cultura que são facilmente digeríveis e divulgadas pelos internautas" (DeCook, 2014, p. 1)².

Compreendendo então os memes como poderosos e sofisticados dispositivos de mobilização e comunicação simbólica, resta responder uma questão já colocada anteriormente, e de suma importância para a análise das próximas seções do trabalho. Porque os memes são tão essenciais para as agendas antigênero?

Uma pista para a resposta dessa indagação pode ser encontrada em Chagas (2020b, p.275-276), que falando sobre o uso de memes na política contemporânea aponta o poder deles em amplificar e reforçar a comunicação de agentes políticos junto de suas bases. O meme seria, ainda segundo o autor, uma nova forma de propaganda política, que se apropriaria de estratégias de comunicação política tradicionais como *slogans*, *jingles* e palavras de ordem, adaptando-as para o contexto digital. Um ambiente discursivo atravessado pela dinâmica das plataformas, onde viralização e compartilhamento orgânico são não só elementos essenciais para uma comunicação política eficiente, mas moldam ativamente as formas e conteúdo do discurso.

Ao contrário da publicidade tradicional política que estaria constringida a limites éticos e legais, a única restrição real dos memes para a publicidade política seria sua relevância social. Na verdade, os memes políticos sequer estariam restritos a fronteiras geográficas, uma vez que muitos memes dependem apenas de um arcabouço simbólico comum mínimo para serem compreendidos. Abaixo seguem dois exemplos de memes utilizados em contextos políticos, que demonstram a complexidade e sofisticação presentes em suas criações e uso.

Na Figura 2, podemos ver um meme publicado no *facebook* pelo deputado federal do PL Nikolas Ferreira. Através de uma referência à logomarca da empresa de produtos alimentícios Quaker e uma apropriação do seguinte *slogan* de campanha usado pelo PT na corrida presidencial de 2018: “Lula é igual massa de pão, quanto mais bate mais ele cresce”.

Já na Figura 3, publicada pelo perfil do senador Magno Malta no X em 06 de novembro de 2024, por ocasião da publicização do resultado das eleições presidenciais dos Estados Unidos, podemos observar uma imagem de teor profundamente memético. Na parte superior da imagem existe a colagem da emblemática foto tirada por Doug Mills em 13 de junho de 2024 durante a tentativa de assassinato cometida contra Donald Trump. Já no centro existe uma colagem do presidente americano com os braços abertos, e no canto inferior direito uma imagem dele dançando, uma clara referência à quando ele se tornou viral em todo globo, ao dançar “YMCA” durante um evento de campanha em outubro de 2024. Uma composição que, por seu caráter de caótico, remete ao conhecido meme “Laughing Tom Cruise” que, conforme o site *Know Your Meme*, foi criada por volta de 2006, e

era composta por várias colagens diferentes do ator. Na legenda da publicação, o perfil do senador fez uma referência à famosa frase “*god bless america*”, nome de uma música patriótica de 1918.

Essas duas publicações têm em comum a utilização de artefatos culturais de alta complexidade como propaganda política, utilizando múltiplas camadas de sentidos, signos e símbolos de forma a maximizar a transmissão não só de sentidos, mas estados emocionais. Uma transmissão que jamais é restrita apenas aos públicos-alvo diretos das mensagens, uma vez que ao utilizar e misturar múltiplas camadas de sentidos, eles se tornam capazes de abranger e referenciar capitais simbólicos de diferentes identidades e grupos sociais.

Figura 2 – Publicação do perfil Nikolas Ferreira na plataforma *Facebook*, de 22 de Ago. 2022.



Fonte: *Facebook*.

Figura 3 - Publicação do perfil @MagnoMalta da plataforma X, de 06 de Nov. 2024.



Fonte: X.

Borgetts e Fielitz (2019, p.138), tratando em seu texto sobre o uso de memes nas estratégias discursivas da extrema direita alemã contemporânea, apontaram a importância dos memes, em particular dos memes visuais, como meios de transmissão de ideologia. Para os autores, inclusive, a tendência de discursos de ódio muitas vezes ocorrerem através de memes de caráter humorístico, pode ser entendida como uma estratégia de normalização desse tipo de ideia e discurso no ambiente público (BORGETTS e FIELITZ, 2019, p. 150).

Tornam-se menos estranhas, portanto, performances altamente imagéticas de empreendedores morais antigênero como, por exemplo, quando Nikolas Ferreira, à

época ainda vereador de Belo Horizonte pelo PL, publicou em suas redes sociais em 2022, um vídeo não só pedindo o boicote a uma escola de Belo Horizonte por permitir que uma aluna transgênero usasse o banheiro feminino, mas também expondo o trecho de uma discussão de sua irmã com essa aluna transgênero dentro do banheiro feminino (MARZULLO, 2022); ou quando, em 2023, durante discursos comemorativos do 08 de março, ele fez um discurso antigênero usando uma peruca loira e se declarando uma mulher trans e, portanto, com lugar de fala naquele momento (PINOTTI et al, 2023). O ridículo e o humor, explorados através de memes, são poderosos instrumentos metapolíticos para a reconstrução do discurso público (Silva, 2023, p. 95).

Embora, à primeira vista, os memes pareçam exemplos inofensivos de cultura visual cotidiana e meramente irônicos, eles conseguem transmitir narrativas ideológicas de ódio e intolerância. Estrategistas de mídia de extrema direita estão conscientes da dupla natureza dos memes e transformaram a ambivalência em uma forma de contestação no espaço digital. Os memes têm sido fundamentais para uma transformação das culturas visuais de extrema direita, tornando-as atraentes para o mundo outros círculos e subculturas³. (...) (BORGETZ e FIELITZ, 2019, p. 150).

Uma reconstrução digital da esfera pública do discurso que é realizada em escala global. Como Prado (2021, p.67-68) nota ao discorrer sobre a introdução de ideias e valores da extrema direita norte americana no Brasil através de ideólogos e ativistas, que os diferentes movimentos de extrema direita global dialogam e trocam experiências e estratégias de mobilização a partir da internet.

Não é gratuito, que Teitelbaum (2023), que realizou uma pesquisa antropológica quanto ao desenvolvimento do tradicionalismo na última década, aponta que o primeiro encontro de Alexandr Dugin, um dos principais ideólogos da extrema direita russa, com Olavo de Carvalho, que ainda hoje é uma das principais referências de movimentos reacionários, ocorreu a partir de um evento digital (TEITELBAUM, 2023, p. 161). Os laços que unem os diferentes movimentos de extrema direita do globo são atravessados profundamente pela virtualidade.

Por isso, inclusive, que muitos memes de caráter antigênero são comuns em culturas diferentes. Um exemplo disso, pode ser visto abaixo na Figura 4, que elenca a publicação de 22 de novembro de 2022 da vereadora Flávia Borja. O núcleo da publicação se centra na expressão “quem lacra, não lucra!”. Frase que se originou

como uma adaptação brasileira do meme americano “*get woke, go broke*”. Uma expressão que sugeriria que políticas e práticas consideradas como “*woke*”, ou progressistas em temas sociais, seriam financeiramente deletérias para negócios e empresas (BBC, 2024).

Figura 4 – Publicação do perfil Flávia Borja na plataforma *Facebook*, de 22 de Nov. 2022.



Fonte: *Facebook*.

O próprio termo “*woke*”, também é um bom exemplo do processo de internacionalização metapolítico de ideias e imaginários de movimentos reacionários através de memes. Essa palavra, hoje em dia associada à ideais reacionários, é uma apropriação da extrema direita americana atual de um termo originalmente associado com movimentos considerados de esquerda nos anos 1960 e que apenas ressurgiu em 2017 a partir do movimento *Black Lives Matter*, que tinha como foco discutir a violência policial a partir de um viés racial (BBC, 2024). Através de memes e do

ativismo de *influencers* digitais conservadores como a vereadora belorizontina Flávia Borja, esse estrangeirismo foi agregado ao nosso vocabulário, tornando-se um adjetivo de tom jocoso para práticas e ideias de esquerda em geral.

Torna-se patente, portanto, o grande poder comunicacional de movimentos antigênero para remoldar o discurso público. Contudo, é importante também ter sempre em mente o alerta realizado por Morozov (2018, p.183 - 184), que ao comentar sobre a crise da democracia por causa das fake news, aponta o risco de explicações superficiais que ignoram as causas mais profundas do problema.

O sucesso comunicacional de movimentos de extrema direita por todo o globo, o poder e a relevância de seus memes e estratégias de viralização, apenas existem porque capitalizam sentimentos de descontentamento difusos no meio social. A despeito dos conflitos sociais serem ressignificados pelas lutas políticas a ponto de perderem qualquer lastro com sua origem, suas causas de insatisfação e mal-estar original são legítimas.

Os movimentos políticos de extrema direita norte-americanos, por exemplo, constantemente culpam os imigrantes e outras minorias pelos percalços econômicos sofridos pelos Estados Unidos. A despeito das inferências do trumpismo e da *Alt – Right* serem profundamente baseadas em vieses preconceituosos, elas respondem a anseios e medos sociais que, em maior ou menor medida, foram ignorados pela política tradicional. A mesma coisa pode ser dita do bolsonarismo, que tem na população LGBTQIAPN+ seu principal bode expiatório.

Obviamente, não se defende que questões relacionadas à gênero e sexualidade também não sejam temas comuns do discurso de outros movimentos reacionários. Contudo, particularmente entre os países desenvolvidos, gênero e sexualidade são discutidos a partir de um viés racial. Como notado por Feber (1998, n.p); Boehme e Scott (2020, p.4-5), as temáticas relativas à sexualidade são vistas pelos supremacistas brancos, como desdobramentos da opressão e genocídio racial que eles acreditam sofrer.

Um exemplo concreto disso, poderia ser visto na popularização entre movimentos reacionários de países desenvolvidos da crença na Grande Substituição [no original: *Great Replacement*]. Um conjunto de teorias conspiratórias que, como apontado por Pilkington (2022), embora tenha suas origens no nacionalismo francês

do século XX, tem se popularizado recentemente a partir de seu uso nas últimas décadas em websites como o 4chan e o 8chan.

A Grande Substituição defende que haveria um projeto para substituir a população branca demograficamente por pessoas negras, hispânicas, asiáticas, etc. Como notado por Rose (2022), essa teoria não só já influenciou atos de violência, mas também se tornou socialmente dominante em boa parte do eleitorado americano conservador. Segundo pesquisa do YouGov realizada em 2022, 61% do eleitorado trumpista e 53% dos telespectadores do canal de TV conservador, Fox News, acreditam que a Grande Substituição é uma realidade.

Questões de gênero, portanto, estão ligadas no supremacismo branco a percepções de identidade étnica. Kimmel (2013, p. 257) discorrendo sobre os supremacistas norte-americanos, aponta que uma das bases de seu discurso consiste na deslegitimação da masculinidade do “outro étnico”, daquele que não é considerado um “americano puro”.

O que os supremacistas advogam não é apenas a hegemonia patriarcal, mas sim seu monopólio por um grupo étnico-cultural específico⁴. E como notado por Bento (2022), é justamente essa noção de superioridade, esse ressentimento, que sustenta a violência e agressividade no uso da linguagem. “A branquitude convicta e autoritária permite ao político ser grosseiro, violento, antidemocrático e abertamente racista, homofóbico e machista, uma atitude que provoca identificação de muitos apoiadores de lideranças públicas, mais do que suas políticas” (BENTO, 2022, n. p).

O conservadorismo reacionário brasileiro, por sua vez, não utiliza a imagem do conflito racial de forma direta, a despeito de tomar como empréstimo elementos de manifestações do supremacismo branco americano em suas performances. Algo apontado por Bento (2022), quando um grupo pró-Bolsonaro marchou pela esplanada do STF com tochas, máscaras e roupas pretas em 31 de maio de 2020, numa menção ao protesto promovido por supremacistas e conservadores em Charlottesville, nos Estados Unidos, em 2017.

Embora, como notado por Santos (2023, p. 30), ele atribua na prática, e de forma sutil, mais legitimidade para masculinidades brancas, do que para aquelas não brancas. Contudo, ao contrário do reacionarismo conservador americano que se utiliza de vocabulários e retóricas racializantes de diferença para construir os limites

de sua identidade, o conservadorismo brasileiro possui uma abordagem mais tradicionalista quanto à definição dos limites e forma de seu “eu” político.

Aquilo que o conservadorismo brasileiro declara estar ameaçado em seus memes e no restante de sua comunicação digital não é sua identidade étnica, mas sim o conjunto de valores, imagens e expectativas sociais heteronormativas e hegemônicas, a partir dos quais se estruturam as relações de poder social tradicionais. Crises conjunturais e a precarização da qualidade de vida não são atribuídas a imigração, mas à uma suposta corrupção dos centros de poder político que teriam sido arregimentados, dentro da retórica dos movimentos conservadores brasileiros, por agentes moralmente perversos.

3. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Esse capítulo tem como intenção desvelar não só as técnicas e processos por trás da confecção da pesquisa aqui realizada, mas também as metodologias e ideias que estruturaram cada etapa da tessitura desse texto. Assim como os fios de uma vestimenta ou outra peça de tecido, construir um texto acadêmico é um trabalho que exige urdir, entrelaçar e compor argumentos, fatos e dados, de forma que esses formem um todo mais ou menos consistente. Um laborioso e lento trabalho artesanal, onde os erros são também importantes, uma vez que suas lições moldam o trabalho tanto quanto os acertos.

Tendo isso em conta, a primeira seção desse capítulo realizará um breve resumo quanto ao percurso metodológico experimentado na realização dessa pesquisa. Essa parte do texto se preocupará em delinear os maiores problemas encontrados na elaboração da metodologia por trás desse texto. Além disso, essa seção também se preocupou em apontar e detalhar os vários procedimentos desenvolvidos no levantamento, processamento e análise dos dados do presente estudo.

A segunda parte do capítulo detalhará as razões que motivaram a escolha dos três agentes políticos, cujo discurso nas redes sociais é objeto desse estudo. Essa seção do trabalho mostrará tanto a posição e relevância sociais dos citados agentes, que em última instância justificam sua escolha para figurar na presente pesquisa, quanto a importância de tomar os três agentes como uma espécie de microcosmo do debate político no campo ultraconservador da época.

A terceira parte do capítulo discorrerá sobre a decisão quanto às plataformas digitais utilizadas, a partir das quais foi realizada a coleta de dados. Essa seção do texto irá explicitar as razões pelas quais só o *X* e o *Facebook* foram escolhidos para figurar como fontes primárias dos dados do estudo, e qual era o papel das duas redes sociais citadas na construção do discurso público da época em recorte.

Por fim, a última seção se preocupa em discorrer sobre a escolha do período de recorte para a análise. Se discutirá e delineará as razões pelas quais dentre todo o conturbado contexto político e social da época, escolheu-se o período de setembro de 2022 até o mês de janeiro de 2023 como o recorte temporal do estudo.

3.1. O percurso metodológico

Como foi notado no preâmbulo desse capítulo, a construção de uma pesquisa muitas vezes perpassa pela acumulação de erros e acidentes de percurso. Contudo, como também já foi explicado, um texto não existe sem os erros e problemas que surgem, mas que são superados durante sua escrita. Assim como em um palimpsesto, onde trechos de textos antigos são visíveis no papiro, nunca inteiramente apagados, a presente pesquisa foi forjada a partir (e sobre) de suas versões superadas e abandonadas. Tendo isso em consideração, a presente sessão do texto se destinará a realizar um breve histórico dos desafios e problemas na construção da presente pesquisa.

No seu desenho inicial, a presente pesquisa pretendeu analisar publicações do perfil oficial do *Facebook* do deputado federal mineiro do PL (à época ainda vereador de Belo Horizonte) Nikolas Ferreira, entre o início da sua campanha eleitoral em 2020 para a câmara de vereadores de Belo Horizonte, até o término das eleições de 2022, quando ele foi eleito deputado federal. Um problema encontrado nesse desenho inicial e que, eventualmente, causou sua reformulação, foi a limitação de seu escopo de análise. Ao usar como seu objeto de pesquisa apenas um único indivíduo, criou-se uma grande limitação quanto ao escopo das possíveis conclusões e resultados da análise.

A partir de conversas com meu orientador, de discussões com outros alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC Minas, chegou-se a um segundo desenho de pesquisa. Mantendo o recorte temporal, cogitou-se incluir na análise os perfis oficiais do deputado estadual do PL por Minas Gerais Bruno Engler, da vereadora de Belo Horizonte pelo DC Flávia Borja do DC e do senador do PL pelo Espírito Santo Magno Malta do PL. Além disso, pretendeu-se coletar as publicações não só do *Facebook*, mas também do *X*, do *Instagram* e do *TikTok*. O principal problema desse novo desenho de pesquisa foi sua viabilidade. Considerando as limitações de tempo e recursos presentes em um mestrado, percebeu-se que o escopo da pesquisa havia sido ampliado de forma exagerada.

A terceira remodelação, que terminou por ser o desenho atual empregado na construção do estudo, diminuiu o recorte temporal para o período entre setembro de 2022 até o final de janeiro de 2023. Além disso, também reduziu as redes sociais para a coleta de dados de apenas duas, o *X* e o *Facebook*, e os políticos objeto de estudo

para três: Nikolas Ferreira; Magno Malta; e Flávia Borja, por razões que serão apresentadas adiante.

É importante notar, contudo, que a consolidação da terceira remodelação como o desenho atual da pesquisa criou um desafio metodológico que é necessário mencionar, antes de passar para a discussão das outras etapas do trabalho. Embora, por motivos que serão desvelados mais à frente, escolheu-se os perfis dos parlamentares no X como uma das fontes de coleta de dados, a citada plataforma realiza uma filtragem interna dos resultados disponibilizados pelo recurso de pesquisa avançada disponível na rede social.

Explicando de forma mais elucidativa, ao contrário do *Facebook* o algoritmo de buscas do X não expõe todos os resultados disponíveis dentro dos requisitos delimitados no recurso de busca. Mais do que isso, o mecanismo de busca da plataforma disponibiliza resultados diferentes de acordo com os períodos de início e fim estabelecidos no sistema busca.

Como é expresso em artigo disponível no fórum *X Help Center*⁶, site vinculado à rede social e que se presta a disponibilizar ao público em geral informes e decisões da plataforma, os mecanismos de buscas do X apresentam apenas um recorte do conjunto total de publicações solicitadas. Uma seleção que é realizada a partir de decisões e políticas internas da plataforma e que não são reveladas ao público.

Esse problema, contudo, não é recente ou limitado à presente pesquisa. Mozelli (2023) e Walker (2024) apontam em seus textos que desde a aquisição da plataforma por Elon Musk em outubro de 2022, a rede social tem se tornado progressivamente um espaço cada vez mais hostil para a realização de pesquisas acadêmicas. Walker (2024), inclusive, chega a apontar que a plataforma deliberadamente tem negado o acesso de *Application Programming Interfaces* (APIs), softwares de pesquisa algorítmica dos dados da plataforma que no passado eram de acesso livre para acadêmicos e pesquisadores.

Não sendo possível encontrar uma forma de ser imune a esses filtros internos ao X, a presente pesquisa tentou minorar esse problema segmentando o período recorte no mecanismo de busca da plataforma, uma vez que se percebeu que em

⁶ Veja o artigo no link a seguir: <https://help.x.com/en/rules-and-policies/x-search-policies> Acesso em 04 de Jul. 2025.

períodos maiores de 15 dias a filtragem do algoritmo tendia a esconder resultados com maior regularidade. Além disso, foram realizadas múltiplas buscas com os mesmos critérios de pesquisa em dias e horários diferentes para a coleta.

Abaixo, segue tabela colacionando os dados da pesquisa:

Tabela 1 - Estruturação dos dados obtidos a partir da coleta de publicações nos perfis oficiais do X e do *Facebook* dos personagens de nosso estudo, durante o período de recorte.

Ator Político	Plataforma	Set/22	Out/22	Nov/22	Dez/22	Jan/23	Total de Publicações	Total de Vídeos
Nikolas Ferreira	<i>Facebook</i>	50	82	7	9	8	156	62
	X	172	109	67	77	79	504	75
Flávia Borja	<i>Facebook</i>	20	9	38	24	15	106	22
	X	0	21	41	20	9	91	3
Magno Malta	<i>Facebook</i>	254	94	76	89	39	552	423
	X	3	13	20	16	9	61	24
Total de Publicações no X					656			
Total de Publicações no Facebook					814			
Total de Publicações					1470			

Fonte: dados originais da pesquisa.

Ao todo, foram levantadas 1.470 publicações dos três legisladores no período de setembro de 2022 à janeiro de 2023. Dessas, 814 publicações foram obtidas no *Facebook* e 656 foram levantadas no X. Do montante de 1.470 publicações, 609 se constituíam de vídeos. Detalhando melhor esse número, 507 das publicações realizadas pelos perfis pesquisados no *Facebook* eram de conteúdo audiovisual. No X, esse número foi de apenas 102.

O agente político com mais publicações no *Facebook* foi o senador Magno Malta, com 552 postagens. O deputado federal Nikolas Ferreira e a vereadora por Belo Horizonte Flávia Borja publicaram, respectivamente, 155 e 106 publicações ao todo na plataforma, no período. Já no X, Nikolas Ferreira efetuou mais publicações, realizando 504 postagens. Magno Malta e Flávia Borja publicaram, respectivamente,

61 e 91 publicações na rede. Quanto à publicação de material audiovisual, Nikolas Ferreira, Magno Malta e Flávia Borja publicaram, respectivamente 137, 447 e 25.

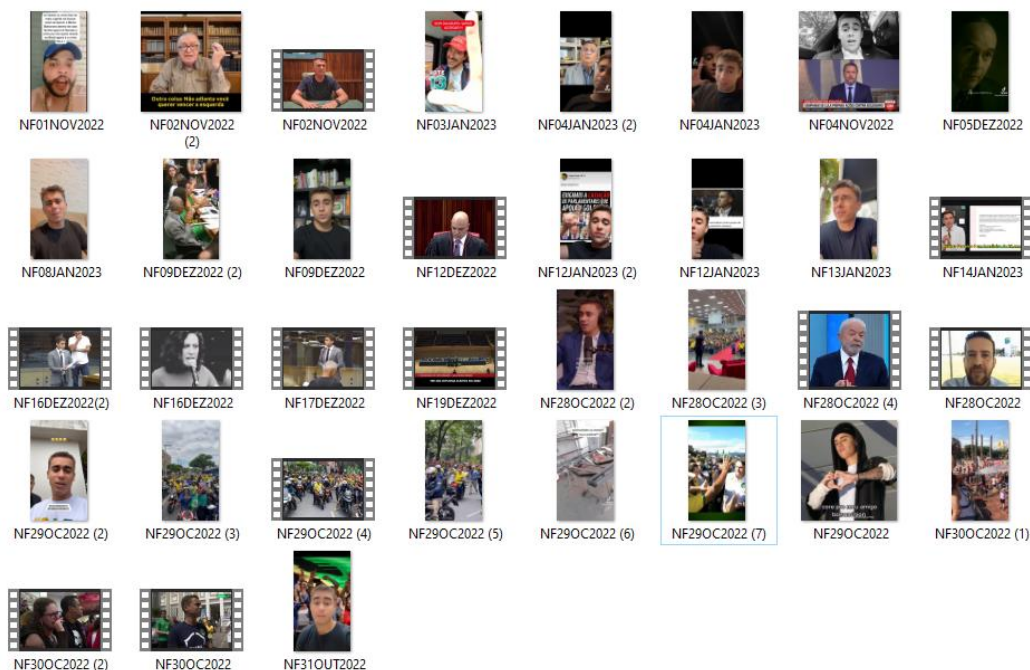
Voltando à discussão metodológica quanto à construção da pesquisa, é importante fazer observações quanto ao desenvolvimento da metodologia empregada no levantamento, categorização e classificação dos dados obtidos no X e no Facebook. Nesse sentido, embora inicialmente a proposta do levantamento envolvesse a construção de uma pequena ficha catalográfica para cada uma das publicações, que conteria *prints* de cada uma delas, seguido por suas legendas e, no caso de imagens e vídeos, de descrições e transcrições de seus conteúdos, percebeu-se que tal dinâmica complexificava demais a coleta de dados, sem trazer um retorno. Por questões de praticidade, optou-se apenas pela coleta dos *prints* das publicações de texto e imagem em um arquivo word em apartado, respeitando a ordem de publicação em suas respectivas *timelines*.

Abrindo uma exceção, contudo, no caso dos vídeos, onde juntamente com o print da *thumbnail* também seria colocado um código de classificação que referenciaria a publicação ao arquivo de vídeo em formato MP4 arquivado digitalmente. Os arquivos correspondentes de cada plataforma foram organizados em pastas diferentes, com o título da rede social, dentro da qual haveria subpastas com as iniciais do nome de cada um dos agentes políticos e que se arquivariam todos os arquivos de texto e vídeo concernentes à pesquisa.

O citado código de classificação das publicações em vídeo levou em consideração a seguinte ordem: Letra inicial do nome da rede em que foram obtidas; duas letras identificando o nome do dono do perfil em que foi levantada a publicação; dois números identificando o dia; três letras para identificar o mês; quatro números para identificar o ano; e um número entre parênteses indicando a ordem da postagem na *timeline* (quando couber).

Abaixo, segue como exemplo da metodologia de classificação dos arquivos audiovisuais um print do conteúdo da pasta com a documentação audiovisual publicada pelo deputado federal no X, durante todo o período de recorte.

Figura 5 - Print do conteúdo da pasta de material audiovisual publicada pelo deputado Nikolas Ferreira no X, durante o período de recorte.



Fonte: arquivo da pesquisa.

A transcrição de cada um dos vídeos foi realizada com o apoio da ferramenta de inteligência artificial ASSEMBLYAI. O citado programa, é uma plataforma de Inteligência Artificial (IA), especializada na área de reconhecimento de fala e linguística computacional. Explicando de forma mais simples, ela é uma ferramenta online capaz de transcrever arquivos de vídeo e som com alta precisão.

A escolha por trás do uso desse recurso se deu não apenas por sua praticidade, mas também pela sua viabilidade material frente aos recursos disponíveis para a realização do presente estudo. Embora a ASSEMBLYAI possua planos de serviços pagos, as limitações do plano gratuito não atrapalharam o desenvolvimento da pesquisa. É importante notar, que o plano gratuito da ferramenta de inteligência artificial, permite o limite de até 100 horas de transcrições, montante que excede largamente o total de duração de material audiovisual coletado.

Também é necessário apontar que a despeito do processamento dos dados ocorrer nos servidores da plataforma, todos os materiais audiovisuais transcritos através dela para o presente estudo já são de acesso livre em suas respectivas plataformas não havendo, portanto, problemas éticos quanto à privacidade dos dados transcritos.

Todas as transcrições, depois de revisadas e ajustadas foram documentadas em um arquivo em formato txt, juntamente com o texto das legendas das outras publicações, formando o corpus textual analisado pela ferramenta de processamento de dados IRAMUTEQ (em francês, *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). A partir dele, foi realizada a classificação e a identificação de padrões no uso das palavras presentes no corpus, um procedimento conhecido como lexicografia.

Realizando uma breve apresentação do citado recurso, ele é um programa de acesso gratuito desenvolvido sob a linguagem R, possuindo licença de software livre e código aberto. Sua principal função é permitir análises textuais através de ferramentas estatísticas, além disso, ela também permite a criação de imagens e interfaces visuais capazes de condensar e resumir de forma simples, conjuntos de dados textuais complexos, facilitando sua interpretação e compreensão.

A decisão por trás de sua utilização, foi fundada tanto na praticidade do uso do software demonstrada por pesquisas como Souza (2018); Acauan et al (2020); e Nascimento Martins (2022), quanto no sucesso obtido na tessitura Pereira (2024), um artigo construído a partir de resultados preliminares do presente estudo cuja metodologia se centrou no uso do citado programa de processamento de dados, e que posteriormente foi publicado em 09 de outubro de 2024 na Aurora, a Revista do Programa de Ciências Sociais da Unesp.

O uso do programa resultou não apenas na elaboração de tabelas com os resultados encontrados, mas também na produção representações e interfaces visuais que sintetizam e ilustram os dados encontrados. Um exemplo dessas representações e que foi largamente usado no estudo, são uma nuvem de palavras. Interfaces visuais que indicam, por meio do tamanho e da posição central de palavras dentro de um aglomerado de outros termos que compuseram o corpus textual, a frequência com que elas apareceram nas diversas publicações do X e do *Facebook* dos agentes políticos objetos desse estudo. Também foram usadas árvores de similitude, que apresentaram graficamente a coocorrência de termos, bem como seus padrões de conexão interna.

Depois de levantar, colher e catalogar os dados se passou para a fase de triagem. Separou-se as publicações colhidas em três grandes conjuntos. O primeiro foi formado pelas publicações de conteúdo meramente eleitoral, o segundo pelas

publicações de conteúdo conservador/reacionário e o terceiro, por fim, foi formado pelas publicações de conteúdo discriminatório especificamente contra a população LGBTQIAPN+. A partir da discriminação do terceiro conjunto e de suas interseções, passou-se para a fase de análise.

Como já foi especificado em seções anteriores do texto, a presente proposta de pesquisa pretende realizar um estudo qualitativo, tendo como seu objetivo principal analisar e compreender as variações e semelhanças nos usos de discursos antiLGBTQIAPN+ entre os perfis do X e do *facebook* dos agentes políticos citados.

Por conta disso, escolheu-se usar o método comparativo, uma vez que se acredita que essa metodologia é a mais apropriada para o escopo do estudo proposto. Mas o que é o método comparativo? Uma resposta inicial poderia passar pela definição do termo dada por Lakatos (1981) que o define como: “o estudo das semelhanças e diferenças entre diversos tipos de grupos, sociedades ou povos contribui para uma melhor compreensão do comportamento humano” (LAKATOS, 1981, p. 32). Marconi e Lakatos (2019, p. 114), por outro lado, chegam a dizer que o método se trataria quase de uma forma de “experimentação indireta”, uma vez que usaria a observação e análise de dados concretos, para o desenvolvimento de premissas e hipóteses complexas e abrangentes, definição preferida pelo presente estudo.

Como notado por Lijphart (1971, p. 691), uma das grandes vantagens do estudo comparativo é que ele pode ser realizado com recursos, esforço e tempo muito mais restritos, alcançando conclusões a partir de um pequeno número de casos, muito mais aprofundadas (embora limitadas pelo conjunto de dados) do que provavelmente seriam obtidas através de onerosas análises estatísticas com inumeráveis variáveis.

Com esses elementos, foi realizada uma análise comparativa de caráter qualitativo, considerando tanto os padrões extraídos das informações estatísticas sintetizadas pelo IRAMUTEQ quanto aqueles percebidos a partir da leitura e interpretação dos textos e fragmentos textuais. Nessa etapa final, buscou-se também explorar as relações entre os padrões observados nas imagens geradas e os elementos visuais contidos no material audiovisual transcrito, além de comparar essas informações com os padrões identificados nos textos escritos.

3.2. Sobre os políticos cujas redes foram objeto dessa pesquisa

Uma pergunta cuja resposta é importante para entender as razões da elaboração do presente estudo, constitui-se quanto à razão da escolha dos perfis do *Facebook* e X do deputado federal Nikolas Ferreira, do senador pelo Espírito Santo Magno Malta e da vereadora do município Belo Horizonte Flávia Borja. Dentre todos os políticos e ativistas conservadores que usam as redes sociais para promover suas ideias e discursos, por que o presente estudo decidiu dar atenção a esses três?

Antes de responder a essa questão, é importante apresentar esses três agentes políticos. Obviamente, considerando que o próximo capítulo detalhará de forma mais cuidadosa os detalhes da biografia de cada um deles, nesse momento apenas apontaremos de forma geral apenas alguns detalhes sobre a biografia e carreira política de cada um.

Começando pelo mais jovem dos três parlamentares, Nikolas Ferreira nasceu em 1996 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Filho de um pastor evangélico, ele começou sua atividade política criando conteúdos de temáticas conservadoras para o Youtube, durante as Jornadas de Julho de 2016. Foi nessa mesma época, inclusive, que ele começou a travar íntimas relações com a família Bolsonaro (CRAVO, 2020). Seu primeiro cargo eletivo foi em 2020, quando ele foi eleito vereador em Belo Horizonte pelo Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), com a 2º maior montante de votos, perdendo apenas para a vereadora Duda Salabert, um de seus maiores alvos durante a campanha daquele ano por ser uma mulher trans (EMILIANA, 2020; NASCIMENTO, 2020). Em 2022, concorrendo pelo Partido Liberal ao cargo de Deputado Federal por Minas Gerais, recebeu o maior número de votos ao cargo em toda a história de Minas Gerais, e foi o deputado mais bem votado no Brasil daquele ano (NIKOLAS [...], 2022).

Passamos agora para o mais velho dos três agentes políticos estudados. Magno Malta é natural da cidade de Maracani, na Bahia, nascendo no ano de 1957. Pastor evangélico desde os anos 1980 (TELES, 2023), Magno Malta começou sua carreira política se candidatando a vereador na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo em 1993 pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) (BRASIL, [s.d.]; OLIVEIRA, 2022). Ainda no PTB, ele foi deputado estadual pelo Espírito Santo de

1995 a 1999. A partir de 2003 ele mudou sua sigla para o PL, se elegendo para o senado nas candidaturas de 2003 a 2011, 2011 a 2019, 2023 a 2031.

A última dos três membros do legislativo estudados é a vereadora de Belo Horizonte pelo Democracia Cristã (DC) Flávia Borja. Natural de Belo Horizonte e nascida em 1972 (BELO HORIZONTE, 2025), Sua carreira política começou em 2020, quando ela se elegeu vereadora de Belo Horizonte pelo Partido Progressista (PP). Em 2022, ela não teve sucesso em sua candidatura ao cargo de deputada estadual em Minas Gerais pelo PP. Mudando de sigla para o DC em 2024, ela se elegeu pela segunda para a Câmara de Vereadores de Belo Horizonte (BELO HORIZONTE, 2025; BELO [...], 2024). A vereadora ganhou notoriedade no noticiário mineiro, tanto por suas declarações públicas contra a população trans (CAIXETA, 2023), quanto por seus projetos de leis que versavam sobre esse mesmo grupo (MELO, 2025; VIGLIONE, 2023).

Voltando a pergunta inicial, sua resposta mais sintética e direta a essa pergunta, perpassaria por apontar o grande poder e influência comunicacional que cada um desses três agentes políticos detém. Embora, em uma resposta mais detalhada, é relevante que apontemos que cada um desses agentes, embora ocupem o mesmo campo político e reproduzam discursos tematicamente muito próximos nas redes sociais, eles reproduzem modelos de estratégia comunicacional nas redes, por questões de carisma pessoal, trajetória política e circunstâncias diversas, muito diferentes.

Um exemplo disso, adiantando questões que serão tratadas com maior profundidade no próximo capítulo, podem ser vistos no uso instrumental que cada um deles faz das duas plataformas em estudo. Algo que, embora também vá ser discutido com mais profundidade e cuidado no próximo capítulo, ira ser abordado de forma bastante breve.

O deputado Federal Nikolas Ferreira, por exemplo, embora possua presença tanto no *Facebook* quanto no X, concentra no último a maior parte de seu esforço comunicacional. Priorizando uma linguagem altamente interativa com outros usuários das redes. O senador Magno Malta, por outra via, foca sua ação comunicacional no *Facebook*, desenvolvendo um uso mais instrumental e menos interativo das duas redes. A vereadora belorizontina Flávia Borja, ao contrário dos dois outros agentes

políticos cujos perfis foram usados na pesquisa, é a que tem menor presença nas redes sociais, embora seja a parlamentar estudada de retórica mais agressiva.

E é importante que se mencione, que sequer se falou aqui dos padrões encontrados nos conteúdos de cada um deles, que também apresentam diferenças significativas quanto à abordagem e às estratégias de exposição dos conteúdos, nos perfis de cada um dos três agentes públicos. Evidenciam-se, portanto, as diferenças que justificaram o uso dos três citados perfis no presente estudo.

3.3. Das redes escolhidas para essa pesquisa

Cabe agora, explorarmos as razões do presente estudo ter escolhido o X e o *Facebook* como suas fontes primárias para o levantamento de dados. Se observamos os dados do DataReportal, uma plataforma global de referência que fornece relatórios abrangentes e análises detalhadas sobre o uso da internet e mídias sociais em escala mundial, perceberemos que o uso de redes sociais é dominante entre a população brasileira.

Segundo dados do relatório de 2022, no início de 2022, havia 171.5 milhões de usuários de redes sociais entre a população brasileira, que na época se estimava em torno de 214.7 milhões de pessoas (KEMP, 2022). Embora mesmo Kemp (2022) aponte que essa estimativa não seja exata, uma vez que esse número de usuários de redes sociais desconsidera a existência de contas falsas, é razoável imaginar que ao menos a maioria da população com acesso à internet, cerca de 77% da população (KEMP, 2022), era usuária de pelo menos uma plataforma social.

Como já foi discutido no capítulo anterior, as redes sociais assumiram um papel cada vez mais central na construção do discurso público contemporâneo. Na verdade, mais do que tomar meros espaços da construção do debate social, elas se tornaram arenas de destaque onde se constroem os conflitos e discursos na sociedade, muitas vezes pautados pelas próprias plataformas.

Como notado por Saad (2020, p. 153) as plataformas não só interagem com o tecido social, mas também moldam e mudam a tessitura da sociedade. Cesarino (2022a, p. 164), inclusive, chega a dizer que as plataformas mudam a própria percepção do real dos sujeitos, ao permitir que eles customizem seus pacotes de

sentidos e interações. Os sujeitos, então, experienciam realidades fractais, tangenciadas e formatadas por algoritmos e interesses corporativos.

A despeito de já termos utilizado o conceito de plataforma nos capítulos anteriores, surge aqui a necessidade de delimitarmos de forma mais específica o seu sentido, uma vez que justificaremos o motivo de termos escolhido duas redes específicas para o levantamento de dados dessa pesquisa.

Discorreremos longamente no capítulo anterior sobre os efeitos e as contribuições das plataformas, tanto no aumento da toxicidade discursiva no âmbito público, quanto no seu papel central para a formação de públicos antiestruturais (CESARINO, 2022b, p. 167). Contudo, não falamos especificamente sobre as próprias plataformas. Afinal, o que são as plataformas?

Uma resposta a essa pergunta, poderia começar a partir da compreensão de como surgiram as plataformas. Van Dijck (2013, p. 5-6); Helmond (2019, p. 54) considera a plataformização uma consequência da reestruturação da relação dos sujeitos com a internet. Ao invés de ser vista como um repositório de informações e dados, ela passa a ser compreendida como uma infraestrutura de serviços. Em outras palavras, embora as plataformas tenham surgido como simplificações de elementos e potenciais presentes na internet, hodiernamente elas se tornaram o que nos compreendemos como a internet.

Com a maturação da Web 2.0 em uma infraestrutura funcional, os usuários passaram a levar mais de suas atividades cotidianas para ambientes online; essas atividades não eram simplesmente canalizadas por plataformas, mas programadas com um objetivo específico. Essa mudança deslocou o foco de fornecer uma utilidade para oferecer um serviço personalizado—uma transformação semelhante à mudança de entregar água por meio de encanamentos para distribuir água engarrafada da Evian ou um sistema de filtragem de água. Enquanto antes os sites geralmente funcionavam como condutores de atividades sociais, as novas plataformas transformam cada vez mais esses condutores em serviços aplicados, tornando a Internet mais fácil de usar, mas mais difícil de modificar. As plataformas de mídia social, como são comumente chamadas hoje, exemplificam a grande conversão de dispositivos de uso geral para serviços aplicados lineares—um desenvolvimento que Jonathan Zittrain (2008, 104–107) chamou de forma persuasiva de "aparelhização" ("*appliancization*"). Quando as empresas começaram a construir suas plataformas sobre a infraestrutura genérica da Web 2.0, muitas se apresentavam como utilitárias, transmitindo dados de comunicação e informação. Mas, mesmo que muitas grandes plataformas ainda queiram que as pessoas as vejam dessa forma, essa camada de plataformas aplicadas está longe de ser um utilitário neutro que explora um recurso genérico (dados): elas foram construídas sobre as bases "ideológicas

e tecnológicas" da Web 2.0, como sugerem Kaplan e Haenlein na definição citada acima. (VAN DIJCK, 2013, p. 6)¹.

Durante uma palestra no Instituto Alexander von Humboldt, a acadêmica holandesa e especialista nas relações entre mídias sociais e cultura, José van Dijck desenvolveu o conceito de plataforma que foi apropriado pelo presente estudo. A autora define as plataformas como ecossistemas digitais construídos a partir da conjunção entre tecnologia, modelo de negócios e interação humana. Nas palavras da autora, plataformas são “um site online que implementa tecnologias automatizadas e modelos de negócios para organizar fluxos de dados, interações econômicas e trocas sociais entre usuários da Internet”² (Van Dijck, 2016).

Plataformas, portanto, operam transformando as interações e comportamentos humanos em conjuntos de dados que, posteriormente, serão transformados em mercadoria (Van Dijck, 2016). Contudo, é importante que se perceba que embora as plataformas tenham em comum esse processo de transformação tríplice, elas operam de formas distintas junto aos seus diferentes grupos de usuários, uma vez que operam a partir de uma lógica de oferta de serviços linear e restritiva.

Dentre as inúmeras espécies de plataformas, o presente trabalho se debruça sobre o que Van Dijck (2013, p.8) chamou de “*social network sites*” (SNSs), plataformas especializadas em capitalizar e transformar em mercadoria reações e relações sociais. “Esses sites promovem principalmente o contato interpessoal, seja entre indivíduos ou grupos; eles criam conexões pessoais, profissionais ou geográficas e encorajam laços fracos” (VAN DIJCK, 2013, p. 8).

Tendo estabelecido o que é uma plataforma, e qual é o tipo específico de plataforma de interesse do trabalho, retorna o questionamento quanto à escolha das duas redes que são fonte primárias desse estudo. Seriam elas as únicas redes sociais de modelo SNS infiltradas por movimentos reacionários?

A resposta desse questionamento é uma negativa. Textos como os de Evangelhista e Bruno (2019), Rosa e Rosa (2024), Manly (2019), Mamié et al (2021) Tuters e Hagen (2019), discutem à exaustão o uso político por movimentos reacionários de plataformas de modelo SNSs como o *Whatsapp*, o *4CHAM* e até mesmo o *Reddit*. A razão pela qual o presente texto escolheu o *Facebook* e o *X* como suas fontes primárias, consiste na relevância das duas plataformas para na construção do discurso social no Brasil durante o período de recorte.

3.3.1. Da escolha do X como fonte primária para a coleta de dados

De início, um dos principais problemas que poderiam ser apontados quanto à escolha do X seria seu relativo baixo acesso entre a população. Se observarmos os dados quanto ao número de usuários brasileiros levantado por Kemp (2022), perceberemos que o seu total de perfis nacionais da plataforma no início de 2022 era de “apenas” 19,05 milhões. Considerando que o total de eleitores brasileiros aptos nas eleições de 2022 segundo dados do TSE era de 156 milhões, não seria estranho inicialmente duvidar da relevância real da plataforma.

Contudo, o número relativamente baixo de usuários na plataforma não é proporcional à sua importância na formação do discurso social. Pesquisas como as de Araujo e Silva (2023); Amaral e Pinho (2018); Huszár et al (2021), mostram a capacidade da rede de amplificar discursos e mobilizar bases eleitorais através do engajamento digital.

A despeito do X ser uma plataforma baseada em um modelo SNS, ou seja, tenha suas dinâmicas e práticas internas focadas em interações entre seus usuários, variados autores apontam que a rede Highfield et al (2015, p. 316) desenvolve um paralelo entre as mecânicas de engajamento e funcionamento da plataforma e a TV. Segundo o autor, a experiência dos usuários do X se aproximaria muito daquela percebida em transmissões televisivas ao vivo, havendo, contudo, a adição da possibilidade de interação e participação direta nos eventos.

(...) A mais importante dessas dimensões é a maneira como o Twitter permite aos usuários um espaço para discussão 'ao vivo' (ou seja, em tempo real), relativamente não mediada e comunitária sobre programas de televisão. Os usuários podem oferecer seus próprios comentários sobre a transmissão do evento enquanto ele acontece, interagir com outros espectadores que estão fazendo o mesmo e, talvez, até ver esses comentários se tornarem parte da própria transmissão televisiva, como é cada vez mais comum em alguns gêneros e formatos de TV. (HIGHFIELD, 2015, p. 316)

Como apontado por Araujo e Silva (2023, p.1127), a notória e massiva presença de discussões e fatos políticos surgidos na plataforma no discurso público nacional (e global) não ocorre por uma questão numérica, e sim pelo potencial da rede de engajamento e viralização. O discurso político no X pode ser compreendido como uma

espécie de substituto eletrônico ao panfleto eleitoral. Rosetto et al (2013, p. 18) aponta que agentes políticos brasileiros geralmente não usam a plataforma como um espaço de interação e participação com seus públicos. Muito pelo contrário, o X é usado como uma espécie de centro de transmissão de mensagens e conteúdos políticos.

Algo, inclusive que não é novo no cenário político. Amaral e Pinho (2018, p.480), que analisaram o comportamento de políticos na plataforma durante o processo eleitoral de 2014, já apontavam uma relação entre o engajamento na rede social pelos perfis de agentes políticos e seus sucessos eleitorais. Embora os autores apontassem em 2018 que o sucesso na rede social não era um fator determinante para a vitória nas urnas, eles já notavam a crescente importância da plataforma como meio de mobilização eleitoral (AMARAL e Pinho, 2018, p. 483).

Na verdade, mais do que uma mera intensidade e passionalidade capazes de tornar o X um barril de pólvora para qualquer discussão, uma de suas características mais notórias (e relevantes ao trabalho proposto) é ser um nicho ecológico perfeito para o crescimento de discursos radicais, particularmente de direita.

Algo percebido por Huszár et al (2021, p. 4 - 5), que ao analisar o potencial de amplificação da plataforma quanto a discursos políticos, percebeu que não só a rede amplificava com mais intensidade conteúdos extremistas, mas as publicações de políticos de direita recebiam mais amplificação algorítmica do que aquelas realizadas por políticos de esquerda.

Entretanto, por causa da notória e citada virulência discursiva presente nessa plataforma, que incentiva a criação de relações antagonísticas entre os sujeitos, e por causa do caráter antiestrutural das extremas direitas, como notado por Cesarino (2022b, p. 167), que florescem em espaços de passionais de controvérsia, o X é, senão o melhor bioma para o engajamento de sujeitos a discursos e ideias de extrema direita, um lugar de destaque para os mesmos.

Algo é potencializado, contemporaneamente, pelas ações do atual dono da rede, o empresário Elon Musk, que consolidou a vocação da plataforma como um meio de dispersão global de ideias e discursos reacionários e de extrema direita. Como notado por Conroy (2025); Register (2025); Conger e Mac (2024) o atual proprietário do X usa o poder discursivo e amplificador de sua plataforma para defender discursos e movimentos de viés conservador ao redor do mundo.

3.3.2. Da escolha do Facebook como fonte primária para a coleta de dados

Vencida a discussão quanto à razão da escolha do X como uma fonte primária de dados, resta discutir as razões da escolha do *Facebook* como a segunda fonte primária de dados durante a fase do levantamento de material.

De início, um dos principais problemas do X, seu acesso restrito entre a população em geral, não ocorreria no *Facebook*, que possui segundo o levantamento do site Kemp (2022), aproximadamente 116 milhões de usuários. Embora, seja importante apontar que o tamanho da rede social, a plataforma SNS com mais usuários no país (KEMP, 2022) e no mundo (HASS, 2024), não se reflete necessariamente na sua capacidade de dispersão de discursos.

A despeito de seus números massivos, a rede é abertamente tida como decadente e raramente é capaz de pautar o debate público contemporâneo. Mais do que isso, desde 2022 a rede enfrenta uma desaceleração do crescimento de sua base de usuários tanto no Brasil quanto no resto mundo, como foi notado por Machado (2022); Naughton (2022). Contudo, ela ainda é uma das redes com maior base de usuários entre os brasileiros, e ainda se constitui da rede social com maior base de usuários em todo o globo (TILIA, 2024).

Assim como o X, o *Facebook* possui um design que amplifica o crescimento de discursos odiosos. Algo notado por Munn (2020, p.5), que estudando o impacto do desenho de plataformas de redes sociais sobre a toxicidade presente no discurso de seus usuários, percebeu que as mecânicas de interação dos usuários entre si e com a plataforma dentro do *Facebook*, incentivavam o compartilhamento viral de mensagens de conteúdo controverso.

Segundo o autor, reações de ultraje e nojo seriam os grandes motores de engajamento social da plataforma, criando as condições ideais para a proliferação de discursos de ódio. Uma mecânica de funcionamento que vem ganhando uma nova dimensão, desde que a rede tem flexibilizado suas políticas internas de moderação, como apontado por Lobato (2025).

Uma diferença notável, contudo, é que enquanto o engajamento no X é mais disperso, o *Facebook* tende a funcionar de forma mais centralizada e menos espontânea. Como notado por Spagnuolo et al (2021), a rede tem uma inclinação a criar núcleos de controvérsia ao redor de pessoas específicas. O engajamento e a

viralização de discursos, portanto, ocorreriam geralmente a partir de perfis específicos, dos quais as informações e mensagens seriam transmitidas para os entornos e periferias de suas comunidades virtuais.

Outra diferença que justifica o uso dessa plataforma conjuntamente com o X é que enquanto esse último tem um design mais favorável ao compartilhamento de mensagens de textos curtas (embora em alguma medida seja possível também o compartilhamento de vídeos e imagens), os compartilhamentos do *Facebook* tendem a envolver textos longos acompanhados, muitas vezes, de imagens ou vídeos. Essas diferenças práticas produzem interações e formas de comunicação diferentes entre os usuários dessas redes, justificando seu uso conjunto como fontes de dados.

3.1.3. Das motivações para a escolha do período de recorte da pesquisa

O presente trabalho teve como seu recorte temporal o período de 1 de setembro de 2022 até o dia 31 de janeiro de 2023. A escolha desse período, como é possível se imaginar, não é arbitrária. O que se pretendeu foi aproveitar o período de severa perturbação social e política compreendido entre os citados meses, para perceber como os agentes estudados lançaram mão de suas estratégias usuais de discursos odiosos contra a comunidade LGBTQIAPN+, frente ao que poderia ser descrito como a tempestade política perfeita.

Na verdade, chamar o período eleitoral de 2022 apenas de tempestade política perfeita poderia ser compreendido como um eufemismo, uma vez que em 2024 se descobriu que todo o certame eleitoral de 2022 estava em curso uma tentativa de subversão do Estado de Direito, que inclusive envolvia a execução de membros do governo eleito (MAIA, 2024; BOLSONARO [...], 2024; PF [...] 2024).

Desde as eleições de 2018 a dispersão de informações falsas e disputas pelo controle do discurso nas redes, tomaram a política brasileira. Memes, boatos, vídeos falsos e toda sorte de *fake news* ganharam o noticiário político e passaram a ser disseminadas, de forma mais ou menos deliberada, por todo o espectro político da época (FAKE [...], 2018). Algo que aconteceu, em grande medida, por causa do aumento da penetração do uso de redes e plataformas sociais entre a população (SANTOS, 2021).

As eleições de 2022, contudo, apresentam uma nova dimensão no uso de das redes como meios de desinformação. Relatório elaborado pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre a circulação de notícias falsas durante a disputa de Lula e Bolsonaro à presidência mostrou dados importantes para a compreensão do clima político da época. O documento apontou que não só havia as múltiplas teorias conspiratórias e notícias falsas sendo disseminadas em todas as redes por anúncios, políticos e personalidades da época, mas que o principal alvo de todo esse esforço de desinformação, era desacreditar a justiça eleitoral e a segurança das urnas (NETLAB UFRJ, 2022, p. 3). Não é gratuito, que mensagens propondo contagens paralelas dos votos das eleições tenham se tornado populares na época, e que o dia 07 de setembro daquele ano tenha se convertido em um ponto focal do período.

Desde o final de julho de 2022, é possível perceber a circulação de correntes conspiratórias que alimentam o clamor por uma “contagem pública” dos votos.

Essa apuração “popular” é apresentada como a única maneira de evitar uma vitória de Lula e o maior medo dos opositores de Bolsonaro. Assim, a ideia ganhou espaço como reivindicação nas mensagens de convocação para os atos de 7 de setembro de 2022 (NETLAB UFRJ, 2022, p. 9).

E nesse ponto, torna-se clara a razão da escolha do mês de setembro como marco inicial do recorte da pesquisa. A celebração da independência tomou no discurso político bolsonarista um grande valor simbólico. Durante os anos do governo Bolsonaro, a data se ligou a uma ideia de subversão da ordem reinante. Ou, melhor dizendo, ela se tornou um possível estopim simbólico para uma mudança violenta de poder. Tensão que em 2022 atingiu seu maior nível por causa da possibilidade, que acabou se realizando, do fracasso nas urnas do projeto bolsonarista.

Foi bastante sintomático, portanto, considerando todos os fatos que vieram a luz em 2024, que durante eventos do 07 de setembro Bolsonaro tenha feito menções ao Golpe de 1964 e sugerido a iminência de uma repetição do mesmo acontecimento histórico no presente (MIURA, 2022). O feriado daquele ano, foi uma demonstração de poder do bolsonarismo. “Neste ano, o presidente pediu aos seus seguidores que saíssem às ruas “pela última vez” no 7 de setembro. Foram espalhados pelas ruas de Brasília cartazes com os dizeres “É agora ou nunca” (SETE [...], 2022).

Contudo, com a derrota do bolsonarismo nas urnas no dia 30 de outubro de 2022, ocorreram em várias regiões do país manifestações de bolsonaristas pedindo uma ruptura democrática. Na época, inclusive, voltou a se popularizar entre círculos reacionários a tese de que seria possível realizar uma intervenção direta dos militares no governo, tomando para si o poder e impedindo a posse do governo eleito, de forma democrática (GONZALÉS, 2022; OLIVEIRA e MEDEIROS, 2020; POMBO, 2022).

Não só ocorreram bloqueios em algumas das principais rodovias do país causando desabastecimento de produtos essenciais como alimentos, combustíveis e remédios, mas os grupos de militantes reacionários acampados na frente de bases militares em diversas grandes cidades brasileiras, realizaram atos públicos pedindo a intervenção federal, em termos mais simples, um golpe de Estado (BENASSATT et al, 2022; LOPES, 2022; RIOS, 2022). Um desses grupos de militantes bolsonaristas se instalou na frente do Quartel General (QG) do exército em Brasília (BOLSONARISTAS [...], 2022).

Com aproximação da posse do novo governo, setores do exército e da cúpula do bolsonarismo passaram a desenvolver, nos bastidores, um plano para uma ruptura democrática (FEITOZA, 2024; OLIVEIRA, 2024a). Um dos principais pontos desse plano, se constituía na criação de um cenário social caótico, na esperança de construir um contexto favorável à tomada do poder pelos militares (OLIVEIRA, 2024b).

A primeira tentativa de criação desse cenário caótico, ocorreu no dia 12 de dezembro de 2022 (OUÇA [...], 2024). Em uma demonstração da escalada do extremismo dentro do bolsonarismo, militantes acampados na frente do QG Brasília tentaram invadir a sede da Polícia Federal, cometendo atos de vandalismo em várias regiões da capital federal, chegando a cercar o hotel em que o presidente estava hospedado (ENTENDA [...], 2022; OLIVEIRA, 2024a).

Não obtendo sucesso em criar um contexto capaz de permitir a intervenção das forças armadas, a cúpula do bolsonarismo e setores do exército articulam uma última tentativa de incitar um cenário político e social capaz de justificar uma intervenção militar. Dessa articulação resultou a invasão da Praça dos Três Poderes por militantes acampados no QG de Brasília e de outros indivíduos transportados das mais diversas regiões do país, no dia 08 de janeiro de 2023 (MAURO [...], 2025; GRUPO [...], 2025).

Dessa forma, portanto, justifica-se aqui a decisão de usar o mês de janeiro como termo para o levantamento de dados da pesquisa. Compreende-se que os

eventos de 08 de janeiro de 2023, representam não só a tentativa final de subversão do Estado pelo bolsonarismo, mas também uma ruptura decisiva quanto ao clima de tolerância ao extremismo político comum à época.

O ocorrido e seus desdobramentos que tomaram o mês de janeiro, podem ser vistos, do ponto de vista simbólico, como o fim (embora talvez apenas temporário) do projeto de poder reacionário e ultraconservador que tomou consideráveis setores da sociedade nos anos anteriores.

4. DO LEVANTAMENTO DE DADOS E DOS RESULTADOS

Chegamos então, na parte desse estudo dedicada à análise dos dados obtidos a partir do levantamento nos perfis do X e do *Facebook*, dos três agentes políticos já citados. Novamente retomando em breve sumário os resultados do montante da amostra levantada, o presente estudo coletou o total de 1.470 publicações nos perfis do X e do *Facebook* dos três agentes políticos em estudo. Dessas, como foi mencionado no capítulo anterior, 656 compartilhavam arquivos de vídeo que foram transcritos e arquivados entre a documentação da pesquisa.

Nesse capítulo, analisaremos individualmente os dados colhidos nos perfis de cada um dos três agentes políticos em estudo e, ao seu fim, realizar-se-á uma análise geral, levando em conta o conjunto das três estratégias de discurso e seus contextos. As três análises iniciais que constituirão a maior parte desse capítulo serão divididas internamente também em três partes.

A primeira será uma parte bibliográfica, que através de notícias de jornal e dados institucionais de acesso público, contextualizarão em detalhe a carreira política de cada um dos três agentes políticos citados. A segunda parte da análise de cada um dos três agentes políticos desenvolverá uma extensa análise sobre os dados colhidos. A terceira, por fim, apresentará conclusões específicas sobre cada um dos políticos em questão.

Quanto à ordem escolhida no capítulo para a apresentação da análise dos três agentes do legislativo em estudo, escolheu-se começar o capítulo com a análise dos dados da vereadora de Belo Horizonte Flávia Borja, do DC. Depois disso, passou-se para a análise das informações colhidas nos perfis do deputado federal por Minas Gerais Nikolas Ferreira, do PL, seguida da análise das publicações do Senador do ES pelo PL, Magno Malta. Por fim, encerraremos o capítulo com uma seção comparando os resultados e conclusões desenvolvidos a partir da observação dos padrões encontrados entre os três atores políticos em estudo.

4.1. Quanto à vereadora de Belo Horizonte Flávia Borja

A primeira personagem a ser analisada nesse estudo é a vereadora de Belo Horizonte, pelo DC, Flávia Ferreira Borja Pinto, eleita em 27 de outubro de 2024. Como já foi notado no capítulo anterior, a vereadora publicou no X e no *Facebook* o montante de 197 mensagens durante o período de recorte da pesquisa. 106 dessas no *Facebook* e 91 no X. O mês com menor quantidade de publicações no *Facebook* foi outubro, com apenas 9, enquanto o mês com maior número foi novembro, em que houve 38 publicações. No X, embora o mês com maior quantidade de publicações tenha sido também novembro, com 41, o mês com menor número de publicações foi setembro, período em que não foi realizada nenhuma publicação na plataforma.

Detalhando os dados sobre a frequência de publicação em cada uma das plataformas pela vereadora durante o período de setembro, outubro, novembro, dezembro de 2022, e janeiro de 2023, podemos apontar que foram realizadas durante os citados meses pelo perfil da vereadora no *Facebook*, respectivamente 20, 9, 38, 24 e 15 publicações. Já no X, foram realizadas respectivamente 0, 21, 41, 20 e 9 publicações durante o período de referência.

Uma observação inicial relevante de ser apontada é que a despeito dos números totais de publicações nas duas redes parecerem inicialmente similares, quando o conteúdo das publicações é analisado de perto é possível se perceber uma grande diferença no uso das plataformas pela vereadora. Algo que fica bastante evidente, por exemplo, quando se considera o número de publicações contendo arquivos de vídeos em cada plataforma. Do total de publicações no *Facebook* durante o período em recorte, 22 dessas continham vídeos. Número que no X, é de apenas 3. Em questões de tempo, a duração total de todos os vídeos publicados no *Facebook* foi de 26:03, enquanto no X o tempo total de duração de todo o material audiovisual foi de apenas 01:52.

Uma diferença que é relevante, uma vez que a publicação e compartilhamento de materiais audiovisuais, em ambas as plataformas, permitem um nível de comunicação de conteúdos e mensagens superior àqueles geralmente permitidos pelo design e limite de caracteres de cada uma das redes. Dizendo em outras palavras, o compartilhamento de vídeos permite a transmissão de mensagens mais

longas e complexas do que aquelas que poderiam ser escritas na forma de texto nas plataformas.

É fundamental notar aqui, por fim, a centralidade dos vídeos para as estratégias eleitorais nas redes sociais, uma vez que eles reproduzem não só materiais de campanha próprios e de aliados políticos, mas eles permitem também uma reprodução mais fluída de ideias, conceitos e discursos, fundamentais para a coesão da base eleitoral.

4.1.1. Uma breve biografia

Antes de explorarmos com mais detalhe a biografia da legisladora municipal belorizontina, contudo, é importante que se note que o uso do termo “personagem” nesta dissertação não é gratuito. Não se tem aqui a pretensão de julgar o caráter ou a subjetividade de nenhum dos três agentes políticos estudados. O objetivo aqui é analisar e compreender suas performances.

Nesse ponto, é essencial resgatar um conceito fundamental que apresentamos no segundo capítulo desse estudo, a performatividade. Quando falamos em apresentar a vereadora Flávia Borja, ou qualquer outro dos agentes políticos cujas publicações são analisadas aqui, a principal preocupação da análise se refere às ações e discursos proferidos por eles, assim como os contextos nos quais esses discursos estão imersos e com os quais estabelecem referências.

Em outras palavras, o foco de análise aqui é a performatividade, compreendida como a normatização do corpo e do comportamento dos outros, através do discurso (BUTLER, 2007, p. 154). É importante apontar também que o bolsonarismo é visto aqui como um movimento político fundamentalmente performático. Não é gratuito, inclusive, que CESARINO (2022b, p.164) defina o movimento como um conjunto de práticas e estratégias de mobilização tecnopolítica. O bolsonarismo, como tal, é um fenômeno político que não poderia existir sem espaços de convívio social altamente performativos como são as redes sociais.

Identificar-se como um empreendedor moral do bolsonarismo, portanto, implica projetar no espaço e discurso públicos uma persona que se constitua em um avatar ideológico, uma vez que o bolsonarismo existe mais como forma (performance), do

que como conteúdo. Considerando isso, é importante estabelecermos aqui que os juízos e análises realizadas quanto à comunicação da vereadora e à dos dois demais legisladores são realizados a partir do pressuposto que suas imagens públicas retratam personagens de si mesmos. Criações comunicacionais que não refletem necessariamente a personalidade ou subjetividade de seus criadores. O estudo, portanto, tem pouco interesse naqueles que estão por trás das máscaras, concentrando sua análise apenas nas máscaras.

Tendo isso estabelecido, retornamos à biografia da vereadora. Nascida em 1972 e natural de Belo Horizonte, a vereadora é casada com o ex-vereador Fernando Borja Pinto; ela é graduada em fonoaudiologia e é pastora na Igreja Batista da Lagoinha. Sua entrada na vida política ocorreu em 2020, quando foi eleita para a Câmara de Vereadores de Belo Horizonte pelo Partido Avante (AVANTE). Época em que declarou, tanto durante sua campanha quando no início de seu mandato, que sua principal bandeira seria a “defesa da família” (MURATORI, 2020).

Algo que pode ser visto, por exemplo, na imagem abaixo, que retrata um dos materiais de campanha da primeira candidatura de Flávia Borja, retirado do perfil oficial do *Facebook* da vereadora. Na imagem, aparece um dos principais bordões de campanha da vereadora que, em sua comunicação imagética da campanha do período, constantemente fez referências a temas envolvendo a família e a infância. Algo que, inclusive, abordaremos com mais profundidade na próxima seção desse capítulo.

Figura 6 – Publicação do perfil Flávia Borja na plataforma *Facebook*, de 30 de Set. 2020.



Fonte: Facebook

No trecho abaixo, colhido na legenda da publicação acima, realizada em 30 de setembro de 2020, pode-se ter uma pequena amostra quanto à forma como Flávia Borja construiu sua imagem no discurso público. Algo importante de se notar no trecho a seguir, e que se repete em boa parte da comunicação da vereadora, é a referência constante a termos e imagens associadas à família ou ao universo infantil.

Meu sonho de criança? Ser mãe! Minha formação? Professora e Fonoaudióloga. Isso explica minha paixão e vocação. Explica também meu trabalho há 25 anos na área da educação. Nestes quatro anos em que meu marido foi vereador pude imprimir junto a ele minha percepção em defesa da criança, em todos os seus direitos. Muitos dos projetos aprovados do Fernando e tantos outros em andamento se relacionam à defesa da criança. Quero continuar trabalhando nesta defesa e ampliar ainda mais o cuidado de Belo Horizonte (...) (BORJA, 2020a)

Inclusive, como notado por Reis et al (2020), que comentavam sobre o uso de discursos antigênero nas eleições municipais de 2020, a participação institucional, para agentes políticos como a vereadora, seria uma forma de impedir uma suposta corrupção da infância que estaria associada à implantação de educação sexual por gestões governamentais de esquerda. Sendo este um argumento que esteve constantemente presente na retórica da vereadora, tanto em sua comunicação

cotidiana nas redes sociais, quanto durante seus esforços eleitorais durante as campanhas em que concorreu.

Em 2022, ela tentou se eleger para deputada estadual por Minas Gerais, em uma legenda com seu marido, que tentava o cargo de Deputado Federal. Embora ambos não tenham tido sucesso na empreitada eleitoral, a tentativa de realizar uma dobradinha⁷ criou desgastes entre a vereadora e seu partido de origem, o AVANTE (MALHEIRO e FIGUEIREDO, 2022), fazendo com que ela migrasse sua candidatura em 2022 para o PP em 2024 (MALHEIRO, 2022).

É importante notar que sua campanha eleitoral para deputada estadual em 2022, que acabou em fracasso nas urnas, repetiu o mesmo tom de sua primeira candidatura à vereança de Belo Horizonte em 2020, como pode ser visto na imagem abaixo. Flávia tenta criar um elo entre a comunidade LGBTQIAPN+ e atos como o incesto e a bestialidade. Algo que seria uma constante na sua comunicação nas redes sociais. A comunidade LGBTQIAPN+ sempre seria tratada discursivamente pela vereadora como um avatar de corrupção moral.

⁷ Dobradinha é uma gíria política que se presta a definir uma parceria estratégica entre dois candidatos ou partidos que se apoiam mutuamente durante uma eleição. Dobradinhas se tornaram um lugar comum na política brasileira contemporânea, uma vez que permitem não só o intercâmbio de grupos de votos durante os certames eleitorais entre agentes de diferentes níveis da hierarquia política, mas também assegura relações políticas informais que podem garantir acesso privilegiado a recursos durante o exercício de mandatos políticos (DOBRADINHA, 2014).

Figura 7 – Publicação do perfil Flávia Borja na plataforma *Facebook*, de 05 de Set. 2022.



Fonte: *Facebook*

Nas eleições municipais de 2024, Flávia Borja concorreu pelo DC novamente à vereança de Belo Horizonte. Desenvolvendo uma campanha em moldes bastante similares à suas anteriores. É importante notar que, depois de eleita, a partir de 2025, a vereadora assumiu a presidência da Frente Parlamentar Cristã da Assembleia Municipal de Belo Horizonte.

Organização que, em seu termo de compromisso, se propõe à defesa da família tradicional e ao combate à ideologia de gênero (MENDONÇA, 2025). É importante

notar que esse grupo legislativo reúne o maior número de vereadores belorizontinos, contando com 27 dos 41 vereadores (CHIODI, 2025), fato que aponta a relevância que Flávia Borja tem assumido na construção das políticas públicas da cidade.

Por fim, é importante notar que embora a vereadora seja o agente político menos conhecido entre os três estudados nesse trabalho, assim como tenha também o menor escopo de atuação política, ela é bastante ativa como uma empreendedora legislativa conservadora antigênero. Podemos destacar, como uma prova dessa afirmação, normativas municipais e projetos legislativos de sua autoria, como os projetos de Lei (PL) 492/2023, que viria a se tornar a Lei Municipal (LM) nº. 11693/2024, que obriga os hospitais da rede pública e privada de saúde de Belo Horizonte a informar mensalmente à Secretaria Municipal de Saúde a ocorrência de procedimentos abortivos; O PL nº. 825/2024, que dispõe sobre leitura bíblica como recurso paradidático nas escolas públicas e particulares do Município de Belo Horizonte.

Destacam-se aqui os projetos e normativas voltadas à população transgênero criados pela vereadora. Dois bons exemplos seriam a LM 11.610/2023, que possibilitaria a instituições religiosas restringir o acesso a banheiros de acordo com o sexo biológico (BELO HORIZONTE, 2023a); e o PL 591/2023, que permitiria que entidades desportivas usassem o sexo biológico como critério definidor para participação de atletas em seus eventos (BELO HORIZONTE, 2023b).

4.1.2. Uma análise dos dados colhidos

Tendo estabelecido esses detalhes básicos sobre a trajetória política da vereadora do Democracia Cristã, passamos para a análise dos dados colhidos tanto no seu perfil do *Facebook*, quanto no seu perfil no X. Como já foi apontado no capítulo anterior, Flávia Borja realizou o total de 106 publicações no *Facebook*, e 91 publicações no X. A partir do conjunto de publicações realizadas pela vereadora, construiu-se dois corpus textuais, um para cada rede social, para o processamento dos dados através da ferramenta de análise IRAMUTEQ.

Nesse quesito, é importante apontar que embora os números de publicações das duas redes da vereadora possam parecer à primeira vista próximos, as limitações

de caracteres causadas pela diferença de arquitetura de cada uma das redes tiveram consequências drásticas sobre o tamanho de cada um dos corpus textuais.

Mais do que isso, é plausível se apontar já agora, como uma de nossas conclusões mais preliminares, que a comunicação no *Facebook* de todos os agentes políticos estudados foi muito mais complexa e longa do que aquela realizada a partir do X. Fato, inclusive, que se tornou particularmente visível durante a análise das estruturas textuais do discurso da vereadora nas duas redes, uma vez que de todos os agentes políticos estudados, ela teve alguns dos menores conjuntos de dados do estudo.

Como demonstração inicial do que foi apontado, podemos nos referir ao número de formas encontradas pelo IRAMUTEQ nos dois corpus textuais produzidos a partir dos dados levantados nas redes da vereadora. É necessário esclarecermos, antes disso, que por formas nos referimos a uma técnica de categorização utilizada pela ferramenta de processamento de dados, que reduz cada um dos termos do texto aos seus radicais mais básicos, também chamados de “formas”, de maneira a agrupar os mesmos termos nos mesmos conjuntos, independentemente de sua conjugação verbal.

Voltando à discussão, enquanto o corpus textual da vereadora no *Facebook* foi de 2.812 formas diferentes, o número total de formas no X foi de apenas 1.164. Quando falamos em ocorrências, que é a frequência com que as formas são repetidas dentro do corpus textual, notamos que enquanto Flávia Borja teve 10.975 ocorrências no *Facebook*, esse número foi de apenas 2.867 ocorrências no X.

Um dado que aponta a centralidade do *Facebook* para a comunicação da vereadora, assim como o caráter subsidiário do X como meio de transmissão de conteúdos e sentidos durante o período. Um outro fato que poderíamos apontar nesse sentido, é a duração total de conteúdos audiovisuais compartilhados por Flávia Borja em todo o período de estudo.

Enquanto a duração total de material audiovisual publicado por Flávia Borja no *Facebook* foi de 28 minutos e 10 segundos, no X esse montante chegou apenas a 01 minuto e 52 segundos. Fato que se mostrou uma constante não só com a vereadora, mas também com os outros dois agentes políticos aqui estudados. Permitindo a percepção de que, a despeito de usarem o X para uma comunicação mais instantânea

e viral, os três agentes políticos tinham no *Facebook* sua plataforma preferencial de comunicação de conteúdos políticos.

Voltando à análise, a despeito do IRAMUTEQ usar na construção de sua nuvem de palavras todos os termos utilizados pelo corpus textual, tal metodologia não foi usada na construção de todas as interfaces da ferramenta usadas na dissertação. Para a construção de árvores de similitudes, representações gráficas das relações de semelhança entre os elementos do conjunto de termos que compõem o texto, o trabalho escolheu usar diferentes frequências mínimas de ocorrências para otimizar a visualização dos dados.

A frequência de ocorrências que se decidiu usar para construir o gráfico de similitudes dos dados levantados no *Facebook* da vereadora Flávia Borja foi 10. Ou seja, levou-se em consideração para a construção das interfaces de análise dos dados do *Facebook* todas as palavras que se repetiam ao menos 10 vezes no texto.

Um número que foi ainda menor no X, onde se escolheu desenvolver o gráfico de similitudes com frequência igual ou maior a 5. Um limite relativamente baixo em relação aos outros corpus textuais, que ocorreu por causa do tamanho relativamente pequeno dos corpus textuais formados através das publicações da vereadora do DC.

Tendo explicado como construímos as interfaces visuais do presente estudo, passamos para a análise dos dados processados pelo IRAMUTEQ. Abaixo, seguem as nuvens de palavras e árvores de similitudes criadas pela plataforma de processamento de dados, a partir dos dados levantados pela pesquisa.

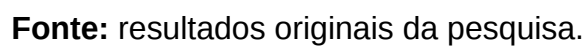
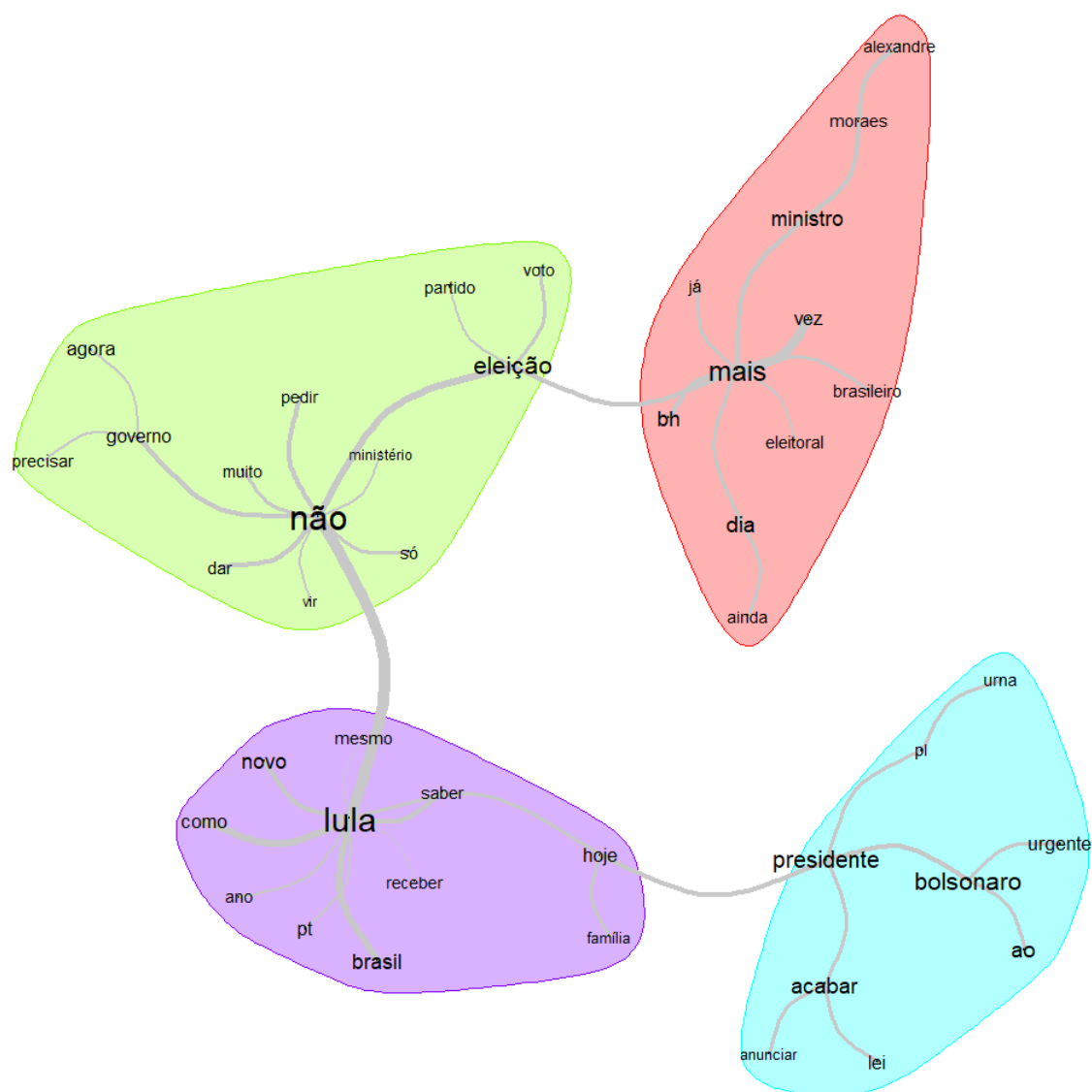


Figura 11 – Árvore de Similitudes com todos os discursos do perfil oficial da vereadora Flávia Borja no X durante o período de setembro de 2022 até janeiro de 2023.



Fonte: resultados originais da pesquisa.

De início, é relevante apontar o fato de que tanto no X quanto no *Facebook*, o número de ocorrências de termos relacionados a discursos antigênero e antiLGBTQIAPN+ tiveram baixa frequência, a ponto de sequer aparecerem nas árvores de similitudes criadas a partir dos dados das duas plataformas. Um fato bastante surpreendente para o estudo, que considerava que esses termos

relacionados a gênero ou à população LGBTQIAPN+ fossem centrais à formação do discurso e identidade conservadores.

O que se percebeu, contudo, é que o termo mais central e frequente no discurso nas redes da vereadora foi o advérbio de negação “não”. Algo que faz sentido, diante do fato que, como já foi apontado por Lynch e Cassimiro (2022, p.138), o bolsonarismo, que encarna a corrente majoritária do conservadorismo brasileiro, operaria a partir de um negacionismo estrutural. Ou, nas palavras de Cesarino (2022b, p.167), a partir de agendas de caráter anti-sistema.

Como fica bastante claro a partir da análise das nuvens de palavras e das árvores de similitudes criadas a partir das publicações da vereadora, a negação seria a principal base de seu discurso. Ao redor desse advérbio, que ressaltaria um inconformismo com a realidade próprio do bolsonarismo, outros termos ganharam relevância, como: família; eleição; Lula; presidente. Para o presente trabalho, apenas o primeiro deles, o substantivo família, possui relevância.

É importante lembrar que dentro da retórica bolsonarista as pautas LGBTQIAPN+ teriam um antagonismo essencial com pautas relativas a valores familiares. Mais do que isso, como foi notado por Miskolci (2018, p. 2); Miskolci (2007, p. 118); Trotti e Lowenkron (2023, p.5) e Reis (2021, p. 8), é bastante prevalente dentro do conservadorismo digital brasileiro a ideia de que temáticas e elementos relativos à população LGBTQIAPN+ teriam um papel corruptor aos valores familiares em geral e, em específico, à infância.

Por último, é importante ressaltar aqui o impacto que as eleições tiveram no discurso da vereadora. A maior parte do conteúdo da comunicação de Flávia Borja no X, por exemplo, restringiu-se a essa temática.

4.1.3. Das conclusões e resultados do levantamento

A partir dos dados levantados nas duas redes da vereadora do DC, é possível se dizer que algumas das especulações inicialmente realizadas durante as fases de planejamento do presente estudo estavam erradas. Ao contrário do que imaginamos inicialmente, o discurso anti-LGBTQIAPN+ é mais subsidiário ao discurso de Flávia Borja do que inicialmente se pensou.

Observamos também que a complexidade e o grau de elaboração do discurso anti-LGBTQIAPN+ variaram muito, também de acordo com o seu canal de comunicação. Apesar do número de publicações no *Facebook* (106) e no X (91) inicialmente parecerem próximos, uma análise mais detalhada deixa claro que o principal meio de comunicação da vereadora no período foi o *Facebook*. Pode-se, inclusive, dizer que o X foi usado de forma apenas subsidiária.

Mais do que isso, notou-se durante o período em recorte que o uso de discursos homotransfóbicos não foi só menos frequente do que o imaginado, mas também menos eficiente a partir de métricas de viralização e engajamento. Uma de nossas premissas iniciais era de que discursos anti-LGBTQIAPN+ eram chaves de mobilização discursiva. Que seu uso, era uma forma de, mais do que meramente estabelecer ideários, também modular a própria discussão.

A conclusão que chegamos ao analisar o discurso das redes de Flávia Borja é de que, embora mensagens e conteúdos que poderiam ser descritos como homotransfóbicos compõem a maior parte do discurso antigênero da vereadora, o uso desse discurso sozinho, não se mostrou eficiente para ela desenvolver uma hegemonia discursiva a partir de estratégias de engajamento e viralização.

Em parte, porque se acredita aqui, que ela não tem como objetivo desenvolver uma hegemonia narrativa nas redes. Seu objetivo pareceu à análise menos o domínio do discurso do que a consolidação desse junto a grupos favoráveis à pautas antigênero. O uso de discursos homotransfóbicos por Borja, ocorreu com uma função primordialmente didática e autorreferente.

E o uso da palavra “didática” ocorre aqui em um sentido bastante restrito. Resgatando o conceito de toxicidade desenvolvido por Recuero (2024), que em linhas gerais poderia ser descrito como uma estratégia de modulação do discurso social, com o fim de combater discursos sociais específicos, através da reprodução de discursos agressivos e violentos altamente virais, poderíamos descrever a comunicação de Flávia Borja no *Facebook* como uma “toxicidade didática”, uma vez que se fala aqui que uma das principais intenções da comunicação da vereadora foi de orientar afetividades negativas, apontando objetos de nojo e estimulando performances de repulsa.

Algo que pode ser visto, por exemplo, nas duas publicações abaixo. Na primeira, constituída de uma única imagem, o perfil da vereadora afirma que o fato de

uma personagem de uma animação ser retratada como uma mulher lésbica seria um ataque à infância. É interessante notar o seguinte trecho do texto da imagem: “os ataques à infância não param! Precisamos nos posicionar, amanhã pode ser tarde demais” (BORJA, 2022b). Nesse breve texto, o perfil estabelece a existência de uma ameaça iminente e grave às crianças, e clama por uma ação rápida contra a suposta ameaça. Um texto que complementa a legenda da imagem, que também aponta a urgência de se posicionar contra a ameaça apontada pela publicação.

Figura 12 - Publicação do perfil Flávia Borja na plataforma *Facebook*, de 7 de Outubro de 2022.



Fonte: Facebook

A intenção da publicação é clara. Ela não só estabelece a premissa antigênero como também propõe uma conclusão, que se basearia no combate e na negação do discurso discordante. É também importante notar, que a imagem também faz referência ao temor comum de conservadores radicais, da corrupção da infância por sexualidades não padrão, um tópico bastante recorrente nas discussões reacionárias brasileiras, que aparece em várias das publicações da vereadora. Como foi apontado por Reis (2021, p. 6) a infância é levantada frequentemente no discurso conservador como um símbolo de vulnerabilidade frente à mudança.

Miskolci (2007, p.105), inclusive, nota que essa estratégia não é usada apenas contra a população LGBTQIAPN+, mas que o uso da pedofilia como instrumento político de deslegitimação social é usada de forma genérica contra grupos opositores. Estratégia usada por todos os personagens desse estudo. O que se faz não só negar o discurso contrário, mas também negar o valor da própria existência outro, numa operação que é pautada pela sugestão ao sentimento de indignação.

Na segunda publicação essa operação valorativa fica ainda mais clara. A postagem se constrói a partir de múltiplas imagens, a primeira delas a foto de um torso com as cicatrizes e marcas de um pós-operatório de uma mastectomia. Citando a ideologia de gênero na legenda da postagem e sugerindo nas outras imagens que cirurgias de redesignação sexual seriam formas de mutilação de consequências altamente deletérias, mais uma vez o perfil da vereadora desenvolve sua retórica de toxicidade pedagógica.

Figura 13 - Publicação do perfil Flávia Borja no Facebook em 17 de Novembro de 2022.



Fonte: Facebook

Ao colocar a dignidade humana em oposição à ideologia de gênero, e ao dizer que a imagem do torso retrataria a dor daqueles ludibriados pela citada ideologia, o perfil mais uma vez estabelece a impossibilidade do debate com o outro como uma premissa básica. Além da toxicidade, essa publicação também desenvolve sua retórica de forma didática. Muito mais que mobilizar o dissenso, a publicação estabelece argumentos para ele, apontando de forma clara quais afetos, como aversão e indignação, pretende estimular.

É importante notar, por fim, que o didatismo foi exclusivo da vereadora. Embora tanto o Deputado Federal do PL Nikolas Ferreira, quanto o Senador pelo Espírito Santo Magno Malta também tenham elaborado publicações de conteúdo antigênero

em seus perfis, como ficará evidenciado nas seções do texto referentes a esses agentes, elas não apresentavam no contexto comunicativo dos parlamentares a mesma intenção visível nas publicações de Flávia Borja. Dos três agentes políticos estudados, inclusive, é possível dizer que a vereadora de Belo Horizonte pelo DC é a agente política de retórica antigênero de comunicação digital mais radicalizada, o que ficará mais claro adiante.

4.2. Quanto ao Deputado Federal de Minas Gerais Nikolas Ferreira

Tendo terminado de desenvolver nossos apontamentos e conclusões sobre a vereadora de Belo Horizonte Flávia Borja passamos, então, a falar sobre o deputado federal mineiro, filiado ao PL, Nikolas Ferreira. Nesse intento, desenvolveremos uma breve biografia sobre a vida e carreira política do agente político em estudo, passando em seguida para uma análise das publicações colhidas nos perfis oficiais do *Facebook* e do X dele, durante o período de recorte.

Antes de qualquer coisa é importante reconhecer, como já foi apontado no capítulo anterior, que originalmente o desenho inicial dessa pesquisa focava exclusivamente nesse agente político. Decisão que não foi acidental, uma vez que embora ele seja o mais jovem dos três legisladores estudados, não seria estranho apontar ele como o de maior relevo e capacidade de mobilização da opinião pública.

Tendo menos de uma década de carreira política, Nikolas Ferreira se consolidou como uma das vozes de maior proeminência entre os meios conservadores, como apontado por Camargos (2024) e Panho (2025). Inclusive, em pesquisa realizada pela consultoria Genial/Quaest no início de 2023, que analisou o desempenho e engajamento nas redes sociais de parlamentares do Congresso no *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Youtube*, *Google* e *Wikipédia*, ele foi apontado como o deputado federal com maior índice de popularidade digital no Brasil (DALL'AGNOL, 2023).

Um poder de engajamento e viralização de discursos que, em maior ou menor medida, ainda é mantido pelo parlamentar. Recentemente, em janeiro de 2025, por exemplo, um vídeo de Nikolas, sobre o monitoramento do Pix, alcançou mais de 156 milhões de visualizações no instagram em 24 horas. (FURTADO, 2025).

Levantamento realizado pelo Jornal Globo em 2025, sobre a presença do deputado no Instagram, mostrou não só que ele passou de pouco mais de 2,5 milhões de seguidores em 2022 para 15,4 milhões em 2025, número apenas menor que o do ex-presidente Jair Bolsonaro, mas que a taxa de engajamento das publicações de seu perfil é superior à de outros políticos e mesmo influenciadores digitais (NATALE, 2025).

Voltando à pesquisa, durante o levantamento foi encontrado o montante total de 156 publicações no perfil do *Facebook* do deputado mineiro, enquanto no X Nikolas Ferreira realizou o total de 504 publicações, uma diferença notável da personagem que analisamos na seção anterior do texto.

Defende-se aqui, que a principal razão da vereadora ter uma atividade no X tão inferior ao deputado federal reside no grau de complexidade do perfil do público ao qual Flávia Borja busca se engajar e mobilizar no ambiente digital. Enquanto Nikolas almeja desenvolver uma base de seguidores diversa e heterogênea entre estratos conservadores, algo que é favorecido pelo modelo de interação volátil e altamente interativo do X, Borja busca mobilizar e manter uma base de seguidores mais homogênea. Um esforço para o qual o *Facebook* é mais favorável, já que permite mensagens mais longas e complexas, e um modelo de interação mais amplo.

Voltando ao detalhamento dos dados coletados, do total de postagens no *Facebook*, 62 continham conteúdo audiovisual, enquanto no X esse total foi de 75. Também é importante notar que a duração total do montante de vídeos publicados no *Facebook* foi de 4 horas e 6 minutos, enquanto que no X a duração total de todo o material audiovisual publicado foi de apenas 1 hora, 23 minutos e 36 segundos.

É interessante notar que o mês de maior atividade no *Facebook* de Nikolas Ferreira foi setembro, quando ele realizou 82 publicações, enquanto o mês de menor atividade foi janeiro, em que foram realizadas apenas 8 publicações. Já no X, o período de maior atividade foi setembro, quando foram realizadas 172 publicações, já aquele com menor atividade foi novembro, onde se realizaram apenas 67 postagens.

A razão do pico de publicações nas duas plataformas de Nikolas terem ocorrido em setembro, é porque esse mês não só possui um valor simbólico relevante para o bolsonarismo, mas esse também foi o mês de maior importância para a campanha eleitoral promovida por Nikolas. Como foi detalhado na seção anterior, ele se elegeu deputado federal no certame eleitoral de 2022. Algo que ocorreu também com Magno

Malta, que concorreu nas eleições do período ao cargo de senador. Já a queda de publicações em janeiro de 2023, tem como justificativa os atos antidemocráticos ocorrido naquele mês.

Detalhando o número total de publicações do deputado mineiro pelo PL durante o período de recorte, nos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro de 2022 e no mês de janeiro de 2023, o perfil oficial de Nikolas publicou no *Facebook*, respectivamente: 50; 82; 7; 19; 8 postagens. No X, esses números foram, respectivamente: 172; 109; 67; 77; 79.

Por fim, antes de passarmos para a biografia do deputado, é importante apontarmos duas situações que ocorreram durante o período de recorte do levantamento, que tiveram óbvios impactos na comunicação do deputado mineiro nas redes. A partir de decisões judiciais provocadas por publicações do deputado quanto à segurança e confiabilidade das eleições de 2022, as contas de Nikolas Ferreira nas redes sociais foram suspensas por duas ocasiões.

A primeira suspensão ocorreu em 04 de novembro de 2022 em razão dele estar divulgando notícias falsas a respeito das urnas eletrônicas (RIBEIRO, 2022; NIKOLAS, 2022a). Uma suspensão que inicialmente se restringiu apenas ao X. No dia 10 de novembro, a suspensão também se estendeu para o *Facebook* (MORATELLI, 2022), recuperando o acesso às suas redes apenas em 08 de dezembro (PRATES, 2022).

Em 11 de janeiro de 2023, Nikolas teve suas contas suspensas pela segunda vez, em razão de uma nova decisão judicial (REDES, 2023), até que em 26 de janeiro de 2023, o STF determinou a restauração do acesso às contas, que efetivamente ocorreu apenas no dia 31 (STF, 2023).

4.2.1. Uma breve biografia

Chega-se agora no momento de falarmos sobre a vida e carreira de um dos principais personagens desse estudo, o deputado federal Nikolas Ferreira. Filho dos psicólogos e pastores evangélicos da Igreja Comunidade Evangélica Graça & Paz, Edésio de Oliveira e Maria Ruth Ferreira de Oliveira, ele nasceu na favela Cabana do Pai Tomás, em 30 de maio de 1996 (GONÇALVES, 2025).

A entrada de Nikolas na militância política conservadora ocorreu em 2016, quando ele participou das manifestações pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff (GONÇALVEZ, 2025). É importante notar que as manifestações de 2016 também foram o início da carreira dele como influencer nas redes sociais. Em particular o Youtube.

Voltando à biografia do deputado federal, foi também durante o período de 2016 que ele teria participado do canal de notícias conservador Terça Livre e conhecido a família Bolsonaro. A partir desse primeiro contato, ele e a família do futuro presidente iriam estabelecer uma relação próxima, que se prolonga mesmo nos dias de hoje (GONÇALVEZ, 2025). Algum tempo depois das movimentações pelo impeachment, Nikolas se tornaria o coordenador do grupo Direita Minas, um movimento conservador com foco na comunicação digital (GONÇALVEZ, 2025; CRAVO, 2020).

Em 2019, ele participou como palestrante no primeiro encontro da União dos Estudantes Conservadores (UNECON). Sua palestra teve como tema a supressão dos estudantes conservadores no ambiente acadêmico, em que ele compartilhou supostas perseguições que teria sofrido por professores de esquerda durante sua graduação em direito na PUC Minas (GABRIEL, 2019).

Uma temática, diga-se de passagem, bastante comum em seus discursos, em que a associação entre a universidade e a corrupção moral e sexual é bastante frequente. Dos 34 vídeos publicados por ele durante os anos de 2018 e 2019, 10 faziam referência direta a uma suposta natureza corruptora do ambiente acadêmico. Na transcrição abaixo, podemos ver um exemplo da abordagem tomada por Nikolas nesse material audiovisual. No vídeo, ao defender o movimento Escola Sem Partido (ESP), Nikolas faz alusões à Guerra Cultural, à suposta doutrinação da esquerda nas escolas, à perseguição supostamente sofrida por pessoas cristãs na universidade, e mesmo a uma suposta obsessão da esquerda pela sexualidade.

Minha professora de Filosofia na PUC, ela conhece até mais cinco alunos fazendo uma aula individual, na qual eu serei em dúvida. E quando eu me questionei, cara, eu falei, mas por que eu vou fazer individual? Ela disse, sim ou não. Você não vai fazer individual. Você tem seu Deus, tem seu Deus. Porque ela sabia que eu era cristão. E naquele momento eu olhei pra ela, olhei pra mim, olhei pra aquela situação, Fui até a coordenadoria e falei, o que eu vou fazer agora? Eu não tinha nenhum recurso, não tinha nenhum cartaz fixado dizendo qual eram os meus deveres, os deveres da professora, os deveres do aluno. O que eu fiz, eu fui à senhoria da polícia, fiz o boletim e a polícia contra ela. Nós não podemos abaixar a cabeça contra esses

desonestos de televisão. da posição hierárquica dentro da sala de aula pra poder doutrinar os alunos. Muitos alunos ficam constrangidos de se posicionar dentro da sala de aula exatamente por isso. Quantos de nós já se posicionamos na sala de aula, mas fomos retaliados por professores? É óbvio que a maioria dos alunos vão acreditar nos professores, porque aqui já fez o mestrado, já fez o doutorado, e consequentemente vão acreditar nele. E o meu outro professor, Meu outro professor nessa vez de política, ele chegou, quando ele citava a chamada, ele não me chamava pelo nome, mas sim ele me chamava de “Jesus Me Ama”, porque ele sabia que eu era cristão. Imagina, se dentro de uma sala de aula, você chama, por exemplo, um aluno de “o umbandista” e não pelo nome, com certeza aquele professor estava na mesma hora com uma carta de jornal falando sobre intolerância religiosa, mas como cristão não pode. O mesmo distinto da sala de aula, que Jesus era canibal. Chegou a esse ponto de simplesmente não se respeitar, mas fazer afirmações totalmente falaciosas. Minha professora de ensino médio, no terceiro ano, ela dava uma prova de sociologia. Todas as novas questões sobre o homossexualismo, em que chegava algo escuro, de uma das questões falava sobre qual era a omissão sexual da Tereza Brandt. Uma das meninas, que é aqui de BH, que se considera transgênero, na verdade, não tem nenhum voto. Eu lá vou querer saber qual é a corrupção sexual da Tereza Brandt. Isso cai no Enem? Você sempre ouviu falar de Che Guevara como símbolo de heroísmo. Você já o viu estampado em camisetas, estampado em bandeiras, estampado já tem em capinhas de Iphone. Mas você nunca soube que ele matou uma criança de 12 anos com um tiro na nuca. Que ele queimou livros, baniu músicos. Porque você mandou treinar esse mesmo Che Guevara que é utilizado como símbolo pela OJS, a União da Juventude Socialista. Que prega o Che Guevara foi um símbolo de liberdade, mas na verdade ele foi um facínora, um assassino. E hoje ele é utilizado como símbolo de herói. Che Guevara era amigo de Fidel Castro. Fidel Castro que assumiu ter perseguido gays e matado gays. Eles são representantes dos estudantes do Brasil? Não são. Mas eles são representantes hoje porque eles foram doutrinados? Porque você, garota, aluna, você utiliza o feminismo como símbolo de liberdade, utilizando a cara da filha da cara? da Simone de Beauvoir, mas seu professor nunca falou pra você que a Simone de Beauvoir foi uma pedófila. A Simone de Beauvoir está na França pra poder legalizar a pedofilia e liberar três indivíduos que haviam cometido assédio sexual com crianças. Por que você foi doutrinado? Quando uma pessoa escreve fora dele, ele não é retaliado. Por que acontece esse tipo de parcialidade entre as escolas? Quando um aluno, se alguém já tinha essa experiência, Falou, por exemplo, que, olha, o Bolsonaro dentro de uma universidade, dentro de uma escola, por exemplo, você vai sofrer retaliação da mesma forma que eu sofri. E eles criam pra ela um poder da educação, da produção artística, literária, das novelas, dos filmes, e ela se torna vítima, como se ela não já tivesse conquistado todos esses bens. Os verdadeiros, as verdadeiras vítimas de tudo isso são os alunos. que tem de ponto um dia conviver com a coordenação marxista dentro da sala de aula. O professor, quando vai chegar de frente de você, vestindo uma camisa de terneiro, com a força do martelo, vai falar no âmbito do comunismo. Lógico que não. Da mesma forma que eu disse, a revolução ainda é cultural. Hoje eles colocam o negro contra o branco, colocam o homossexual contra o heterossexual, colocam os cristãos contra os ateus. É exatamente isso que era a base da classe Marx e do Tony Gramsci, ele foi e evoluiu essa questão. Então, quando eu falo aqui somente como coordenador da Direita Minas, como estudante, Mas eu falo aqui como um cidadão, que realmente não quer desistir dessa geração e como diz o Paulo Meira Dante, não precipitar, não reconhecer e não parar. Nós vamos lutar até que essas crianças e adolescentes tenham uma educação de verdade, uma educação que não seja doutrinação. Escolas sem partido, já! Muitas graças. (ESCOLA, 2018)

Voltando à narrativa, a partir do apoio de Eduardo Bolsonaro, que na época era deputado federal por São Paulo pelo Partido Social Liberal (PSL), Nikolas se elegeu vereador de Belo Horizonte em 2020 pelo PTRB (CRAVO, 2020). Na imagem abaixo, segue um print do material de campanha publicado por Nikolas Ferreira em seu perfil no *Facebook*, durante o ano de 2020.

Figura 14 - Publicação do perfil Nikolas Ferreira na plataforma *Facebook*, em 30 de Setembro de 2020.



Fonte: *Facebook*.

Assim como Flávia Borja, Nikolas sempre se posicionou politicamente como um conservador, sempre destacando em seu material de campanha temáticas caras ao conservadorismo brasileiro, como: a proteção da família; a luta contra a Ideologia de Gênero; e o combate à criminalidade. É importante notar que ele obteve o segundo maior número de votos na eleição, abaixo apenas da vereadora trans Duda Salabert (SANTOS, 2020), fato que destaca como o período eleitoral de 2020 foi atravessado por uma polarização intensa.

Alegando estar fazendo frente à Guerra Cultural promovida pela esquerda, em seu primeiro ano de mandato Nikolas discursou na Câmara de Vereadores pedindo sanções em estabelecimentos de ensino e materiais educacionais que usassem

pronomes neutros. Uma discussão que, eventualmente, evoluiria na proposição do PL 54/2021, de sua autoria, que tinha o objetivo de proibir o uso de linguagem neutra em ambientes de ensino no município de BH. Projeto aprovado em 2023 pela câmara de vereadores, tornando-se a Lei Ordinária nº 11.581/2023 (BELO, 2023). Normativa que seria declarada inconstitucional em 2024 pelo Supremo Tribunal Federal (MELLO, 2024).

Em 2022, após expor nas suas redes sociais uma adolescente trans que tentava utilizar o banheiro feminino do Colégio Santa Maria Minas, de Belo Horizonte (MARZULLO, 2022), além de proferir várias ofensas contra a comunidade trans em geral, ele passou a ser alvo de uma investigação pelo Ministério Público sob a acusação de LGBTfobia e violação do Estatuto da Criança e do Adolescente (MARZULLO, 2022). Em 2023, após a justiça aceitar a denúncia do Ministério Público, ele se torna oficialmente réu, pelo crime de transfobia (CARMO, 2023).

Migrando para o PL em março de 2022, Nikolas teve contra si uma ação interposta pelo PTRB pedindo a cassação de seu mandato (RODRIGUES, 2021). Essa ação, contudo, perderia seu objeto em 2023, uma vez que durante as eleições de 2022 Nikolas abandonou seu cargo de vereador para concorrer à eleição de deputado federal, deixando Uner Augusto assumir sua vereança como suplente (BONNA, 2023).

Ainda quanto ao processo proposto pelo PTRB contra Nikolas Ferreira, após a eleição da vereança de Belo Horizonte, o Partido Socialista Brasileiro (PSB), o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e o Rede Sustentabilidade entraram com ações no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) contra o PTRB, alegando irregularidades cometidas pelo partido durante a campanha eleitoral de 2020 pela vereança do município. Em 2023, o TSE reconheceu a ocorrência de ilegalidades no processo eleitoral, e cassou os votos do PTRB nas eleições de 2020, fazendo com que Uner Augusto, que assumiu a titularidade pela vereança depois de Nikolas abandonar o cargo para se tornar Deputado Federal, perdesse seu mandato (MARZULLO, 2023; BONNA, 2023).

Voltando à narrativa da biografia, durante a campanha eleitoral de 2022, Nikolas concorreu ao cargo de Deputado Federal, realizando uma campanha em que as redes sociais tiveram um papel central. É importante notar que diferentes estudos e levantamentos do período sobre o impacto e influência de agentes políticos na internet colocavam o deputado como o político com maior presença e influências nas redes sociais.

A título de exemplo podemos citar levantamento realizado pela Fundação Heirich Böll, estudo que apontou que durante o ano de 2022 Nikolas Ferreira foi o político com maior número de seguidores nas redes sociais brasileiras, ficando em terceiro em termos gerais, quanto à influência (FUNDAÇÃO HEIRICH BÖLL, 2022b, p.10). Já um levantamento realizado em 2023 pela consultoria Genial/Quest que levava em consideração a influência de senadores e deputados em plataformas como o *Facebook*, Instagram, Twitter e Youtube, Google e a Wikipédia, mostrou que Nikolas era o parlamentar mais influente no âmbito digital em todo o Congresso Nacional (PRATES, 2023).

Considerando essa influência digital, torna-se menos surpreendente o resultado do pleito eleitoral. Ele não só foi eleito, mas também foi o deputado federal com mais votos em todo o Brasil durante o período eleitoral de 2022, além de ser o deputado federal com mais votos em toda a história do estado de Minas Gerais (NIKOLAS, 2022b).

Durante as celebrações do Dia da Mulher de 2023 Nikolas protagonizou uma performance durante as celebrações do Dia da Mulher no Congresso Nacional, que ganhou notoriedade nacional. O deputado vestiu uma peruca enquanto discursava na tribuna da Câmara, dizendo possuir lugar de fala já que seria uma mulher naquele momento, passando a proferir falas criticando o feminismo e a população trans (PINOTTI et al, 2023).

Boa tarde a todos. Hoje é o Dia Internacional das Mulheres. A esquerda disse que eu não poderia falar porque eu não estava no meu local de fala. Então eu solucionei esse problema aqui, hoje. Eu me sinto mulher, deputada Nicole, e eu tenho algo muito interessante aqui para poder falar. As mulheres estão perdendo o seu espaço para homens que se sentem mulheres. E para vocês terem ideia do perigo de tudo isso, vocês podem me perguntar qual que é o perigo disso, deputada Nicole, e eu respondo. Sabe por quê? Porque eles estão querendo colocar uma imposição de uma realidade que não é a realidade. Eu, por exemplo, posso ir pra cadeia, deputado, caso eu seja condenado por transfobia. E por quê? Porque eu xinguei, porque eu pedi pra matar? Porque no Dia Internacional das Mulheres, há dois anos, eu parabeneizei as mulheres XX. Ou seja, na verdade é uma imposição. Ou você concorda com o que eles estão dizendo, ou caso contrário, você é um transfóbico, homofóbico e preconceituoso. Então aqui eu vou tirar, porque eu sou gênero fluido, e aí eu volto aqui para o Nicolas homem aqui, para poder dizer o seguinte. Mulheres, vocês não devem nada ao feminismo. Então mulheres, retomem a sua feminilidade. Tenham filhos, amem a maternidade, formem a sua família, porque dessa forma vocês colocarão luz no mundo e serão, com certeza, mulheres valorosas. Por fim, parabéns, mulheres. Sem vocês nós não seríamos nada. Obrigado, presidente (NIKOLAS, 2023).

Note-se, que os discursos de Nikolas Ferreira contra a população LGBTQIAPN+ durante o início de março não se restringiram apenas à plenária da câmara. Nos dias anteriores à sua fala mais polêmica, o parlamentar já vinha publicando em suas redes conteúdos de idêntica temática e intensidade. Publicações que foram apagados em agosto de 2023, a partir de decisão judicial que considerou que elas reproduziam discursos de ódio homotransfóbicos (REDES SOCIAIS, 2023).

Ainda quanto às falas polêmicas do deputado de 08 de março de 2023 e suas consequências jurídicas, é interessante notar que ele foi condenado, em abril de 2025, ao pagamento de uma indenização por danos morais coletivos pela justiça de São Paulo, em razão de um processo proposto pela Aliança Nacional LGBTI+ e pela Associação Brasileira de Famílias Homotransafetivas (VIVAS, 2025). Contudo, o processo de cassação contra ele em decorrência da gravidade dessas falas foi arquivado na Câmara dos Deputados em agosto de 2023, por questões de fundo político e conjuntural (OHANA, 2023).

Em julho de 2023, Nikolas novamente ganharia repercussão nacional, ao realizar em suas redes sociais uma série de publicações e mensagens criticando a população LGBTQIAPN+ a partir de um viés religioso, além de questionar a existência de crianças trans (NIKOLAS, 2023; HAILER, 2023; FERNANDES, 2023). Abaixo, segue uma imagem de uma publicação do deputado no seu perfil do X, particularmente interessante sobre a abordagem do parlamentar dos temas antigênero.

Figura 15 - Publicação do perfil Nikolas Ferreira na plataforma *Facebook*, em 11 de Junho de 2023.



Fonte: X

A despeito da foto compartilhada não ter relação real com a Parada LGBT, já que ela foi tirada durante uma passeata de pessoas do meio BDSM, conforme aponta Fernandes (2023), Nikolas não só assume uma vinculação dessa imagem com a parada, mas tece uma análise referenciando uma suposta ameaça corruptiva à infância, cita o 7 de setembro que é uma data de cunho nacionalista de importância central para o bolsonarismo, e incita reações de indignação religiosa ao sugerir que não seria aceitável, para os apoiadores da parada, levar uma criança à Igreja.

Recentemente, em janeiro de 2025, um vídeo criado por Nikolas criticando uma medida do governo federal que visava a criação de novas normas de fiscalização da Receita Federal tornou-se o terceiro vídeo com mais visualizações em toda a história da internet durante as primeiras 24 horas desde sua publicação (BORTOLON e RUDNITZKI, 2025).

O grande alcance desse vídeo serve como prova do enorme poder comunicacional possuído pelo parlamentar. Um poder de viralização comunicacional que, como notado por Bortolon e Rudnitzki (2025), faz com que outros políticos e agentes conservadores surjam como repetidores nas redes dos discursos e conteúdos inicialmente criados pelo deputado. Nikolas Ferreira, portanto, pode ser compreendido como um criador de conteúdos políticos conservadores de alta viralidade.

4.2.2. Uma análise dos dados colhidos

Tendo concluído nossas observações e detalhamentos quanto à biografia do parlamentar, seguimos agora para a análise do material colhido em seu perfil oficial no *Facebook* e no X. Assim como foi apontado no capítulo metodológico, no período em questão Nikolas realizou o total de 660 publicações. Desse número, 156 dessas publicações foram realizadas no *Facebook*, enquanto 504 foram realizadas no X.

É importante notar que apesar do número de publicações do perfil do deputado no X ser superior ao número de publicações no perfil do *Facebook*, o número de formas, ou seja, de radicais de palavras, foi consideravelmente maior no *Facebook*. Para se ter uma ideia, o número de formas no perfil do deputado na plataforma da Meta foi de 5.619, já no X esse número foi de “apenas” 3.747. Perceba-se que isso indica que a maioria das interações comunicativas de Nikolas durante o período teve baixa complexidade comunicativa. Em outras palavras, o deputado desenvolveu uma comunicação mais pobre junto aos seus seguidores.

Fato que denota como as estratégias de utilização de cada uma das plataformas influenciam o conteúdo que é transmitido nelas. Algo que fica bem claro quando percebemos a diferença da duração total dos arquivos audiovisuais publicados em cada uma das plataformas, assim como o conteúdo presente nelas.

O fato dos vídeos publicados no *Facebook* serem, em média, mais longos que aqueles publicados no X molda os tipos de conteúdo e abordagem usados nas plataformas. No X, o conteúdo audiovisual compartilhado era, em sua maior parte, materiais de campanha e vídeos curtos onde Nikolas fazia, algumas vezes a partir do modelo de vídeo *react*, breves análises sobre fatos e conjunturas do momento. Já no *Facebook*, embora o material de campanha e vários dos vídeos de análise também estivessem presentes, existiu uma diversidade maior de material. Foram publicados recortes de entrevistas para jornais e *podcasts*, além de vídeos em formato *react* de maior duração, ou até materiais de campanha de aliados políticos.

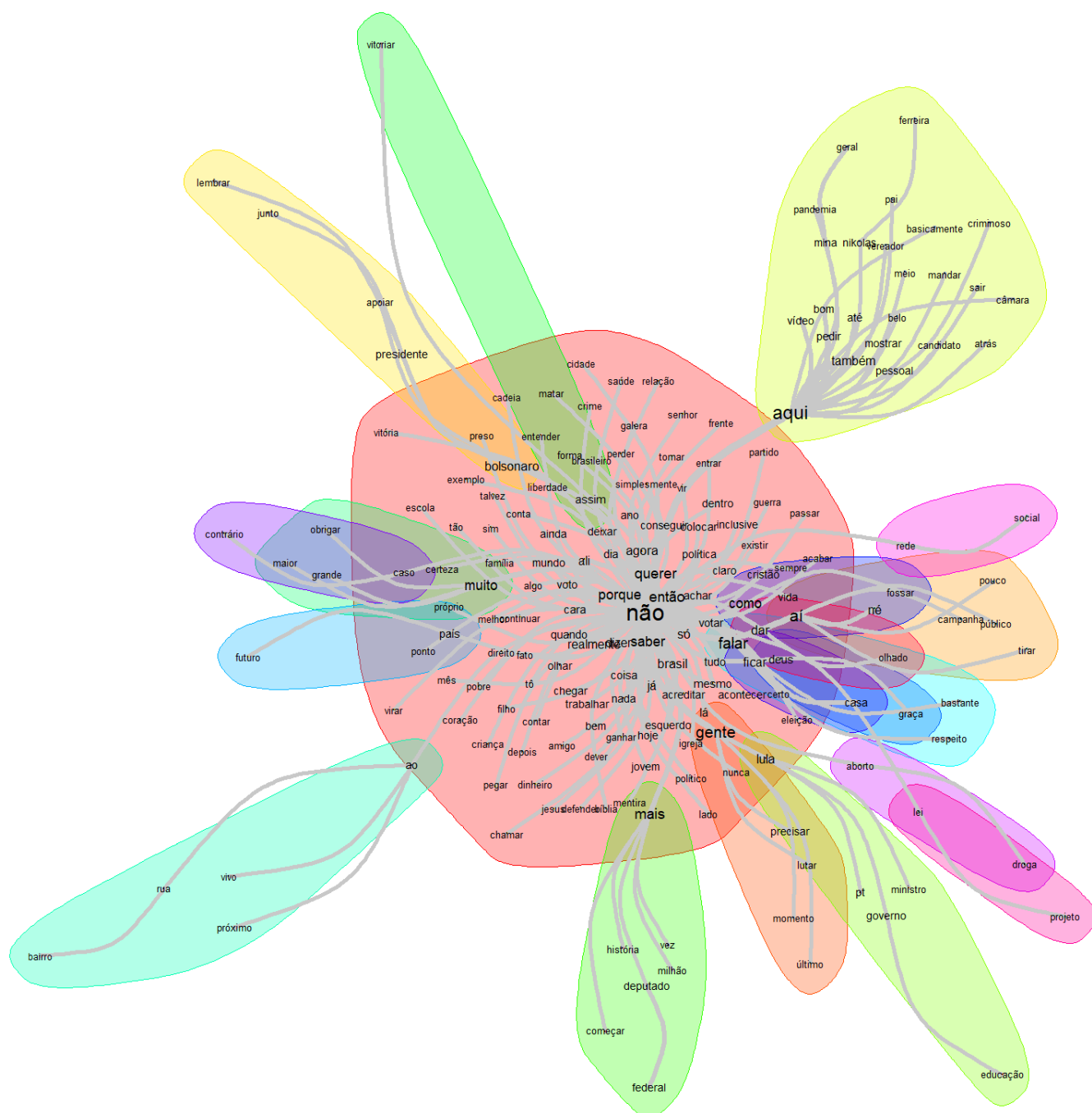
Algo que denota que a utilização do *Facebook* durante o período eleitoral citado tinha para Nikolas uma conotação mais formal que o X. Se para Highfield (2015, p.316) o X possuiria uma interação com seus usuários mais próxima de uma discussão ao vivo, poderíamos pensar que na comunicação do parlamentar nas redes durante o período em recorte, o *Facebook* estaria mais próximo de uma TV. Ele seria menos interativo, e mais panfletário.

Por último, antes de se analisar aqui com mais cuidado as interfaces visuais criadas pelo IRAMUTEQ a partir das formas extraídas do corpus textual, é importante que se esclareça que o grau de similitude utilizado na construção dos gráficos criados a partir dos dados levantados nos perfis de Nikolas Ferreira foi diferente daquele utilizado no processamento dos dados levantados na rede de Flávia Borja.

Enquanto, para a construção do gráfico de similitudes de Flávia Borja foi inicialmente usada uma frequência mínima de 5 para o X, e 10 para o *Facebook*, a frequência mínima utilizada na construção dos gráficos dos dados levantados no perfil do deputado federal foi de 20. Decisão que foi tomada com o fim de otimizar a visualização dos dados na imagem, considerando a grande diferença no tamanho dos corpus textuais dele, quando comparado às postagens da vereadora de Belo Horizonte.

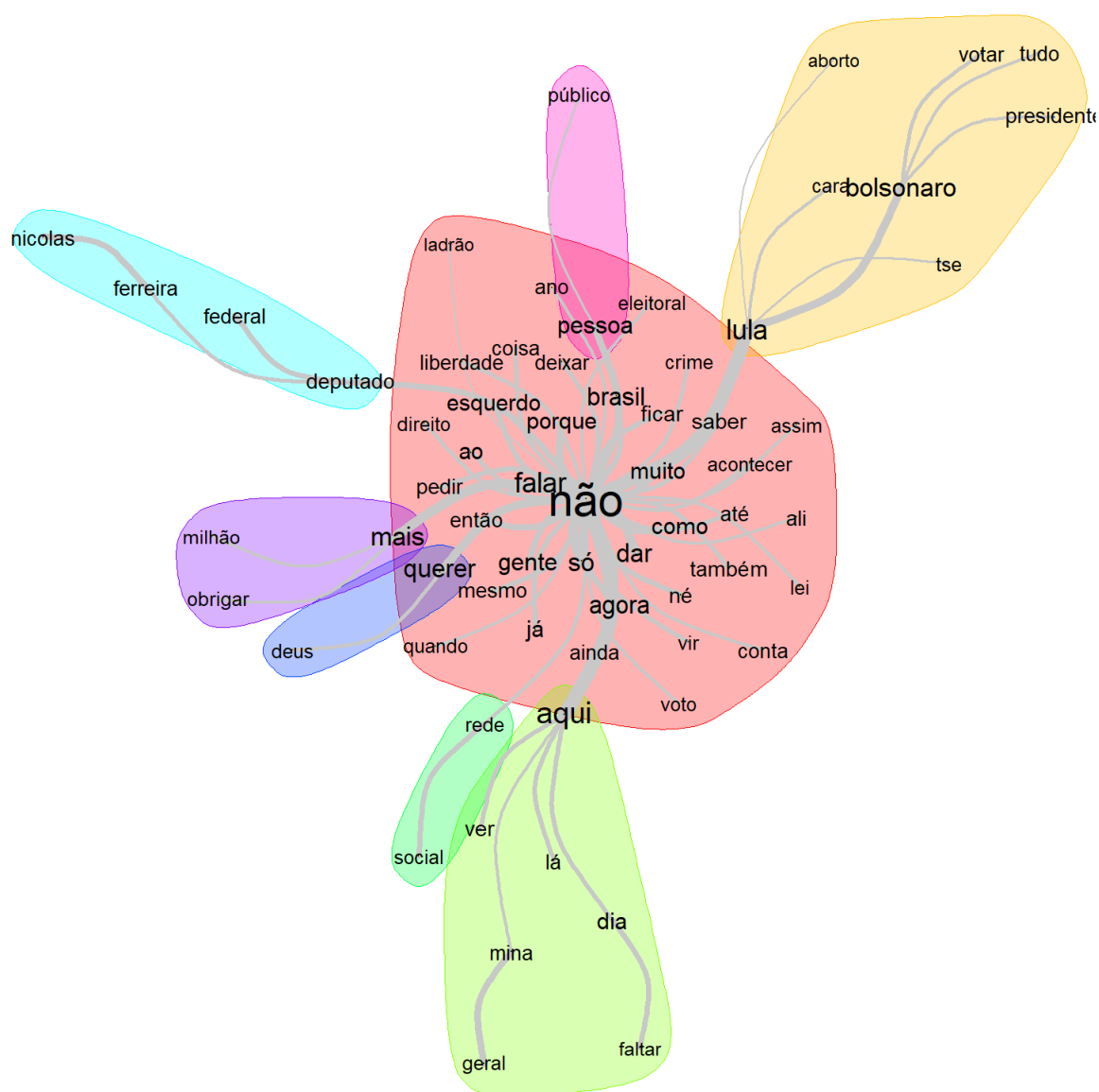
Assim como fizemos na seção anterior, quando falamos da vereadora Flávia Borja, apresentaremos abaixo inicialmente as interfaces visuais criadas pelo IRAMUTEQ a partir dos dados levantados no *Facebook*, e logo depois apresentaremos o material criado a partir da análise dos dados levantados no X. Por fim, encerraremos a seção com uma análise geral.

Figura 17 – Árvore de Similitudes com todos os discursos do perfil oficial do deputado Nikolas Ferreira no Facebook durante o período de setembro de 2022 até janeiro de 2023.



Fonte: resultados originais da pesquisa.

Figura 19 – Árvore de Similitudes com todos os discursos do perfil oficial do deputado Nikolas Ferreira no X durante o período de setembro de 2022 até janeiro de 2023.



Fonte: resultados originais da pesquisa.

Assim como ocorreu na análise das publicações de Flávia Borja, percebemos que as formas correspondentes a conteúdos de caráter antigênero não foram relevantes em nenhuma das plataformas estudadas aqui. Não que durante o período em recorte não tenha havido a publicação e o compartilhamento de materiais anti-LGBTQIAPN+ tanto no X, quanto no *Facebook*.

Contudo, percebeu-se a partir da análise lexicográfica promovida pelo IRAMUTEQ que, ao contrário do que inicialmente se imaginou, falas específicas contra a população LGBTQIAPN+ não tiveram uma recorrência relevante em nenhum dos corpus textuais.

Um argumento que inicialmente poderia justificar a frequência relativamente baixa do aparecimento de termos referenciando discursos de ódio contra a população LGBTQIAPN+ seria o recorte temporal escolhido para a coleta de dados da presente pesquisa. Como fica claro a partir da análise das interfaces criadas no IRAMUTEQ, formas referentes ao processo eleitoral foram mais frequentes tanto no X, quanto no *Facebook*.

Algo que pode ser visto na centralidade que os termos Lula, Bolsonaro e Brasil apresentaram nas nuvens de palavras dos dados das duas plataformas. Uma outra explicação, também viável, seria a de que o deputado teria moderado seu próprio discurso, com o fim de projetar uma imagem menos radical para o eleitorado indeciso. Projeção que não teria como intenção tanto seu benefício direto, mas que visaria com mais intensidade o certame das eleições presidenciais.

Algo que fica um bocado evidenciado em publicações do parlamentar, como o vídeo que ele publicou em 26 de outubro de 2022. Nesse vídeo, fica patente a preocupação do parlamentar em apresentar uma perspectiva do bolsonarismo mais suavizada quanto às pautas antiLGBTQIAPN+, ao mesmo tempo que ele argumenta que a esquerda, aqui compreendida de forma mais genérica como todas as correntes políticas e de pensamento contrárias ao bolsonarismo, que seria de fato intolerante contra a população LGBTQIAPN+.

Acuse-os do que você faz, chame-os do que você é. Essa frase simplifica a esquerda. Eles têm medo que você perceba a verdadeira intenção de suas ideias, que irão destruir o país, utilizam dessa estratégia. Agora, você já ouviu eles falando que o comunismo, o socialismo, que eles tanto defendem, já matou diretamente mais de 110 milhões de pessoas na história? Você sabia que Che Guevara e Fidel Castro perseguiram e mataram incontáveis homossexuais em seus países? Será mesmo que Bolsonaro é intolerante? Você já ouviu que o Bolsonaro quer prejudicar o pobre? Tem aqueles que falam que o Bolsonaro é contra a liberdade das pessoas. Enfim, preste atenção nas ações dos acusadores. Retroceder não pode ser uma opção. Vote 22, Bolsonaro (FERREIRA, 2022c).

Ainda fazendo algumas observações de caráter mais geral, é interessante perceber que a palavra mais central tanto no discurso promovido no perfil oficial de

Nikolas Ferreira quanto no de Flávia Borja foi o advérbio de negação “não”. Algo que faz bastante sentido, considerando a natureza anti-sistema e profundamente adversarial do pensamento e identidade bolsonaristas.

Cesarino (2020, p.105) e Lago (2022, p. 47-48) apontam em seus textos como o bolsonarismo tem como seus principais públicos grupos sociais que sentiam que suas identidades e lugares sociais em crise, e que se percebiam de alguma forma excluídos e roubados de suas expectativas sociais presumidas. Algo que fica evidente na centralidade da negativa no discurso do deputado federal, uma vez que ela expressa a tentativa de capitalização política desse descontentamento social. O que une os diferentes estratos da identidade bolsonarista é o ressentimento.

Contudo, é interessante apontar que termos como família e criança, que tinham centralidade no discurso de Flávia Borja no *Facebook*, não tiveram a mesma relevância na comunicação de Nikolas. Algo que sugere que, a despeito da ideia de proteção aos valores familiares e à família ser um lugar comum em seu discurso, inclusive presente no seu vídeo de campanha para a TV, compartilhado no *Facebook* no dia 06 de setembro de 2022, ela não possui para ele a mesma relevância discursiva que possui para Flávia Borja.

Nota-se ainda que no gráfico de similitudes do *Facebook*, existiu uma relação entre os termos droga e aborto. Isso resgata uma tese que já foi discutida no 2º capítulo desta dissertação. A ideia de que o pensamento conservador desenvolveria uma caricatura daquilo que seria seu opositor ideológico, como um avatar de todos os males, um espantalho moral.

Algo que pode, inclusive, ser visto no gráfico de similitudes correspondente ao X, em que há uma associação do termo Lula com o termo aborto. Um ponto, inclusive, bastante controverso nas eleições, já que o petista já havia feito declarações pró-aborto no passado. Embora o mesmo também possa ser dito de seu oponente no segundo turno de 2022, houve uma capitalização política por Nikolas e outros nomes conservadores da associação entre Lula e o aborto (SCHREIBER, 2022).

Voltando ao gráfico de similitudes do *Facebook*, é também interessante perceber que existe uma associação entre os seguintes termos: deus; guerra; crime; e graça. É relevante perceber que no discurso de Nikolas houve sempre a ideia da iminência de uma grande ameaça existencial. Algo que se relaciona profundamente

com a construção do imaginário do opositor político ao bolsonarismo como um degenerado moral.

Frente à impossibilidade de consenso, uma vez que o opositor político seria um avatar da destruição de todos os valores caros à identidade conservadora, o embate, a guerra, seria um mandato divino. Algo que fica bastante evidenciado no trecho abaixo, que foi originalmente transcrito do vídeo publicado pelo perfil de Nikolas no X, no dia 19 de outubro de 2022. No vídeo, ao som de uma música dramática e cenas de conflitos armados, Nikolas Ferreira discorre sobre as supostas consequências apocalípticas do retorno do petismo ao poder.

Estamos vivendo um dos momentos mais decisivos da história do nosso país, de nosso povo, de nossas vidas. É chegada a hora de em que o Brasil escolherá entre a liberdade e a escravidão, desenvolvimento ou revolução caótica, o combate ao crime ou a idolatria de bandido, o desenvolvimento ou a miséria, a liberdade religiosa ou o desrespeito a Deus e a fé, defesa da família ou a morte de bebês inocentes e a destruição das relações familiares. No próximo dia 30, o nosso futuro será decidido. A decisão que tomaremos, certamente a mais importante de nossas vidas, definirá se o país continuará no rumo do desenvolvimento e da estabilidade ou se nos renderemos ao caos, corrupção, desordem e miséria. Como aconteceu com todos os países que acreditaram na esquerda? Se você é jovem, decidirá em qual país vai querer viver o seu futuro, numa terra de oportunidades em que seus sonhos podem ser alcançados ou no lugar onde a única opção será implorar ao governo que decida quem você será ou o que você terá. Se você é um pai ou mãe, você vai decidir no apenas o seu futuro e o dos seus filhos, mas também se a sua geração será aquela que venceu e transformou o Brasil no país do futuro, com que você tanto sonhou ou seja aquela que empregará o país de vez aos mesmos enganadores corruptos que quase roubaram o seu futuro. Decidirá acima de tudo se os seus filhos viverão em um país livre ou se viverão em escravidão do silêncio, impotente, subjugados pelos donos do poder. Mas essa decisão não é apenas sua, é de todos os brasileiros. Grande parte do nosso povo está cegado pelas mentiras e narrativas criadas pela grande mídia. Ninguém decide com mergulhar o seu país nas trevas de forma consciente. E a ameaça que vivenciamos é, sobretudo, o fruto da derrota da verdade, silenciosa para mentira (FERREIRA, 2022b).

Tendo terminado nossas observações quanto aos dados levantados nos perfis de Nikolas Ferreira no X e no *Facebook*, passamos para o detalhamento das conclusões obtidas.

4.2.3. Das conclusões e resultados do levantamento

Assim como ocorreu na exposição das conclusões do levantamento de Flávia Borja, inicia-se a presente seção com a percepção do equívoco quanto às hipóteses nas quais esse trabalho se baseou. Discursos antiLGBTQIAPN+ não são tão centrais dentro da comunicação de Nikolas Ferreira como se imaginou de início. Muito pelo contrário, durante o período de recorte eles tiveram uma relevância marginal frente a temas conjunturais, como as eleições ocorridas no período.

Contudo, cabe aqui apontar que nas ocasiões em que houve o desenvolvimento de discursos antiLGBTQIAPN+ por Nikolas, percebeu-se que ele não usava o mesmo estilo e estratégias de comunicação usadas por Flávia Borja. Enquanto a vereadora pautava o seu discurso contra a comunidade LGBTQIAPN+ de forma quase didática, sempre partindo de exemplos ou imagens para apresentar supostas problemáticas quanto ao grupo, o deputado era mais vago em sua comunicação. Apesar de reproduzirem discursos similares, a abordagem memética e viral de Nikolas em seu discurso digital limitou a complexidade dos conteúdos que ele era capaz de comunicar.

Uma imprecisão discursiva, que não se julga aqui ter sido acidental. O caráter mais livre e menos elaborado das retóricas antigênero e antiLGBTQIAPN+ promovidas por Nikolas primavam menos pelo seu conteúdo e mais por sua capacidade de viralização. Algo, inclusive, que ocorre na maior parte da retórica digital do deputado, independentemente do tema em discussão. É importante que se note, que as duas principais características da comunicação digital desse personagem são seu caráter altamente memético e tóxico.

E por memes, retomamos a definição apresentada por Shifman (2014); Nagle (2016); DeCook (2018), que definem o conceito como instrumentos comunicativos interacionais e performativos, de transmissão de sentidos sociais no ambiente digital, através de mecânicas de engajamento e viralização. Quanto à toxicidade, como já foi apontado no segundo capítulo, fala-se aqui de uma estratégia de hegemonização discursiva, definida por Recuero (2024), que se desenvolve a partir da reprodução de discursos de alta replicabilidade e engajamento para a supressão de discursos e identidades discordantes.

Defende-se aqui, portanto, que Nikolas Ferreira possui uma retórica, em sua comunicação digital, que criou uma versão política do troll de internet. Se Flávia Borja possui uma abordagem em seus discursos homotransfóbicos mais voltada à incitação e promoção de emoções perenes de repúdio contra temáticas LGBTQIAPN+ e antigênero, Nikolas desenvolve uma abordagem mais focada em otimizar estratégias de engajamento e viralização digital.

Através de memes e de um discurso de alta toxicidade, a linguagem digital do deputado se preocupa mais em consolidar uma hegemonia discursiva, do que de fato consolidar os sentidos presentes na mensagem. Algo que está presente, inclusive, no tom muitas vezes descontraído de suas interações no ambiente digital. Descontração que, embora não permita uma transmissão de sentidos tão clara como ocorre com Flávia Borja, permite que os discursos do deputado possuam muito mais alcance e replicabilidade do que aqueles promovidos pela vereadora.

4.3. Quanto ao Senador pelo Espírito Santo Magno Malta

Passamos então para a análise do último personagem desse estudo. O senador capixaba do PL, Magno Malta. Ao contrário dos outros dois personagens que compõem nosso objeto de estudo, ele é o político mais camaleônico dos três parlamentares aqui em estudo, já tendo tido relações cordiais com o PT durante os governos de Lula e Dilma, e com o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) durante o governo Temer (RESENDE, 2018).

Fazendo um breve apanhado dos dados que foram levantados nas redes do senador, nosso estudo coletou o somatório total de 613 publicações nos perfis dele no X e no *Facebook*, no período em questão. Desse montante, 552 das publicações levantadas foram encontradas no *Facebook*, enquanto que apenas 61 delas foram colhidas no X. O mês com maior número de publicações no *Facebook* foi setembro, com 254 publicações, enquanto que o mês com menor número de publicações foi janeiro, com apenas 39. Já no X, o mês com maior número de publicações foi novembro, com 20, e o que teve menor número foi setembro, com apenas 3.

Assim como ocorreu com Nikolas Ferreira e Flávia Borja, percebeu-se que a duração do material audiovisual compartilhado nas redes foi consideravelmente maior

na rede da Meta do que no X. Na verdade, notou-se que os dados coletados nas redes de Magno Malta apresentavam os maiores níveis de discrepância quanto a esse quesito. Das 552 publicações encontradas no perfil do senador no *Facebook*, 423 compartilhavam arquivos de vídeo. A duração total do material audiovisual coletado na rede da Meta foi de 10 horas, 54 minutos e 3 segundos. Já no X, foram levantados apenas 24 arquivos de vídeo, com uma duração total do material de 21 minutos e 46 segundos.

É importante notar, contudo, que o presente trabalho especula que tal diferença ocorreu, em grande parte, porque o perfil do *Facebook* e o perfil do X do senador foram provavelmente geridos por pessoas ou equipes diferentes. Uma conclusão que se baseia no nível de complexidade e profissionalização do material publicado no *Facebook* durante os meses de setembro e outubro de 2022. Dois meses que sozinhos representam 348 do total de 552 postagens coletadas na plataforma. A qualidade técnica do material levantado durante esses dois meses não encontrou paralelo no padrão de material coletado perfil do X. É também relevante notar que 156 das 204 publicações dos três meses restantes do recorte constituíam-se de vídeos que muitas das vezes eram meros recortes de entrevistas, matérias de TV ou de outras mídias, que sequer possuíam uma legenda publicada pelo perfil.

Percebe-se, portanto, um problema que é necessário ser reconhecido pelo presente estudo. Parte considerável dos dados da plataforma com maior interação do senador potencialmente não reflete seu comportamento padrão, uma vez que foram manipulados por terceiros com fins diversos. Apesar disso, ainda se acredita que existe valor na análise desses dados, uma vez que eles refletem o resultado de processos decisórios sobre estratégias comunicacionais, que em maior ou menor medida tiveram a participação de Magno Malta.

Tendo reconhecido essa problemática, que será particularmente relevante para as próximas seções do texto, segue-se um breve detalhamento da carreira e biografia do senador.

4.3.1. Uma breve biografia

Magno Pereira Malta nasceu no município baiano de Macarani, em 16 de outubro de 1957 (OLIVEIRA, 2022). Graduado em teologia pelo Seminário Teológico Batista do Norte em Pernambuco, antes de despontar na política ele foi um pastor evangélico, além de integrante de uma banda gospel de pagode (CERIONI, 2018; TELES, 2023).

Sua entrada na vida política aconteceu em 1993, quando se tornou vereador do Município capixaba de Cachoeiro de Itapemirim, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em 1994, migrando para o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Magno foi eleito deputado estadual do Espírito Santo (ES). Cargo em que ficou de 1995 até 1999. Mudando sua filiação para o Partido Social Trabalhista (PST)⁸, ele foi eleito senador pelo ES em 2002, com mandato de 2003 até 2011. Em 2010 ele foi eleito novamente senador pelo ES, com a legislatura de 2011 até 2019 (BRASIL, [s.d.]; OLIVEIRA, 2022).

Antes de falar sobre as eleições de 2018, é importante falar como Magno Malta havia se consolidado na época como um dos grandes nomes da política conservadora brasileira. Porque o conservadorismo do senador não é algo recente. Inclusive, Malta foi um dos primeiros políticos a popularizar o termo “kit gay”. Como notado por Trotti e Lowenkron (2023, p.6), antes de ser apropriado pelo bolsonarismo, o termo foi usado como uma crítica contra uma parceria do Ministério da Saúde com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República em 2004, para desenvolver um material didático sobre gênero e sexualidade que pudesse ser distribuído nas escolas.

A partir de seus anos de atuação na presidência da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pedofilia, Magno se tornou um nome de referência nas cruzadas morais antigênero. Perceba-se que a CPI foi um marco na forma como o debate institucional e social brasileiros encaravam a violência sexual contra crianças (TROTTI e LOWENKRON, 2023, p.4). A partir dela, tornou-se comum entre agentes conservadores o uso da proteção à infância como uma argumentação para cruzadas morais contra a ideologia de gênero.

⁸ O PST junto com o Partido Geral dos Trabalhadores (PGT) se fundiu ao PL em 2003 (PL, 2003).

A presença de uma “infância” a ser protegida marca a força do acionamento da categoria “pedofilia” ao longo do percurso das polêmicas aqui abordadas. Praticamente todos os opositores do projeto Escola sem Homofobia (ESH) no Congresso Nacional, que são os mesmos atores que trabalham contra o conjunto de proposições no Legislativo ligadas aos direitos LGBTI, utilizaram a imagem da criança indefesa, “presa fácil dos pedófilos”. Os discursos dos oponentes do projeto ESH e que denunciam a “ideologia de gênero” reforçam uma perspectiva, como afirmado, de que o pretenso enfrentamento da homofobia mascara um “aliciamento”, um desvirtuamento das crianças. Essa estratégia aposta na construção de uma polarização entre os defensores dos direitos das crianças e dos adolescentes e os defensores dos direitos LGBTI e também dos direitos das mulheres. Um exemplo concreto disto é a figura de Magno Malta, bastião da defesa das crianças e da família, principal mobilizador da chamada CPI da pedofilia (Lowenkron, 2013) e histórico opositor das ações voltadas à afirmação dos direitos LGBTI no Congresso Nacional (LEITE, 2019, 130-131).

O que pode ser visto, por exemplo, na luta do senador contra o PL nº 122/2006, que tinha como objetivo criminalizar a homofobia. Criticando o projeto em 2011, o senador chegou a não só insinuar que a medida tentava criar um “império homossexual Brasil” (MALTA apud PROJETO, 2011), mas que ela também legalizaria a pedofilia (BRASIL, 2011).

É também importante notar, por fim, que até 2017 Malta era o segundo parlamentar evangélico com maior alcance na internet brasileira, perdendo apenas para Eduardo Bolsonaro (EDUARDO, 2017). Não é estranho, portanto, que em 2018 ele tenha sido cotado para ser o vice-presidente de Jair Bolsonaro, a partir de manifestações públicas do mesmo, que havia afirmado que o senador seria “seu candidato dos sonhos” (BALLOUSSIER, 2018).

Algo, inclusive, que aponta a boa relação que o senador e o futuro presidente já possuíam. Malta conheceu Bolsonaro durante o período em que esse foi deputado, desenvolvendo uma relação relativamente próxima com aquele que seria eleito presidente em 2018. Abaixo, inclusive, segue trecho de um pronunciamento do senador capixaba em 2018, no senado federal, em que o mesmo relata como ele conheceu Bolsonaro:

Quando terminou aquele movimento, Senador Eunício, há quatro anos e meio, eu fui à Câmara – a minha esposa, Lauriete, era Deputada Federal – e, no corredor, deparei-me com um Deputado Federal. Alguém me puxou pelo ombro, eu olhei para trás, Senador Cássio, e era o Deputado Jair Bolsonaro. Ele me puxou pelo ombro, olhou no meu olho e disse: “Olha, um de nós dois tem que ser candidato a Presidente ou eles vão destruir as nossas famílias pela via da escola”. Eu disse uma coisa a ele: “Bolsonaro, você é baixo clero aqui e é tido como doido; eu sou um Senador que já tem uma certa

visibilidade, mas essa mídia esquerdista, parte dela, me trata como um Senador folclórico". Eu falei com ele: "O nosso único caminho é orar". A partir daquele dia, eu passei a orar com Jair Bolsonaro, duas vezes por semana, no meu gabinete, Senador Flexa. Em 2014, ele verbalizou isso para fora e disse pela primeira vez na tribuna: "Lendo a Bíblia, eu li João 8:32: 'Conhecereis a verdade, e ela vos libertará'". (MALTA apud BRASIL, 2018)

Contudo, a despeito de sua familiaridade com o Bolsonaro, Malta decidiu declinar o convite, para tentar concorrer novamente às eleições para senador (CASTRO, 2018). Uma das razões que se especulou à época para a recusa de Magno foi o apoio oficial de seu partido ao candidato pelo Partido Social Democrata Brasileiro (PSDB), Geraldo Alckmin (RESENDE, 2018; SOARES, 2022).

Não conseguindo se eleger ao senado, Magno Malta tentou realizar uma reaproximação com o presidente eleito, potencialmente com o fim de integrar o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos. Algo que acabou não ocorrendo, uma vez que Damares Alves, ex-assessora de Malta, acabou sendo escolhida para o ministério (ALMEIDA, 2018; SILVA, 2022). Fato que criou um breve distanciamento entre ele e Bolsonaro (AUDI, 2018).

Contudo, com a ajuda de Silas Malafaia, líder da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, Malta reatou suas relações com o presidente, o que garantiu o apoio do mesmo nas eleições de 2022 (SILVA, 2022). Apoio que foi fundamental para que Magno pudesse vencer as eleições daquele ano e retornar ao senado.

É importante apontar que essa reaproximação não foi apenas entre Bolsonaro e Malta, uma vez que durante o início do mandato de Jair houve um tensionamento das relações entre ele e sua base de apoio entre líderes religiosos, que queriam mais presença no governo e uma concretização de pautas conservadoras prometidas na campanha (SCHMITT e CASTRO, 2019; PRADO, 2021).

A reaproximação de Bolsonaro a Magno Malta, durante o ano de 2022, foi também a consolidação, na gestão bolsonarista, do poder de grupos religiosos conservadores. E o sintoma mais visível desse fenômeno pode ser percebido pelo aumento da relevância de empreendedores morais digitais religiosos na construção e legitimação da comunicação bolsonarista. Falando sobre o tema, Mariano (2023) sintetiza os resultados eleitorais e políticos da fusão do conservadorismo religioso brasileiro com o bolsonarismo:

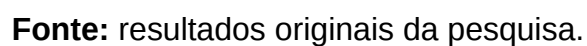
Na eleição presidencial de 2022, pastores radicalizaram a demonização do candidato petista e de seu partido a ponto de protagonizar casos de assédio, ameaça e exclusão de fiéis eleitores do PT. A campanha pastoral antipetista surtiu efeito: conforme pesquisa do Datafolha às vésperas do segundo turno, Bolsonaro obteve 60,5%% dos votos evangélicos contra 31,5% de seu adversário no segundo turno (MARIANO, 2023).

4.3.2. Uma análise dos dados colhidos

Concluída a contextualização sobre a vida e carreira de Magno Malta, seguimos para a análise dos dados que foram levantados em seus perfis no *Facebook* e no X. Como já se apontou anteriormente, os corpus textuais formados a partir das legendas e transcrições das publicações de Magno Malta no *Facebook* e X variaram de forma considerável.

Para se ter uma ideia, enquanto o corpus textual formado a partir dos dados coletados na plataforma da Meta possui 8.175 formas diferentes, a diversidade e complexidade do corpus textual formado a partir das publicações de Malta na rede de Elon Musk foi de apenas 1.367 formas. Uma diferença que exigiu que o estudo delimitasse frequências mínimas de recorrência das formas para a construção dos gráficos de similitudes diferentes, para otimizar a visualização dos dados. Uma vez que, caso se usasse a mesma frequência para os dois agrupamentos de dados, haveria a criação de distorções e ruídos na imagem que impossibilitariam a análise. Por esse motivo, enquanto a frequência mínima utilizada no processamento dos dados do *Facebook* foi de 20, a frequência delimitada na ferramenta para o corpus textual formado pelos textos do X foi de apenas 5.

Assim como fizemos nas seções anteriores do estudo, apresentaremos abaixo inicialmente as interfaces visuais criadas pelo IRAMUTEQ a partir dos dados levantados no *Facebook*, e logo depois apresentaremos o material criado a partir da análise dos dados levantados no X. Por fim, encerraremos a seção com uma análise geral.



imaginou originalmente, temáticas antiLGBTQIAPN+ não se mostraram tão relevantes para a comunicação do senador bolsonarista.

Constatação que já havia sido feita nas seções em que se realizou a análise da comunicação de Flávia Borja e Nikolas Ferreira. Especula-se aqui, que tal fato ocorreu parcialmente por causa do período de recorte escolhido. De início, pensou-se que as eleições seriam, ao contrário, um fator de radicalização dos discursos no ambiente digital. Contudo, o que se percebeu na análise das publicações realizadas nos perfis do senador foi uma moderação do discurso homotransfóbico e de discursos de ódio em geral durante todo o período eleitoral. Não que a comunicação do senador fosse destituída de radicalismos, mas esses pareciam não só limitados à esfera política, mas também saneados de imagens e referências agressivas.

Mesmo depois das eleições de segundo turno, observou-se que as interações do parlamentar com suas redes continuaram apresentando os mesmos padrões que possuíam durante o período eleitoral. Como se, mesmo finalizadas as eleições para o Congresso Nacional e para a Presidência, o clima eleitoral não tivesse arrefecido na comunicação digital do senador.

Algo que mudou apenas durante o mês de janeiro, quando depois das manifestações antidemocráticas, houve uma mudança do tom mais aguerrido e combativo politicamente, para algo mais ambíguo. Como se finalmente o processo eleitoral, que já havia terminado oficialmente em outubro do ano anterior, tivesse finalmente se encerrado com os atos antidemocráticos.

É importante que destaquemos que, assim como ocorreu durante a análise dos discursos dos dois outros parlamentares, a forma mais frequente e central verificada no discurso do senador bolsonarista foi o advérbio “não”. Ponto que retoma o que já se discutiu nas seções anteriores, quanto ao fato da identidade bolsonarista ser profundamente marcada por uma natureza adversarial e anti-sistema.

Como já se falou anteriormente, o bolsonarismo é profundamente marcado por uma postura de negação da realidade. E é a partir dessa negação, que é contínua e basilar para esse pensamento, que se constroem todas as relações e referências presentes na comunicação do movimento. Para Lago (2022, p 47), o populismo reacionário bolsonarista é uma identidade política de ressentimento que se baseia numa promessa do término de uma impotência social e política idealizada.

4.3.3. Das conclusões e resultados do levantamento

Chegamos então à seção referente às conclusões quanto ao último personagem do presente estudo. Como já foi apontado nas seções anteriores, o senador capixaba Magno Malta possui um perfil bastante diferente dos outros parlamentares em análise. Ao contrário da vereadora de Belo Horizonte e do popular deputado federal mineiro, a carreira de Malta não surgiu com o bolsonarismo.

Muito pelo contrário, poder-se-ia dizer que ele foi pioneiro na construção do conservadorismo reacionário brasileiro. Além disso, também seria razoável afirmar que o senador possui uma carreira política muito mais consolidada e tradicional do que a dos outros agentes políticos desse estudo. Isso, contudo, não muda muito a abordagem de Malta quanto a temas antigênero e antiLGBTQIAPN+ em sua comunicação digital, quando o comparamos aos outros personagens do estudo.

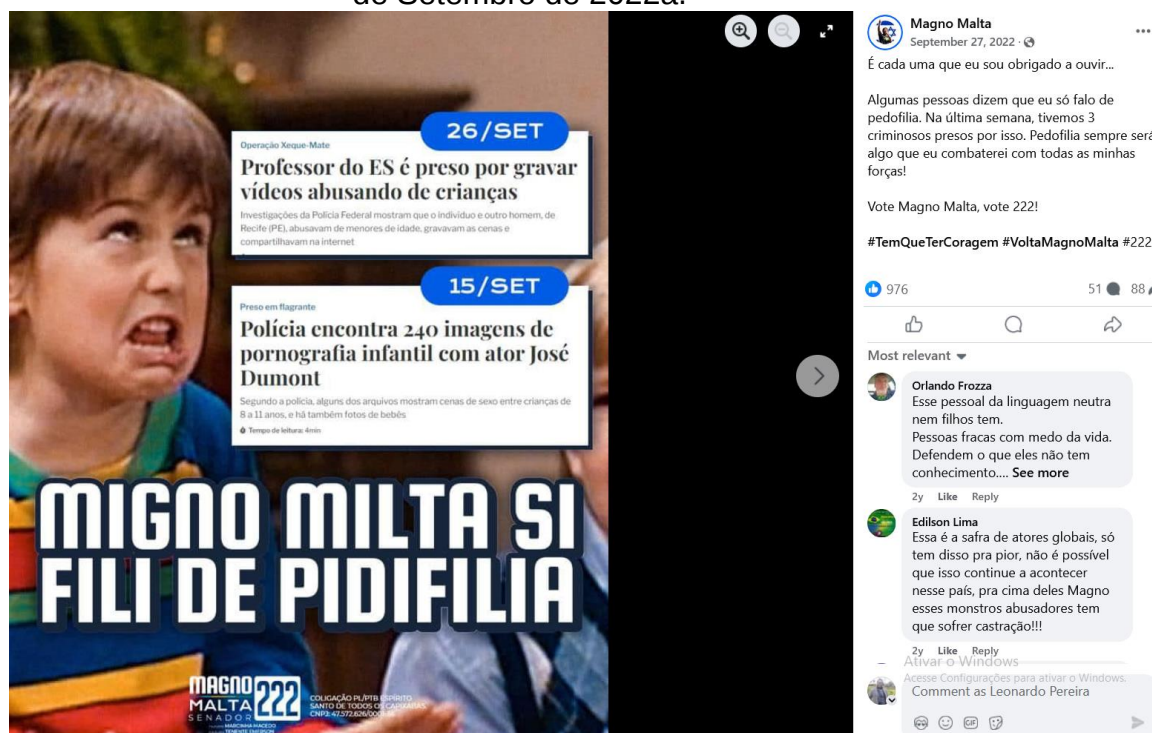
Inclusive, seria razoável afirmar que suas estratégias discursivas podem ser descritas como uma mescla entre elementos da comunicação digital de Flávia Borja e de Nikolas Ferreira. A despeito da comunicação de Malta quanto às temáticas antigênero não ser tão radicalizada quanto a da vereadora belo-horizontina, Malta apresenta uma contínua preocupação em ser didático com seu público. Além disso, senador capixaba não costuma ser tão reativo em suas publicações como Nikolas Ferreira, parecendo focar mais na transmissão da mensagem do que na sua replicação e viralidade. Contudo, ao contrário de Flávia Borja, que possui uma interação com a plataforma mais distanciada, Magno se aproxima da retórica desenvolvida por Nikolas. Desenvolvendo um estilo de vídeo e escrita mais intimista, mais próximo à uma comunicação informal.

Outro ponto que foi observado nas redes do senador foi a grande frequência com que ele mencionou ser contra o abuso sexual infantil. Tema que, inclusive, invadia a maior parte de seu discurso. Abaixo seguem dois exemplos do uso político que Malta fazia do combate à violência infantil em sua comunicação digital. Ambas as publicações do parlamentar capixaba sobre o tema foram compartilhadas em 27 de setembro de 2022.

Na primeira imagem, Magno colaciona manchetes jornalísticas quanto a duas prisões de indivíduos suspeitos de abuso infantil, enquanto reforça na legenda seu compromisso com o combate à pedofilia. É interessante notar, que nos dois casos

citados na imagem, os agressores faziam parte de categorias profissionais geralmente associadas à pautas de esquerda pelo bolsonarismo.

Figura 24 - Publicação do perfil Magno Malta na plataforma *Facebook*, em 27 de Setembro de 2022a.



Fonte: *Facebook*.

Já a segunda imagem contém uma síntese da Lei nº. 13.441/2017, de autoria do senador analisado nessa seção, que regulamentaria a investigação cibernética de crimes contra a dignidade sexual infantil. Na legenda da publicação Malta realiza um apelo ao leitor, afirmando dizer querer continuar a luta contra o abuso infantil no senado. É importante lembrar que, como foi apontado no breve detalhamento da biografia dele realizado nas sessões anteriores desse capítulo, desde a CPI da Pedofilia o senador tem frequentemente se esforçado para associar sua imagem ao combate da violência infantil. Uma bandeira política, da qual frequentemente usa mão quando desenvolve críticas contra a comunidade LGBTQIAPN+

Figura 25 - Publicação do perfil Magno Malta na plataforma *Facebook*, em 27 de Setembro de 2022b.



Fonte: Facebook.

É relevante apontarmos que se encontrou nos dados levantados a partir da comunicação do senador no *Facebook* uma associação entre os substantivos “criança” e “adolescente” com os substantivos “pedofilia” e “abuso”. Mesmo que se considere aqui que as menções frequentes à presidência de Malta na citada CPI da Pedofilia entre 2008 e 2010 possam ser uma forma de autolegitimação com fins apenas eleitorais, não seria prudente desconsiderar a importância dessa cadeia de referências na comunicação do senador.

Como já foi mencionado na biografia dele, por mais de uma vez Malta usou a violência sexual infantil em cruzadas morais contra políticas públicas favoráveis à comunidade LGBTQIAPN+. Algo, inclusive, notado durante o período em recorte. Embora a ocorrência de relações diretas entre a pedofilia e formas não heteronormativas de expressão da sexualidade e do gênero tenha sido relativamente rara durante o período da pesquisa, o senador sempre pontuou uma relação entre a proteção aos valores familiares conservadores com o combate ao abuso.

Abaixo, elencamos o trecho da transcrição de um vídeo publicado pelo senador no seu *Facebook*, em 26 de Novembro de 2022. Nele, o senador comentava sobre a declaração da Presidente do PT, Gleisi Hoffmann, que teria associado o tiroteio promovido por um adolescente vestido com símbolos nazistas em uma escola de Aracruz, no ES, ao bolsonarismo. Rebatendo a declaração, Magno Malta faz uma associação entre a transgeneridade e a pedofilia, colocando-se, assim como também colocando o governo Bolsonaro, que havia perdido as eleições no mês anterior, na posição de baluartes morais contra uma ameaça existencial que, entre seus desdobramentos, teria como fim corromper a infância.

(...) O que Governo Bolsonaro, nós, conservadores, combatemos a violência de homens travestidos de criança, com 14, 15, 16, 17 anos, que estupram, sequestram, matam e são tratados como crianças e defendidos por vocês. Quem defende são vocês, não somos nós. Quem defende a impunidade e o roubo, o Sr. Luiz Inácio disse que o menino pode muito bem roubar um celular. Rouba um celular e mata, né? Pra poder tomar uma cervejinha, pra poder passear. tomar algo que pertence a alguém, subtrair. Aliás, subtrair no Brasil hoje, ficou uma coisa fácil, onde o crime compensa. Então, o que aconteceu no meu estado, ocorre no Brasil há muito tempo, por causa dessa violência que vocês impuseram, quando impede de todo jeito, a redução da maioridade penal. Mas com fé em Deus, Deputada, nós faremos a redução da maioridade penal e homem com 14, 15 anos que se traveste de criança vai ter que responder pelos crimes como adulto. Isso é o que nós queremos. A senhora comete um erro e não é leal dizer que isso pertence ao governo Jair Bolsonaro, porque quem defende o bandido são vocês, não somos nós.(MALTA, 2022).

Assim como foi percebido na retórica da vereadora Flávia Borja, o senador Magno Malta construiu em seu discurso digital uma idealização do seu opositor ideológico, que reuniria a antítese de todos os valores performados e defendidos por ele. Valores que, por serem em sua origem religiosos, implicavam imaginários e referências de oposição e antagonismo também religiosos. Dizendo de forma mais simples, Malta expressa sua idealização de “opositor político” dentro de uma lógica religiosa, em que a partir da dualidade sagrado/profano e da premissa que ele estaria do lado justo e correto, seu opositor político só poderia ser compreendido como alguém perverso e diabólico.

4.4. Discussão dos resultados

Chegamos então à seção final de nosso capítulo. Como já havia sido abordado na introdução e no capítulo metodológico, o presente texto teve como sua proposta tentar compreender, por meio de um estudo de casos comparativo, como afetos negativos contra a população LGBTQIAPN+ foram instrumentalizados com fins de mobilização política e eleitoral por líderes de extrema-direita do legislativo no *Facebook* e *X* durante o intervalo de setembro de 2022 até janeiro de 2023.

A hipótese que fundamentou este empreendimento é a de que discursos de ódio antiLGBTQIAPN+ foram usados de forma performativa e politicamente estratégica por agentes políticos conservadores em seus discursos digitais entre setembro de 2022 e janeiro de 2023. Também tivemos como hipótese a ideia de que a comunidade LGBTQIAPN+ ocuparia um papel central no imaginário presente na comunicação das redes sociais dos três políticos escolhidos.

Finalizada a presente análise, constata-se que, embora a primeira hipótese levantada tenha se mostrado parcialmente verdadeira, a segunda hipótese se mostrou completamente falsa. Realizando, com auxílio da ferramenta IRAMUTEQ, uma lexicometria dos corpus textuais formados pela comunicação digital de cada um dos políticos em estudo, percebeu-se que termos antiLGBTQIAPN+ não ocorreram com frequência bastante para serem percebidos pelos filtros de pesquisa da ferramenta em nenhum dos corpus textuais.

A partir disso, o estudo chegou à conclusão de que, ao contrário do que supunha nossa segunda hipótese, discursos contra formas e expressões de gênero e sexualidade, fora do padrão heteronormativo, não se mostraram centrais na comunicação política dos atores do estudo. Obviamente, não se afirma que posições radicalmente antagonísticas contra grupos fora dos padrões de sexualidade e gênero tradicionais não sejam relevantes para o bolsonarismo. Muito pelo contrário, conforme apresentado no segundo capítulo, essa é uma característica essencial do conservadorismo reacionário brasileiro. Contudo, o que se aponta aqui é que a retórica digital dos parlamentares pesquisados não apresentou padrões frequentes e consistentes de discurso transfóbico.

Além disso, também se notou que o uso desses discursos difere daquela que foi inicialmente cogitada. Percebeu-se que, embora os discursos antiLGBTQIAPN+

coletados para o estudo, fossem produzidos para fins politicamente estratégicos, esses também possuíam funções simbólicas diversas dentro do bolsonarismo. Em outras palavras, a instrumentalidade inicialmente imaginada no uso desses discursos se mostrou pouco presente na realidade.

Mais do que isso, a pesquisa observou que o uso de discursos antigênero e antiLGBTQIAPN+ poderiam ser ruins do ponto de vista de engajamento e viralização, a depender da sua intensidade discursiva. Algo que ocorreu, por exemplo, com a vereadora do DC, Flávia Borja. Inclusive, uma das razões pelas quais o presente trabalho acredita que o alcance digital dela seja tão inferior em relação aos demais agentes em estudo, reside no fato de que ela possuiu o discurso mais radicalizado entre os três.

Contudo, é relevante fazer uma ressalva aqui, quanto ao radicalismo discursivo relativamente baixo observado em Nikolas Ferreira e Magno Malta. Potencialmente, o fato de o recorte temporal abranger não só um período eleitoral, mas também pegar o conturbado momento político que antecedeu os atos antidemocráticos de 8 de janeiro, provocou mudanças não só no padrão de discurso, mas também na comunicação digital dos desses dois personagens da pesquisa. Dessa maneira, pode-se concluir que os resultados encontrados pelo estudo podem não refletir os padrões discursivos dos políticos em estudo em outros momentos.

É importante pontuar que a frequência de discursos radicais entre o senador capixaba e o deputado federal mineiro foram muito inferiores ao esperado. Pode-se supor, uma modulação artificial por parte de Nikolas e Malta da intensidade de seus discursos digitais para fins eleitorais. É importante ainda, retomar nossa observação do capítulo anterior, sobre a profissionalização das redes de Malta. Acredita-se que o material coletado durante o período de recorte do perfil no *Facebook* do senador supracitado foi controlado por profissionais de *social media*, um fato que potencialmente mina nossa conclusão anterior.

Como já foi apontado no capítulo metodológico, foi levantado o montante total de 1.470 publicações dos três personagens desse estudo, nas duas redes. Dessas, 656 compartilhavam arquivos de vídeo que foram transcritos e analisados junto ao texto das publicações e legendas. É interessante apontar que, em geral, se percebeu uma preferência por parte de uma ampla parcela dos sujeitos que compõem nosso

estudo por realizar suas publicações de forma mais imagética. Em parte porque o compartilhamento de imagens foi bastante frequente entre as publicações de todos os personagens do estudo, e em parte porque se observou que os vídeos possuíam enorme importância para todos os agentes, tanto para transmitir conteúdos complexos demais para as limitações de arquitetura da plataforma, tanto para maximizar a criação de um laço mais afetivo e próximo com seus seguidores. Em outras palavras, imagens e vídeos foram as formas preferenciais de interação de todos os personagens do estudo com suas bases de eleitores, uma vez que elas otimizavam a transmissão de conteúdos e o desenvolvimento de relações parassociais.

Notou-se que as plataformas, em particular o *Facebook*, foram usadas como panfletos políticos interativos. Onde, mais do que meramente compartilhar materiais de campanha, os objetos de estudo da presente pesquisa estabeleceram relações parassociais de caráter mais intimista com os seus públicos e potenciais eleitores. Magno Malta, por exemplo, teve o hábito de compartilhar durante todo o período de recorte pequenos vídeos onde, através de uma linguagem muitas vezes simples e informal, ele comentava sobre os acontecimentos políticos mais recentes, e promovia suas ideias e percepções da realidade.

Ainda quanto à preferência por uma comunicação mais imagética observada no estudo, é importante realizar aqui uma pequena observação quanto ao deputado federal Nikolas Ferreira, que foi o único a priorizar o X na sua comunicação cotidiana do período. Por causa da natureza das mecânicas de funcionamento internas da plataforma, a maior parte das mensagens publicadas pelo deputado se constituíram de pequenas mensagens de texto. Contudo, notou-se que, apesar do número de publicações do deputado ser muito maior no X (504) do que no *Facebook* (156), e do fato de que ele compartilhou apenas 75 arquivos de vídeo no X e 62 arquivos de vídeo no *Facebook*, a comunicação por texto de Nikolas foi, em geral, pobre em complexidade. Uma característica observada mesmo em suas publicações na rede da *Meta*. Como já foi apontado no capítulo anterior, o deputado federal mineiro possui uma linguagem digital muito mais preocupada com dinâmicas de engajamento e viralização. Dois elementos que, de acordo com o que observamos no desenvolvimento da presente pesquisa, apesar de favorecerem seu alcance e penetração nas redes, limitam sua diversidade discursiva em comparação aos outros personagens do estudo. Apesar disso, considerando que o deputado é aquele que

possui o maior número de seguidores e compartilhamentos, não podemos negar a eficiência da estratégia adotada por ele.

Aproveitando que falamos da preferência de Nikolas pelo uso da plataforma X, é interessante retomarmos uma observação percebida no capítulo anterior. Todos os sujeitos aqui estudados, mesmo o deputado federal, deram preferência para publicar vídeos de duração mais longa e de maior complexidade no *Facebook*, ao invés do X. Para se ter uma ideia, o tempo total de material audiovisual coletado na rede da Meta foi de 15 horas, 28 minutos e 50 segundos; no X o período de duração total de todo o material foi de apenas 1 hora, 47 minutos e 14 segundos. A partir disso, chega-se à conclusão da centralidade do uso da plataforma da *Meta* na comunicação política do período, mesmo entre aqueles sujeitos que não priorizaram seu uso.

Por fim, nos cabe aqui apontar um ponto de convergência entre os três personagens da pesquisa. Como foi observado no capítulo anterior, houve em maior ou menor medida entre a comunicação dos três sujeitos em estudo, o desenvolvimento de uma associação entre pedofilia e pautas relativas aos direitos LGBTQIAPN+.

Uma associação particularmente intensa e frequente em Magno Malta. Entre os três parlamentares estudados, é o senador quem elabora de forma mais contínua e consistente, relações de referência entre si e o combate ao que no discurso dele, seria considerado uma perversão ideológica da esquerda que teria como alvo a corrupção de crianças e adolescentes.

Uma deslegitimação simbólica do outro que embora geralmente parta de referências a condutas ou formas de expressão da sexualidade e gênero fora do padrão, não se limita apenas a alvos da comunidade LGBTQIAPN+. Miskolci (2018, p. 2); Miskolci (2007, p. 118); Trotti e Lowenkron (2023, p.5) e Reis (2021, p. 8) apontam em seus textos que existe um esforço, por parte de movimentos conservadores nacionais, de associar o termo “pedofilia” não só a defensores de pautas envolvendo os direitos LGBTQIAPN+, mas também aos defensores de direitos reprodutivos ou até mesmo de pautas progressistas em geral. O que permite a conclusão de que o abuso sexual infantil, ou o termo “pedofilia”, servem como poderosos instrumentos, dentro do arsenal retórico conservador, de desqualificação de opositores políticos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um estudo de caso comparativo, o presente trabalho se esforçou em tentar compreender como afetos negativos contra a população LGBTQIAPN+ foram instrumentalizados com fins de mobilização política e eleitoral por líderes de extrema direita do legislativo no *Facebook* e *X* durante o intervalo de setembro de 2022 até janeiro de 2023. Um tema, cuja escolha ocorreu por causa da importância cada vez maior que as plataformas tomaram no discurso político cotidiano.

Contudo, como foi apontado no capítulo anterior, ao contrário da premissa inicial do estudo, percebeu-se que a instrumentalização do ódio contra a população LGBTQIAPN+ foi marginal em todos os atores da pesquisa. Fato que, como foi apontado em seções anteriores do texto, ocorreu por causa do recorte escolhido na pesquisa, uma vez que não só o discurso político durante certames eleitorais tende a ser mais focado em estratégias eleitorais do que na continuidade da comunicação padrão dos agentes políticos, mas também porque o período eleitoral de 2022 foi especialmente turbulento.

Cabe aqui, portanto, a realização de um *mea culpa* por parte do autor do trabalho, uma vez que, durante o planejamento do presente estudo, erradamente se cogitou que no ambiente polarizado das eleições de 2022, haveria uma radicalização dos discursos dos parlamentares. Contrariando as expectativas do autor do texto, as eleições e o clima político anterior aos atos golpistas de 8 de janeiro parecem ter causado um abrandamento da comunicação digital dos parlamentares, em especial do deputado federal Nikolas Ferreira. Acreditamos que as pressões sociopolíticas existentes no contexto em que os atores do estudo estavam inseridos, provocaram alterações relevantes em seus padrões discursivos nas plataformas durante o período.

Defendemos aqui, contudo, que existe um grande valor analítico nessa comunicação, mesmo que os resultados e conclusões desenvolvidos a partir dela não possam ser extrapolados para contextos mais gerais. Percebe-se, que conforme foi demonstrado no segundo e terceiro capítulos, o recorte temporal da pesquisa abarcou um dos períodos de maior tensionamento das relações entre a esfera social e política brasileira desde a promulgação da Constituição de 1988. Um período, portanto, de inflexão para o discurso conservador nacional e determinante para uma

reestruturação, ainda em curso, de suas estratégias retóricas digitais. Para compreender, portanto, como o discurso conservador irá desenvolver suas abordagens antigênero e antiLGBTQIAPN+ no futuro, é essencial que se entenda como ele operou durante o contexto entre as eleições de 2022 e os atos antidemocráticos de 2023. Tendo isso em consideração, detalharemos agora alguns resultados obtidos nos levantamentos e análises realizados

Concluindo nosso trabalho, levantamos um questionamento que foge do escopo do presente estudo, mas que é bastante relevante do ponto de vista científico. Questionamos aqui, qual será o impacto das Inteligências Artificiais (IA) na comunicação digital de empreendedores morais dentro de uma cultura de uso das plataformas que prioriza cada vez mais arquiteturas focadas em compartilhamentos de conteúdos imagéticos. Uma indagação cuja resposta exigiria a pesquisa de plataformas com *design*, mecânicas de funcionamento, comunicação e mesmo de engajamento, completamente diferente daquelas estudadas aqui, como o *Tik Tok*, que é uma plataforma de vídeos curtos, ou mesmo de redes que priorizam mais imagens estáticas, como o *Instagram*. Uma vez que tais plataformas, no presente contexto em que se popularizam IAs generativas capazes de criar imagens e vídeos falsos altamente realistas, permitiriam possibilidades sem precedentes de engajamento e viralidade para discursos antigênero e anti-LGBTQIAPN+. O presente estudo espera que as contribuições realizadas aqui possam servir de auxílio para investigações futuras sobre as formas, estratégias e conteúdos presentes na comunicação de empreendedores morais conservadores no ambiente digital.

REFERÊNCIAS

ABOUT search rules and restrictions. **X help center**. Disponível em: <https://help.x.com/en/rules-and-policies/x-search-policies> Acesso em: 18 Jan. 2025

A BRIGA das *TikTokers* adolescentes. **Meio**. Youtube. 8 de Mai. 2025. 1 vídeo (12 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jvjGUG4dFtQ&ab_channel=Meio Acesso em 01 de Jun. 2025.

ACAUAN, L. V. et al. Utilização do software iramuteq® para análise de dados qualitativos na enfermagem: um ensaio reflexivo. **REME, Revista Mineira de Enfermagem**, v. 24. p. 1–5. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rem/article/view/49987> Acesso em 15 de Out. 2024.

ALMEIDA, A. 'Minha vida não depende de Bolsonaro', diz Magno Malta sobre cargo no governo. **O Globo**. 05 de Dez. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/minha-vida-nao-depender-de-bolsonaro-diz-magno-malta-sobre-cargo-no-governo-23282441> Acesso em: 29 de Jun. 2025.

AMARAL, M. S; PINHO, J.A.G. **Eleições Parlamentares no Brasil: O Uso do Twitter na Busca por Voto**. RAC, v. 22, n. 4. p. 466-486, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/R9fZC87tjCyQJ8hb7jKpzmz/> Acesso em 15 de Out. 2024.

ARAUJO, R. P. A; SILVA, I. F. **A capacidade dos trending topics em pautar o debate: agenda setting do algoritmo**. 2023. Disponível no link: <https://www.scielo.br/j/cm/a/pk6nHfWmnWWvP3wv86Jrz7C/#> Acesso em: 10 jan. 2025.

AUDI, A. A mágoa de Magno Malta: 'Eu achava que ia ser ministro e eu não fui'. **Intercept Brasil**. 04 de Dez. 2018. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2018/12/04/entrevista-magno-malta-dispensado-ministro/> Acesso em 28 de Jun. 2025.

AZEVEDO, L.F. 'Homem biológico' e 'trans': bolsonaristas propagam informação falsa sobre lutadora intersexo que compete em Paris. **O Globo**. 01 de Ago de 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2024/08/homem-biologico-e-trans-bolsonaristas-propagam-informacao->

[falsa-sobre-lutadora-intersexo-que-compete-em-paris.ghml](#) Acesso em 17 de Jul. 2025.

BALIEIRO, F. F. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. In: **cadernos pagu**. n°. 53, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/KtpD5GkPYPjH69DZxw6VcL/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 23 jul. 2024.

BALIEIRO, F. F; DUQUE, T. Notas sobre uma cruzada moral na era digital: a “ideologia de gênero” como ameaça à sociedade brasileira. In. AMARAL, F. P. (org) et al. **El desangramiento latinoamericano: un panorama político contemporáneo sobre la reorganización y la reconfiguración del estado neoliberal**. Barranquilla, Colômbia: Corporación Universitaria Americana. p. 277 – 310. 2018.

BALLOUSSIER, Bolsonaro diz que mandou 'cartinha de amor' para seu vice dos sonhos, Magno Malta. Folha de São Paulo. 31 de Mai. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/05/bolsonaro-diz-que-mandou-cartinha-de-amor-para-seu-vice-dos-sonhos-magno-malta.shtml> Acesso em 29 de Jun. 2025.

BARBIERI, T. **Sobre a categoria gênero: uma introdução técnico-metodológica**. Traduzido por: LEWINSKY, A. Recife: S.O.S Corpo. 1993.

BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Tradução de: BORGES, M. L. X de. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008.

BELO Horizonte aprova lei que proíbe uso de pronome neutro em escolas. **CNN**. 19 de Ago. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/belo-horizonte-aprova-lei-que-proibe-uso-de-pronome-neutro-em-escolas/> Acesso em 20 de Jun. 2025.

BELO HORIZONTE. Flávia Borja (biografia). **Câmara Municipal de Belo Horizonte**. s.d. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/vereadores/fl%C3%A1via-borja> Acesso em 19 de Fev. 2025.

BENASSALTTO, L et al. Clamor por golpe militar mobiliza bolsonaristas em bloqueios pelo país. **Uol**. 01 de Nov. 2022. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2022/11/01/clamor-por-golpe-militar-mobiliza-bolsonaristas-em-bloqueios-pelo-pais.htm> Acesso em: 18 de Fev. 2025.

BENTO, M. A. S. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. E-book.

BERLIN, I. To define populism. **The Isaiah Berlin Virtual Library**. 1968. Disponível em: https://berlin.wolf.ox.ac.uk/published_works/singles/bib111bGO.pdfLinks to an external site. Acesso em: 20 mai. 2024.

BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford: Oxford University Press. 1999.

BIROLI, F. Reação conservadora, democracia e conhecimento. **Revista Antropologia**, v. 61 n. 1, p. 83-94. 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/145515> Acesso em: 07 nov. 2024.

BOHEME, H. M; SCOTT, D. A. I. Alt-White? A gendered look at “victim” ideology and the Alt-Right. **Victims and Offenders: An International Journal of Evidence-based Research, Policy, and Practice**, vol. 15. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15564886.2019.1679308> Acesso em: 02 set. 2024.

BOLSONARISTAS tentam disfarçar ato golpista e de apoio ao presidente em Brasília: Com bandeiras a favor de 'intervenção federal', eles têm evitado usar termo 'intervenção militar' e o nome do presidente. **Folha de São Paulo**. 02 de Nov. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/11/bolsonaristas-tentam-disfarcar-ato-golpista-e-de-apoio-ao-presidente-em-brasil-shtml> Acesso em: 17 de Fev. 2025.

BONNA, T. Vereador que assumiu lugar de Nikolas na Câmara de BH perde o cargo. **Estado de Minas**. 03 de Abr. 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/04/03/interna_politica,1477029/vereador-que-assumiu-lugar-de-nikolas-na-camara-de-bh-perde-o-cargo.shtml Acesso em 20 de Jun. 2025.

BORGETZ, L; FIETLIZ, M. “Do You Want Meme War?” Understanding the Visual Memes of the German Far Right. FIETLIZ, M et al (Coord). **Post-digital cultures of the far right**. Bielefeld, Alemanha: Editora Politik. 2019.

BORJA, F. **O Supremo Tribunal Federal decidirá, no próximo dia 11 de novembro, se a Educação brasileira será regida por uma única ideologia em matéria de comportamento. Se a decisão for tomada neste sentido, os pais poderão perder direitos sobre seus filhos. Trata-se da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 5668, proposta pelo PSOL, que pretende obrigar as escolas de todo o país a adotarem os princípios de que as pessoas não nascem homens ou mulheres, mas escolhem o sexo depois, a Ideologia de Gênero. Se for aprovada crianças desde a primeira infância serão ensinadas que elas podem escolher ser homem ou mulher, serão doutrinadas e terão sérios problemas em sua identidade,**

assim como podemos constatar em países que já adotaram. Não podemos aceitar isso, pressione os deputados e senadores para que eles façam pressão e não permitam que isso aconteça. Belo Horizonte. 28 de Out. 2020a. *Facebook*: Flávia Borja. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=2093293967470798&set=a.1543882325745301> Acesso em: 20 de Mar. 2025

BORJA, F. Meu sonho de criança? Ser mãe! Minha formação? Professora e Fonoaudióloga. Isso explica minha paixão e vocação. Explica também meu trabalho há 25 anos na área da educação. Nestes quatro anos em que meu marido foi vereador pude imprimir junto a ele minha percepção em defesa da criança, em todos os seus direitos. Muitos dos projetos aprovados do Fernando e tantos outros em andamento se relacionam à defesa da criança. Quero continuar trabalhando nesta defesa e ampliar ainda mais o cuidado de Belo Horizonte na PROTEÇÃO DA PRÓXIMA! Vem comigo! Belo Horizonte. 30 de Set. 2020b. *Facebook*: Flávia Borja. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2064867853646743&set=a.1981252928674903> Acesso em: 20 de Mar. 2025.

BORJA, F. Nunca se tratou de direito. Mas sim, de um plano pra destruir a sua família! Belo Horizonte. 05 de Set. 2022a. *Facebook*: Flávia Borja. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=452983186846769&set=pcb.452983266846761> Acesso em: 20 de Mar. 2025.

BORJA, F. O que você está esperando para se posicionar? Belo Horizonte. 7 de Out. 2022b. *Facebook*: Flávia Borja. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=479326294212458&set=a.349425857202503> Acesso em 28 de Jun. 2025.

BORJA, F. Fique atento! Posicione-se! Belo Horizonte, 23 de nov. 2022c. *Facebook*: Flávia Borja. Disponível em: https://www.facebook.com/flaviaborjaoficial/posts/pfbid02CjrCT3TWL2MJtkx1ugPJE_XxS8wMBAbquhoWubxWqsamGEZi39VTrs5QJLTGpXYWFI Acesso em 23 de nov. 2024.

BORJA, F. A Disney está aprendendo de forma prática que quem lacra, não lucra! Belo Horizonte. 22 de nov. 2022d. *Facebook*: Flávia Borja. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=517980400347047&set=a.349425857202503&type=3&ref=embed_post Acesso em 23 de nov. 2024.

BORTOLON, B; RUDNITZKI, E. Como viralizou o vídeo de Nikolas Ferreira que alimenta desinformação sobre taxaço do Pix. **Aos Fatos**. 17 de Jan. 2025. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/video-nikolas-ferreira-pix/> Acesso em: 23 de Jun. 2025.

BRASIL. Magno Malta – ES (biografia). **Senado**. s.d. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/631#accordion-biografia> Acesso em 18 de Fev. 2025.

BRASIL. Magno Malta: “Lei anti-homofobia é um defunto”. **Congresso em Foco**, 29 jun. 2011. Disponível em: <https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/64691/magno-malta-lei-anti-homofobia-e-um-defunto>. Acesso em: 29 jun. 2025.

BRASIL. Pronunciamento de Magno Malta em 30/10/2018. **Senado Federal**. 31 de Out. 2018. Disponível em: https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/pronunciamento/448597?utm_source=chatgpt.com Acesso em: 28 de Jun. 2025.

BRASIL. Biografia do deputado Magno Malta. **Câmara dos Deputados**. [s. d.]. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/74672/biografia> Acesso em: 29 jun. 2025.

BUGARELLI, L; ALMEIDA, H. B. Antigênero. In: SWAKO, J. (org) et al. **Dicionário dos negacionismos no Brasil**. Editora Cepe. p. 59 – 64. 2022.

BUTLER, J. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. Tradução de: VISCARDI, R. F. Estados Unidos: Ed. Unesp. 2021.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: G. L. Louro. **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 149-167. 2007.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Traduzido por: AGUIAR, R. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

CAIXETA, I. Vereadora de BH diz que pessoas trans não são bem-vindas: Flávia Borja (PP) se posicionou contra projeto de lei que inclui punição por discriminação a identidade de gênero em estabelecimentos comerciais. **Estado de Minas**. 05 de Abr. 2025. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2023/04/05/noticia->

[diversidade,1477866/vereadora-de-bh-diz-que-pessoas-trans-nao-sao-bem-vindas.shtml](#) Acesso em 19 de Fev. 2025.

CAMARGOS, Daniel. Precisamos falar de Nikolas Ferreira, o neto que todo golpista gostaria de ter: Mais influente parlamentar nas redes sociais, o deputado emana certa rebeldia, até mesmo um tom que pode ser interpretado equivocadamente como revolucionário. **Carta Capital**. 19 de Mar. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/daniel-camargos/precisamos-falar-sobre-nikolas-ferreira-o-neto-que-todo-golpista-gostaria-de-ter/> Acesso em 10 de Abr. 2025.

CAPELLA, A. C. N. **Transformando ideias em ação: O papel dos empreendedores de políticas públicas**. 34º Encontro da Anpocs, Caxambu, 2010.

CARMO, W. Justiça aceita denúncia e torna Nikolas Ferreira réu por transfobia contra adolescente. **Carta Capital**. 21 de Set. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/justica-aceita-denuncia-e-torna-nikolas-ferreira-reu-por-transfobia-contra-adolescente/> Acesso em 20 de Jun. 2025.

CARVALHO, R. O que explica multiplicação de templos evangélicos no Brasil. **BBC News Brasil**. 12 de jun. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgl7x0e0lmo> Acesso em: 19 de jul. 2024.

CARVALHO, F.F; PAIVA, B. A. O. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos: uma análise do discurso de posse do presidente Bolsonaro. **Revista Da Anpoll**, 53(1), p. 215–235. 2022. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1614> Links to an external site. Acesso em: 20 mai. 2024.

CASSAVIA, E; VIEIRA, J. Eleitorado religioso é representativo e pode ser decisivo, diz professor. **CNN**. 12 de out. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/eleitorado-religioso-e-representativo-e-pode-ser-decisivo-diz-professor/> Acesso em: 19 jul. 2024.

CASSIMIRO, P.H; LYNCH, C. **O populismo reacionário**. São Paulo: Editora Contracorrente. 2022.

CATALINI, M et al. Trump falsely accuses immigrants in Ohio of abducting and eating pets. **Associated Press**. 11 de set. 2024. Disponível em: <https://apnews.com/article/haitian-immigrants-vance-trump-ohio-6e4a47c52b23ae2c802d216369512ca5> Acesso em 18 de nov. 2024.

CAVALCANTI, C.R.S et al. O movimento parafrásico de “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” x “Deutschland uber alles. **Policromias: Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**. p. 51-64. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/49295>Links to an external site. Acesso em: 22 mai. 2024.

CERIONI, C. De cantor gospel a possível ministro de Bolsonaro: quem é Magno Malta. **Exame**. 08 de Nov. 2018. Disponível em: https://classic.exame.com/brasil/de-cantor-gospel-a-vice-dos-sonhos-de-bolsonaro-quem-e-magno-malta/?utm_source=copiaecola&utm_medium=compartilhamento Acesso em 28 de Jun. 2025.

CESARINO, L. Identidade e representação no bolsonarismo. Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista De Antropologia**, 62(3), 530-557. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165232> Acesso em: 08. jun. 2024.

CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem precisar sair de casa: A ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, v. 1, n. 1, pp. 91-120. 2020. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleic%C3%A7%C3%A3o-sem-sair-de-casa.pdf> Acesso em: 08. jun. 2024.

CESARINO, L. Bolsonarismo sem Bolsonaro? Públicos antiestruturais na nova fronteira cibernética. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, 1(82), 162-188. 2022b. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i82p162-188> Acesso em: 08. jun. 2024.

CESARINO, L. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora. 2022.

CHAGAS, V. Da memética aos estudos sobre memes: uma revisão da literatura concernente ao campo nas últimas cinco décadas (1976-2019). CHAGAS, V (org). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia. p. 23 - 78. 2020a.

CHAGAS, V. A febre dos memes de política. CHAGAS, V (org). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do**

mundo digital. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia. p. 253-280. 2020b.

CHIODI, H. Vereadores de Belo Horizonte definem nova liderança da ‘Frente Cristã’ e miram debate sobre Carnaval. **O Tempo**. 10 de Fev. 2025. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/2025/2/10/vereadores-de-belo-horizonte-definem-nova-lideranca-da-frente-crista-e-miram-debate-sobre-carnaval> Acesso em 04 de Mar. 2025.

COLLETA, R. D. Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no ‘Jornal Nacional’. **El País**. 29 de ago. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html Acesso em 18 de nov. 2024.

CONFORY, J. O. How Elon Musk’s X became the global right’s supercharged front page. **The Guardian**. 4 de jan. 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2025/jan/04/elon-musk-x-trump-far-right> Acesso em: 10 jan. 2025.

CONGER, K; MAC, R. Elon Musk abre as portas do X à extrema direita: Um trecho do livro Limite de Caracteres, que conta como o empresário “destruiu o Twitter”. **Piauí**. 13 de Set. 2022. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/elon-musk-abre-as-portas-do-x-a-extrema-direita/> Acesso em: 10 jan. 2025.

COSTA, S.S.; SILVA, F. V. da. O discurso fundamentalista cristão no Governo Bolsonaro: uma análise de enunciados do Twitter. **Redis: Revista De Estudos Do Discurso**, (12), 43–72. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.21747/21833958/red12a2> Acesso em: 08. jun. 2024.

CRAVO, A. Conheça o youtuber que ganhou o apoio de Eduardo Bolsonaro em Belo Horizonte. **G1**. 25 de Set. 2020. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/conheca-o-youtuber-que-ganhou-o-apoio-de-eduardo-bolsonaro-em-belo-horizonte.html> Acesso em 18 de Fev. 2025.

CUNHA, C. V. Retórica da Perda nas eleições presidenciais brasileiras em 2018: religião, medos sociais e tradição em foco. **Revista Plural**. Antropologías da América Latina y del Caribe. Vol. 2 Núm. 6: p. 123-149. 2020. Disponível em: <https://asociacionlatinoamericanadeantropologia.net/revistas/index.php/plural/article/view/153> Acesso em: 26 jul. 2024.

D'ACONA, M. **Pós - verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Traduzido por: SZLAK, C. Barueri: Faro editorial 2018.

DA EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos**. Traduzido por: BLOCH, A. Vestígio Editora, 2024.

DALL' AGNOL, L. 8 dos 10 deputados mais influentes nas redes são contra Lula. **Veja**. 3 de Abr. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/8-dos-10-deputados-mais-influentes-nas-redes-sao-contr-lula-veja-lista/> Acesso em 29 de Jun. 2025.

DALMOLIN, A. R. et al. Nós versus eles: ódio biopolítico contra a população LGBT no Twitter de Marco Feliciano. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 273-286, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/33806> Acesso em: 20 jul. 2024.

DANTAS, G. Extrema-direita lidera consumo de notícias nas redes sociais, aponta estudo. **Desinformante**. 6 de Mai. 2025. Disponível em: <https://desinformante.com.br/extrema-direita-lidera-consumo-informacoes-redes-sociais/> Acesso em 29 de Jun. 2025.

DAWKINS, R. **The selfish gene**. Londres, Inglaterra: Oxford University Press. 2006.

DECOOK, J.R. Memes and symbolic violence: #proudboys and the use of memes for propaganda and the construction of collective identity. **Learning, Media and Technology**. Vol. 43. 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17439884.2018.1544149?needAccess=true> Acesso em: 27 nov. 2024.

DEUS me proteja. Intérprete: Chico César. Compositor: Chico César. In: Francisco, Forró y Frevo. Intérprete: Chico César. [S.L]. 2008. 1 CD. Faixa 2.

DEMOCRATS were hammered with misleading attacks on transgender issues. The party is grappling with how to move forward. **PBS News**. 14 de Nov. 2024. Disponível em: <https://www.pbs.org/newshour/politics/democrats-were-hammered-with-misleading-attacks-on-transgender-issues-the-party-is-grappling-with-how-to-move-forward> Acesso em: 24 de Jun. 2025.

DIAS, A. B. Polêmica com influenciadoras repercute nas redes sociais de outros países. **CNN**. 8 de Mai. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/polemica-com-influenciadoras-repercute-nas-redes-sociais-de-outros-paises/> Acesso em: 01 de Jul. 2025.

DIAS, T et al. Populist Framing Mechanisms and the Rise of Right-wing Activism in Brazil. **Latin American Politics and Society**, Volume 63. pp. 69 – 92. 2021.

DOBRADINHA para eleições vira sobrevivência política para prefeitos e deputados. **Estado de Minas**. 18 de Jun. 2014. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2014/05/18/interna_politica,529893/dobra-dinha-para-eleicoes-vira-sobrevivencia-politica-para-prefeitos-deputados.shtml Acesso em 10 de Mar. 2025.

EDUARDO Bolsonaro e Magno Malta lideram na web entre políticos evangélicos. **Poder360**. 29 de Ago. 2017. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/eduardo-bolsonaro-e-magno-malta-lideram-na-web-entre-politicos-evangelicos/> Acesso em: 25 de Jun. 2025.

ELDER, C. D; COBB, R. W. Formación de la agenda. El caso de la política de los ancianos. In: AGUILAR VILLANUEVA, L. F. **Problemas públicos y agenda de gobierno**. México, DF: Miguel Angel Porrúa Grupo Editorial, 1993, p.77-104.

EM dia de eleição, Trump posta vídeo com fake news sobre lutadora argelina. **Terra**. 05 de Nov. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/estados-unidos/eleicoes/em-dia-de-eleicao-trump-posta-video-com-fake-news-sobre-lutadora-argelina,841e05951eb71995cc3b9e9af659b8ff11rpg06.html> Acesso em: 25 de Jun. 2025.

EMILIANA, C. 2º vereador mais votado de BH, Nikolas Ferreira chama Duda Salabert de homem: 'É isso que está na certidão' Parlamentar eleito pelo PRTB afirma que esquerda é 'naturalmente má' e avisa que vai 'barrar pautas progressistas'. **Estado de Minas**. 15 de Nov. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/11/15/interna_politica,1205365/2-vereador-mais-votado-de-bh-nikolas-ferreira-duda-salabert-homem.shtml Acesso em: 25 de Jan. 2025.

ENTENDA o que motivou a tentativa de invasão da PF em Brasília: Vestidos de verde e amarelo, manifestantes tentaram invadir o prédio da diretoria-geral da Polícia Federal no Setor Hoteleiro Norte, região central da capital federal. **CNN Brasil**. 12 de

Dez. 2025 <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/entenda-o-que-motivou-a-tentativa-de-invasao-da-pf-em-brasilia/> Acesso em: 20 jan. 2025.

EVANGELHISTA, R; BRUNO, F. WhatsApp and political instability in Brazil: targeted messages and political radicalisation. **Internet Policy Review**, vol. 8, nº. 4. 2019. Disponível em: <https://policyreview.info/articles/analysis/whatsapp-and-political-instability-brazil-targeted-messages-and-political> Acesso em 29 de Dez. 2024.

FAKE news marcaram as eleições de 2018; relembre as 10 mais emblemáticas: De suposto vídeo íntimo de João Doria à Ursal, campanha de 2018 obrigou eleitor a redobrar atenção contra a disseminação de informações falsas. **IG**. São Paulo. 29 de Out. 2018. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2018-10-29/10-fake-news-das-eleicoes.html> Acessi em 18 de Fev. 2025.

FALKENBERG, M et al. Patterns of partisan toxicity and engagement reveal the common structure of online political communication across countries. **Nature Communications**, vol. 15. 2024. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41467-024-53868-0> Acesso em 05 Fev. 2025.

FEBER, A. L. **White man falling: race, gender, and white supremacy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield. 1999. *E – book*.

FEITOZA, C. Ataque a Moraes para plano de golpe foi preparado em 9 dias, diz PF: Investigação diz que ação foi colocada em prática em dia de julgamento do STF e incluiu compra de celulares. **Folha de São Paulo**. 26 de Nov. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/11/ataque-a-moraes-para-plano-de-golpe-foi-preparado-em-9-dias-diz-pf.shtml> Acesso em 18 de Fev. 2025.

FERNANDES, F. C. Nikolas Ferreira faz nova declaração absurda contra homossexuais. **Fórum**. 12 de Jun. 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2023/6/12/nikolas-ferreira-faz-nova-declarao-absurda-contr-homossexuais-137529.html> Acesso em 12 de Jun. 2025.

FERNANDES, N. Luta no boxe feminino causa polêmica, e atleta é alvo de fake news; entenda o que diz o regulamento e quem pode competir nos Jogos Olímpicos. **G1**. 01 de Ago 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/olimpiadas/paris-2024/noticia/2024/08/01/luta-com-atleta-intersexo-no-boxe-vira-alvo-de-polemica-entenda-o-que-diz-o-regulamento-e-quem-pode-competir-nos-jogos-de-paris-2024.ghtml> Acesso em 18 de Jul. 2025.

FERREIRA, N. **Somos 3 MILHÕES kkkkkkkk**. [s.l.]. 30 de ago, 2022a. Facebook: Nikolas Ferreira. Disponível em:

https://www.facebook.com/nikolasferreiradm/posts/386261727017721?ref=embed_post Acesso em: 05 dez. 2024.

FERREIRA, N. **Está em nossas mãos. #virabrasil.** [s.l]. 19 de Out. 2022b. X: Nikolas_dm. Disponível em: https://x.com/nikolas_dm/status/1582892610263207937 Acesso em 19 jun. 2025. (2:01)

FERREIRA, N. **Quem é o genocida? Facebook.** [s.l]. 26 de Out. 2022c. Facebook: Nikolas. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/v/1EJf77MiHY/> Acesso em 28 de Jun. 2025. (1:15)

FUNDAÇÃO HEIRICH BÖLL. **Curso formação conservadora: como pensa a extrema direita brasileira?** Rio de Janeiro: Fundação Heirich Böll. 2024a.

FUNDAÇÃO HEIRICH BÖLL. **Extrema direita no Brasil: sujeitos e coletivos pela “restauração nacional”.** Rio de Janeiro: Fundação Heirich Böll. 2024b.

FUNDAÇÃO HEIRICH BÖLL. **Religião, democracia e a extrema direita.** Rio de Janeiro: Fundação Heirich Böll. 2023.

FURTADO, I. Vídeo de Nikolas Ferreira sobre o Pix se torna o 3º da história com mais visualizações em 24h. **GP1.** 16 de Jan. 2025. Disponível em: <https://www.gp1.com.br/brasil/noticia/2025/1/16/video-de-nikolas-ferreira-sobre-o-pix-se-torna-o-3o-da-historia-com-mais-visualizacoes-em-24h-585731.html> Acesso em 29 de Jun. 2025.

GABRIEL, R. S. Encontro de jovens conservadores que querem tomar a UNE terá gincana e livro de Ustra. **O Globo.** 14 de Mar. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/encontro-de-jovens-conservadores-que-querem-tomar-une-tera-gincana-livro-de-ustra-23522698> Acesso em 15 de Jun. 2025.

GONÇALVES, J. C. G. Quem é Nikolas Ferreira? **Politize!** 11 de Abr. 2025. Disponível em: <https://www.politize.com.br/nikolas-ferreira/> Acesso em 15 de Jun. 2025.

GONZALÉS, P. 'Intervenção militar', intervenção federal e o resultado das eleições: Invocar Carta de 88 para fundamentar medida é terraplanismo constitucional. **Jota.** 21 de Nov. 2022. Disponível em: <https://www.jota.info/artigos/intervencao-militar-intervencao-federal-e-o-resultado-das-eleicoes> Acesso em 15 Fev. 2025

GRACINO JÚNIOR, P et al. “Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. **Cadernos Metropolitano**, São Paulo, v. 23, n. 51, pp.

547-579, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2021-5105>
Acesso em: 25 jun. 2024.

GRUET, S; LAWTON, M. What is rage-baiting and why is it profitable? **BBC**. 09 de Dec. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/c4gp555xy5ro> Acesso em: 18 Jul. 2025.

GRUPO golpista tinha no 8 de janeiro a 'última esperança' para tentativa de golpe, diz PGR: Os integrantes do grupo golpista 'trocavam mensagens, apontando que ainda aguardavam uma boa notícia'. **G1**. 18 de Fev. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/02/18/grupo-golpista-tinha-no-8-de-janeiro-a-ultima-esperanca-para-tentativa-de-golpe-aponta-pgr.ghtml> Acesso em 18 de Fev. 2025.

HAILER, M. Nikolas Ferreira e a "fé" que promove ódio ao próximo. **Fórum**. 14 de Jun. 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/lgbt/2023/6/14/nikolas-ferreira-fe-que-promove-odio-ao-proximo-137634.html> Acesso em 19 de Jun. 2025.

HAN, B. C. **Infocracia: digitalização e crise da democracia**. Traduzido por: PHILIPSON, G. S. Petrópolis: Vozes. 2022.

HELMOND, A. A plataformização da Web. OMENA, J.J (Ed). **Métodos digitais: Teoria e prática crítica**. Lisboa, Portugal: ICNOVA - Instituto de Comunicação da Nova. 49-72. 2019.

HIGHFIELD, T et al. Twitter as a technology for audiencing and fandom. **Information, Communication & Society**. Volume 16, 315-339. 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1369118X.2012.756053> Acesso em 28 de Jan. 2025.

HUSZÁR, F. et al. Algorithmic Amplification of Politics on Twitter. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 1. 2021. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.2025334119#executive-summary-abstract> Acesso em: 10 de jan. de 2025.

KIMMEL, M. **Angry white men: american masculinity at the end of an era**. Nova Iorque: Ed. Nation Books. 2013.

LAGO, M. Como explicar a resiliência de Bolsonaro. In: BIGNOTTO, N et al. **Linguagem da destruição: A democracia brasileira em crise**. São Paulo: Companhia das Letras. 2022.

LAKATOS, E. M. **Sociologia geral**. São Paulo: Atlas, 1981.

LAURETIS, T. A tecnologia de gênero. In: Hollanda, H. B (Org). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.

LEITE, V. “Em defesa das crianças e da família”: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad**.n. 32, p. 119-142 2019, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/Cc68BmV888KZbTkwiwr495M/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

LIONÇO, T et al. Ideologia de gênero: estratégia argumentativa que forja cientificidade para o fundamentalismo religioso. **Rev. psicol. polít.** vol.18, n.43, pp. 599-621. 2018.

LOBATO, G. Meta autoriza conteúdos criminosos em novo manual interno de moderação. **Aos fatos**. 21 jan. 2025. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/meta-autoriza-conteudos-criminosos-manual-interno-de-moderacao/> Acesso em 22 jan. 2025.

LOPES, M. M; FULANETI, O. N. Interseção entre isotopias política e religiosa cristã nos comentários de apoio ao presidente Jair Bolsonaro. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**. v. 15, n. 2. p. 105-125. 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/16857> Acesso em: 18 jun. 2024.

LOPES, L. Grupos fazem atos antidemocráticos e pedem intervenção militar diante de quartéis: Manifestações golpistas, que contestam resultado das eleições, mobilizadas por apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL) foram registradas em ao menos 20 estados e no Distrito Federal. **CNN Brasil**. 02 de Nov. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/grupos-fazem-atos-antidemocraticos-e-pedem-intervencao-militar-diante-de-quarteis/> Acesso em 18 de Fev. 2025.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1997.

LOURO, G. L. et al. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LUCCA, Bruno. Crimes contra LGBT+ enquadrados na lei do racismo crescem 54% em 2022. **Folha de São Paulo**. 20 jul. 2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/crimes-contralgbtenquadrados-na-lei-do-racismo-crescem-54-em-2022.shtml> Acesso em: 18 jun. 2024.

“LULA é igual massa de pão, quanto mais bate mais ele cresce”. 23 de jul. 2018. **PT**. Disponível em: <https://pt.org.br/lula-e-igual-massa-de-pao-quanto-mais-bate-mais-ele-cresce/> Acesso em 03 de dez. 2024.

KEMP, S. Digital 2022: Brazil. **Datareportal**. 23. Fev. 2022. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil?rq=BRAZIL> Acesso em 20 ago. 2024.

MAC, R. et al. Elon Musk's Diplomacy: Woo Right-Wing World Leaders. Then Benefit. **The New York Times**. 12 de mai. 2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/05/12/technology/elon-musk-world-leaders.html> Acesso em: 25 de jun. 2024.

MACHADO, S. Facebook é a nova Kodak? Por que Zuckerberg diz que Meta vive "pior crise". **Uol**. 29. Set. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/09/29/facebook-e-a-nova-kodak-por-que-zuckerberg-diz-que-meta-vive-pior-crise.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 24 de Jan. 2025.

MALHEIRO, F. Flávia Borja troca Avante por PP após ter candidatura barrada por legenda: A vereadora de BH pretende se candidatar deputada estadual em dobradinha com o marido, Fernando Borja, que deve disputar uma cadeira na Câmara dos Deputados. **O Tempo**. Belo Horizonte. Publicado em 28 de Abr. 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/aparte/flavia-borja-troca-avante-por-pp-apos-ter-candidatura-barrada-por-legenda-1.2660525> Acesso em 10 de Mar. 2025.

MALHEIRO, F; FIGUEIREDO, P, A. Flávia e Fernando Borja queriam fazer dobradinha, mas Avante não aceita: A vereadora de Belo Horizonte Flávia Borja (Avante) estaria sendo impedida, pelo seu próprio partido, de disputar uma cadeira na Assembleia Legislativa. **O Tempo**. Belo Horizonte. 19 de Abr. 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/aparte/flavia-e-fernando-borja-queriam-fazer-dobradinha-mas-avante-nao-aceita-1.2655690> Acesso em 10 de Mar. 2025.

MALTA, M. **É irresponsável afirmar que a culpa é do governo Bolsonaro o incidente que houve ontem no meu Estado do Espírito Santo. Quando a presidente nacional do PT faz esta afirmação, ela testa a memória dos brasileiros**

quando eles travavam pautas da redução da maioria penal ou quando seu líder diz apoiar o roubo de um celular, feito por um “jovem” para tomar uma cervejinha. [s.l.]. 26 de Nov. 2022. Facebook: Magno Malta. Disponível em: <https://www.facebook.com/reel/601038948460530> Acesso em 30 de Jun. 2025.

MALTA, M. **Deus abençoe a América**. [s.l.]. 06 de nov. 2024. X: MagnoMalta. Disponível em: <https://x.com/MagnoMalta/status/1854131818921914704> Acesso em 23 de nov. 2024.

MAMIÉ, R et al. Are Anti-Feminist Communities Gateways to the Far Right? Evidence from Reddit and YouTube. Reino Unido: **WebSci '21: WebSci '21 13th ACM Web Science Conference**. 2021. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/3447535.3462504> Acesso em 04 Fev. 2025.

MANLY, I. New right metapolitics and the algorithmic activism of Schild & Vrienden. **Social Media + Society**, v. 5, n. 2, pp. 1-15. 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/2056305119856700> Acesso em: 25 jul. 2024.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas. 2017.

MARIANO, R. Ativismo político evangélico conservador e de direita: panorama recente. **Heinrich Böll Stiftung**. 13 de Jun. 2023. Disponível em: <https://br.boell.org/pt-br/2023/07/13/ativismo-politico-evangelico-conservador-e-de-direita-panorama-recente> Acesso em: 28 de Jun. 2025.

MARIANO, R. Ativismo político evangélico conservador e de direita: panorama recente. **Heinrich Böll Stiftung**. 13 jul. 2023. Disponível em: <https://br.boell.org/pt-br/2023/07/13/ativismo-politico-evangelico-conservador-e-de-direita-panorama-recente> Acesso em: 29 ago. 2024.

MARZULLO, L. MP oferece denúncia contra Nikolas Ferreira por ter exposto aluna trans em banheiro escolar. **G1**. 07 de Abr. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/04/mp-oferece-denuncia-contranikolas-ferreira-por-expor-aluna-trans-em-banheiro-escolar.ghtml> Acesso em 05 de Dez. 2024.

MARZULLO, L. Chapa que elegeu Nikolas Ferreira vereador de BH é cassada por candidaturas laranjas de mulheres. **O Globo**. 04 de Abr. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/04/chapa-que-elegeu-nikolas-ferreira-vereador-de-bh-e-cassada-por-candidaturas-laranjas-de-mulheres.ghtml> Acesso em 05 de Jun. 2025.

MAURO Cid já sabia dos ataques quatro dias antes do 8 de Janeiro, diz PGR: Em conversa com militar, Mauro Cid disse que algo "bom" estava para acontecer. **CNN BRASIL**. 18 de Fev. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/mauro-cid-ja-sabia-dos-ataques-quatro-dias-antes-do-8-de-janeiro-diz-pgr/> Acesso em 18 de Fev. 2025.

MELLO, A. STF declara inconstitucional lei da linguagem neutra, de autoria da CMBH. **Estado de Minas**. 09 de Dez. 2024. Disponível em: <https://www.em.com.br/politica/2024/12/7007821-stf-declara-inconstitucional-lei-da-linguagem-neutra-de-autoria-da-cmbh.html> Acesso em 20 de Jun. 2025.

MELO, P. PL que veta transgêneros em competições esportivas rende bate-boca na Câmara de BH: Autora da proposta, vereadora Flávia Borja (DC) "chamou para a briga" a colega Juhlia Santos (Psol), uma mulher trans; manifestantes foram retirados à força por seguranças. **Hoje em dia**. 05 de Fev. 2025. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/politica/pl-que-veta-transgeneros-em-competic-es-esportivas-rende-bate-boca-na-camara-de-bh-1.1051794> Acesso em 19 de Fev. 2025.

MENDES, M. How One YouTube Video Changed the Course of Internet Culture. **Time**. 10 de Mai. 2024. Disponível em: https://time.com/6976924/youtube-tiktok-drama-channel-sistergeddon/?utm_source=chatgpt.com Acesso em 01 de Jul. 2025.

MENDONÇA, A. Borja assume Frente Cristã e quer proteção de templos no carnaval de BH. **Estado de Minas**. 12 de Fev. 2025. Disponível em: <https://www.em.com.br/politica/2025/02/7059050-borja-assume-frente-crista-e-quer-protecao-de-templos-no-carnaval-de-bh.html> Acesso em 10 de Mar. 2025.

MIGDON, B. Trump says transgender athletes will not be permitted entry to 2028 Olympic Games. **The Hill**. 02 de Mai. 2025. Disponível em: <https://thehill.com/homenews/lgbtq/5129040-trump-executive-order-transgender-athletes-2028-olympics/> Acesso em 25 jun. 2024.

MISKOLCI, R. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à "ideologia de gênero". **Cadernos pagu** nº. 53, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/7Yd3hfBsD9rH3NW3YqPpzvD/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 25 jun. 2024.

MISKOLCI, R; CAMPANA, M. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**. Vol. 32, nº. 3, 2017.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008> Acesso em: 25 jul. 2024.

MISKOLCI, R. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, n. 28, jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/tWFyRWkCdWv4Tgs8Q6hps5r/abstract/?lang=pt> Acesso em: 27 jul. 2024.

MIURA, R. Em atos pelos 200 anos da independência, Bolsonaro puxa coro de 'imbrochável' e faz alusão ao golpe de 64. **Uol**. 07 de Set. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2022/09/07/em-atos-pelos-200-anos-da-independencia-bolsonaro-puxa-coro-de-imbrochavel-e-faz-alusao-ao-golpe-de-64.htm> Acesso em 18 de Fev. 2025.

MORATELLI, V. Sem Instagram e Twitter, agora Nikolas Ferreira perde conta no Facebook: Aliado de Jair Bolsonaro, deputado federal eleito fica sem acesso às principais redes sociais. **Veja**. 10 de Nov. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/sem-instagram-e-twitter-agora-nikolas-ferreira-perde-conta-no-facebook/> Acesso em 13 de Mai. 2025.

MOROZOV, E. **Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. Traduzido por: MARCONDES, C. São Paulo: Ubu Editora. 2018.

MOZELLI, R. Twitter: API cara impede uso para pesquisas acadêmicas. **Olhar digital**. 01. jun. 2023. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/06/01/internet-e-redes-sociais/twitter-api-cara-impede-uso-para-pesquisas-academicas/> Acesso em 18 Dez. 2024.

MUNN, L. Angry by design: toxic communication and technical architectures. **Humanities and Social Sciences Communications**, v. 7, n. 53. 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41599-020-00550-7> Acesso em 22 de Dez. 2024.

MURATORI, M. 'Minha bandeira é a defesa da família', diz vereadora eleita em BH: Cristã e conservadora, a professora e fonoaudióloga Flávia Borja (Avante) é contra o aborto e se diz 'pró-vida'. **O Globo**. 23 de Nov. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/11/23/interna_politica,1208653/minha-a-bandeira-e-a-defesa-da-familia-diz-vereadora-eleita-em-bh.shtml Acesso em 11 de Mar. 2025.

NAGLE, A. The New Man of 4chan. **The Baffler**. 2017. Disponível em: <https://thebaffler.com/salvos/new-man-4chan-nagle> Acesso em 28 nov. 2024.

NASCIMENTO, P. BH tem a 1ª trans e um bolsonarista entre os vereadores mais votados: Professora Duda Salabert bateu recorde histórico, com 37.613 votos; Nikolas Ferreira ocupou o segundo lugar no ranking, apoiado por 29.388 eleitores. **R7**. 16 de Nov. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/eleicoes-2020/bh-tem-a-1-trans-e-um-bolsonarista-entre-os-vereadores-mais-votados-16112020/> Acesso em: 19 de Fev. 2025.

NASCIMENTO MARTINS, K et al. O software IRAMUTEQ como recurso para a análise textual discursiva. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 10, nº. 24, p. 213–232. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2022.v.10.n.24.383> Acesso em 13 de Out. 2024.

NATALE, M. Política, contexto e urgência: o que (realmente) move o Instagram dos deputados federais brasileiros. **Upiara**. 18 de Abr. 2025. Disponível em: https://upiara.net/politica-contexto-e-urgencia-o-que-realmente-move-o-instagram-dos-deputados-federais-brasileiros/?utm_source=chatgpt.com Acesso em 28 de Jun. 2025.

NAUGHTON, J. For the first time in its history, Facebook is in decline. Has the tech giant begun to crumble? **The Guardian**. 06. Fev. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/feb/06/first-time-history-facebook-decline-has-tech-giant-begun-crumble> Acesso em 13 de Out. 2024.

NETLAB UFRJ. **Ameaças à segurança da votação**. 29 de Setembro de 2022, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. 2022. Disponível no link: <https://netlab.eco.ufrj.br/post/amea%C3%A7as-%C3%A0-seguran%C3%A7a-da-vota%C3%A7%C3%A3o> Acesso em 20 de Jan. 2025.

NIKOLAS Ferreira tem conta no Twitter suspensa após divulgar informações falsas sobre eleição: Deputado federal eleito com mais votos no Brasil ampliou desinformação com suspeitas infundadas sobre apuração. **O Globo**. 04 de Nov. 2022a. Disponível em: https://www.google.com/search?q=nikolas+ferreira+wikipedia&rlz=1C1GCEB_enBR1086BR1086&oq=nikolas+ferreira+wikipedia&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQABiABDIHCAIQABjvBTIKCAMQABiABBiiBDIHCAQQABjvBTIKCAUQABiABiiBNIBCDY0NzBqMGo3qAlAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8 Acesso em 11 de Mar. 2025.

NIKOLAS Ferreira é o deputado federal mais votado do Brasil e da história de Minas Gerais: Ele recebeu 1.492.047 votos. Depois de Nikolas, o segundo deputado federal mais votado do país é Guilherme Boulos (PSOL), em São Paulo. **G1**. 01 de Out. 2022b. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/eleicoes/2022/noticia/2022/10/02/nikolas-ferreira-e-o-deputado-federal-mais-votado-da-historia-de-minas-gerais.ghtml> Acesso em: 24 de Jan. 2025.

NIKOLAS Ferreira usa peruca para fazer discurso transfóbico em Dia das Mulheres na Câmara. **Jornal O Globo**. 08 de Mar. 2023a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OXD4E7vEsN8&ab_channel=JornalOGlobo Acesso em 20 de Jun. 2025. (2:13)

NIKOLAS a homossexuais: 'Arrependa-se e assuma sua verdadeira identidade'. **Estado de Minas**. 12 de Jun. 2023b. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/06/12/interna_politica,1506002/nikolas-a-homossexuais-arrependa-se-e-assuma-sua-verdadeira-identidade.shtml Acesso em 20 de Jun. 2025.

NUNES, R. **Do Transe a Vertigem: Ensaios Sobre Bolsonarismo em um mundo em transição**. São Paulo: Ubu, 2022. *E-book*.

OLIVEIRA, C. L; MEDEIROS, I. K. Artigo 142: os problemas da tese de Ives Gandra: Chama atenção a defesa de que norma autorizaria o uso das Forças Armadas, na condição de Poder Moderador. **Jota**. 03 de Julho, 2020. Disponível em: <https://www.jota.info/artigos/artigo-142-os-problemas-da-tese-de-ives-gandra> Acesso em 05 Fev. 2025.

OLIVEIRA, F. Saiba quem é Magno Malta, senador eleito no ES. **G1**. 03 de Out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/eleicoes/2022/noticia/2022/10/03/saiba-quem-e-magno-malta-senador-eleito-no-es.ghtml> Acesso em 29 de Jun. 2025.

OLIVEIRA, T. Veja linha do tempo da trama golpista segundo a PF, do ataque às urnas ao 8/1. **Folha de São Paulo**. 27 de Nov. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/11/pf-liga-ataque-de-bolsonaro-as-urnas-a-trama-para-dar-golpe-de-estado-em-2022.shtml> Acesso em 18 de Fev. 2025.

OLIVEIRA, T. General mobilizou golpistas para criar 'cenário caótico' 2 dias antes de diplomação de Lula, diz PF. **Folha de São Paulo**. 26 de Nov. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/11/general-mobilizou-golpistas-para-criar-cenario-caotico-2-dias-antes-de-diplomacao-de-lula-diz-pf.shtml> Acesso em 18 de Fev. 2025.

OUÇA o áudio em que Cid sugere golpe antes de 12 de dezembro de 2022, dia da diplomação de Lula: A gravação faz parte da investigação da PF sobre a tentativa de manter Jair Bolsonaro no poder após o petista vencer a eleição. **Carta Capital**. 25 de Nov. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/em-audio-cid-sugeri-golpe-antes-de-12-de-dezembro-de-2022-dia-da-diplomacao-de-lula/> Acesso em 18 de Fev. 2025.

PALÁCIO, C. Entenda o Que é Rage Bait: o Marketing da Raiva Tem Espaço no Luxo? Estratégia controversa provoca discussões e reações intensas no público, mas será que essa tática combina com a exclusividade e sofisticação do mercado de alto valor? **Forbes**. 04 de Fev. 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2025/02/entenda-o-que-e-rage-bait-o-marketing-da-raiva-tem-espaco-no-luxo/> Acesso em: 22 de Jul. 2025.

PALADINO, V. The science behind the insane popularity of “react” videos on YouTube. **Ars Technica**. 03 de Abr. 2016. Disponível em: <https://arstechnica.com/gaming/2016/04/the-science-behind-the-insane-popularity-of-react-videos-on-youtube/> Acesso em 27 de Jun. 2025.

PANHO, I. A. Fim do casamento homoafetivo? Entenda o PL aprovado na Comissão da Câmara. **Estadão**. 10 de out. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/fim-do-casamento-homoafetivo-entenda-o-projeto-de-lei-aprovado-na-comissao-da-camara-dos-deputados-nprp/#:~:text=Hoje%2C%20no%20Brasil%2C%20o%20casamento,o%20Pa%C3%AAs%20sobre%20o%20assunto>. Acesso em: 27 jul. 2024.

PEREIRA, L. F. O fim está próximo: representações religiosas no discurso dos perfis do x de líderes bolsonaristas durante o segundo turno das eleições de 2022. **Revista Aurora**. Marília, SP, v. 17, p. 1-28, 2024. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/16249> Acesso em 12 de Dez. 2024.

PETERS, G. Guerras culturais. In: SWAKO, J. (org) et al. **Dicionário dos negacionismos no Brasil**. Editora Cepe. p. 317 – 322. 2022.

PF: Áudios de aliados de Bolsonaro evidenciam plano de golpe e prisão de Moraes: Conteúdo estava em arquivos de um celular do major reformado do Exército Ailton Gonçalves Barros, interceptado em investigação envolvendo Mauro Cid. **O Tempo**. 16 de Mai. 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/judiciario/pf->

[audios-de-aliados-de-bolsonaro-evidenciam-plano-de-golpe-e-prisao-de-moraes-1.2869925](#) Acesso em 18 de Fev. 2025.

PILKINGTON, E. What is 'great replacement' theory and how did its racist lies spread in the US?. **The Guardian**. 17 de maio. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2022/may/17/great-replacement-theory-explainer> Acesso em: 27 ago. 2024.

PINOTTI, F et al. Nikolas Ferreira veste peruca na Câmara e diz: "Mulheres estão perdendo espaço para homens que se sentem mulheres". **CNN**. 08 de mar. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/nikolas-ferreira-veste-peruca-na-camara-e-diz-mulheres-estao-perdendo-espaco-para-homens-que-se-sentem-mulheres/> Acesso em: 10 de nov. 2024.

POMBO, B. O que é intervenção federal e por que ela não autoriza uma ação das forças armadas Intervenção federal é completamente diferente de intervenção militar. **Valor Econômico**. 03 de Nov. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/11/03/o-que-e-intervencao-federal-e-por-que-ela-nao-autoriza-uma-acao-das-forcas-armadas.ghtml> Acesso em 17 de Fev. 2025

PRADO, M. **Tempestade Ideológica: Bolsonarismo, a alt-right e o populismo iliberal no Brasil**. São Paulo: Editora Lux, 2021.

PRADO, T. Integrantes da bancada evangélica expõem insatisfação com governo Bolsonaro. **O Globo**. 30 de Abr. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/integrantes-da-bancada-evangelica-expoem-insatisfacao-com-governo-bolsonaro-24995697> Acesso em 25 de Jun. 2025.

PRATES, V. Redes sociais retêm contas de Nikolas Ferreira e influenciadores Por determinação judicial, perfis do deputado e do apresentador Monark aparecem como indisponíveis no Brasil. **Estado de Minas**. 14 de Jan. 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/12/08/interna_politica,1431296/nikolas-apos-decisao-de-moraes-estamos-de-volta.shtml Acesso em 02 de Jul. 2025.

PRATES, V. Nikolas e Cleitinho são o deputado e o senador mais influentes nas redes. **Estado de Minas**. 03 de Abr. 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/04/03/interna_politica,1476845/nikolas-e-cleitinho-sao-o-deputado-e-o-senador-mais-influentes-nas-redes.shtml Acesso em 20 de jun. 2025.

PROJETO que criminaliza homofobia pode criar "império homossexual", diz senador Magno Malta. **Uol**. 12 de Mai. 2011. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/05/12/projeto-que-criminaliza-homofobia-pode-criar-imperio-homossexual-diz-senador-magno-malta.htm> Acesso em 25 de Jun. 2025.

PL se funde com PST e PGT e garante tempo na TV. **Folha de São Paulo**. 11 de Fev. 2003. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u45888.shtml?utm_source=chatgpt.com Acesso em 15 de Jun. 2025.

RECUERO, R. The platformization of violence: toward a concept of discursive toxicity on social media. **Social Media + Society**, v. 10, n. 1, pp. 1-9. 2024. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/20563051231224264> Acesso em: 18 jun. 2024.

REDES sociais retêm contas de Nikolas Ferreira e influenciadores: Por determinação judicial, perfis do deputado e do apresentador Monark aparecem como indisponíveis no Brasil. **Poder360**. 14 de Jan. 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/redes-sociais-retem-contas-de-nikolas-ferreira-e-influenciadores/> Acesso em 24 de Abr. 2025.

REDES SOCIAIS devem excluir posts transfóbicos de Nikolas Ferreira. **Migalhas**. 9 de Ago. 2023. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/391375/redes-sociais-devem-excluir-posts-transfobicos-de-nikolas-ferreira> Acesso em: 23 de Jun. 2025.

REGISTER, L. How Elon Musk is boosting far-right politics across the globe The world's richest man is trying to sway politics on six continents. **NBC News**. 16 de Fev. 2025. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/tech/elon-musk/elon-musk-boosting-far-right-politics-globe-rcna189505> Acesso em 17 de Fev. 2025.

REIS, A. F. Gender ideology, religion and the politics of bodies: The contemporary dispute for the control of cultural senses. In: **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, p. 1 – 16. 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/23590/20898> Acesso em: 25 jul. 2024.

REIS, L et al. "Mamadeira de piroca" versão 2020: Monitoramento em oito capitais mostra como candidatos conservadores acusaram adversários usando "ideologia de gênero". **Piauí**. 01 de Dez. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/mamadeira-de-piroca-versao-2020/> Acesso em 20 de Mar. 2025.

RIBEIRO, T. Bolsonaroista Nikolas Ferreira tem conta do Twitter suspensa por decisão judicial: Deputado eleito por Goiás, Gustavo Gayer também teve sua página bloqueada. **Folha de São Paulo**. 04 de Nov. 2022. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/11/bolsonarista-nikolas-ferreira-tem-conta-do-twitter-suspensa-por-decisao-judicial.shtml?utm_source=chatgpt.com Acesso em 20 de Mai. 2025.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309> Acesso em: 29 set. 2025.

RIOS, A. Quem são os bolsonaristas que prometem “morar” em frente ao QG do Exército Protesto reúne principalmente empresários, autônomos e aposentados, que pedem golpe, criticam o Nordeste e alimentam máquina de fake news. **Metrópoles**. 05 de Nov. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/quem-sao-bolsonaristas-que-prometem-morar-em-frente-ao-qg-do-exercito> Acesso em 17 de Fev. 2025.

ROCHA, R. A. Brasil: deixando de ser país de viado? Análise do discurso da ideologia de gênero no cis-héterobolsonarismo. **Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana**. nº 39. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/Mq3NJwv4WGBjCw9nCcnTTGv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 07 nov. 2024.

RODOVALHO, R. Antes pedintes, hoje negociadores. **Folha de São Paulo**. 26 de jun. 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/172923-antes-pedintes-hoje-negociadores.shtml> Acesso em: 25 jul. 2024.

ROSA, P. O; ROSA, R. de O. Tecnopolíticas do ódio: estratégias utilizadas por grupos de WhatsApp conservadores e bolsonaristas nas eleições brasileiras de 2018 e 2022. **Simbiótica**. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/44757> Acesso em 29 de Dez. 2024.

ROSE, S. A deadly ideology: how the ‘great replacement theory’ went mainstream. **The Guardian**. 08 de jun. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2022/jun/08/a-deadly-ideology-how-the-great-replacement-theory-went-mainstream> Acesso em: 25 de ago. 2024.

RUBIN, G. **O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo.** Traduzido por DABAT, C. R. et al. Recife: S.O.S Corpo. 1993.

RUBIN, G. **Políticas do sexo.** Tradução de DIAS, J. P. São Paulo: Ubu, 2017.

RUTHVEN, M. **Fundamentalism: a very short introduction.** Nova Iorque: Oxford University Press. 2007.

SAAD, E. Plataformas sociais digitais e a opinião pública. FARIAS, L. A (org) et al. **Opinião pública, comunicação e organizações: convergências e perspectivas contemporâneas.** São Paulo: ABRAPCORP. 152-163. 2019.

SABATIER, P. A; WEIBLE, C. M. The advocacy coalition: innovations and clarifications. In: Sabatier, P. (ed.). **Theories of the policy process.** 2. ed. Boulder, CO: Westview Press, 2007

SALLES, D et al. “Deus, Pátria, Família e Liberdade”: a radicalização política no ecossistema de mídia evangélica digital no Brasil. **Mídia E Cotidiano**, 18(1), 25-52. 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/59933> Acesso em: 20 mai. 2024.

SANTOS, T. T. **Masculinidades dissidentes: a realidade de homens negros gays entre o racismo e a homofobia.** 2023. Dissertação (mestrado em ciências sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2023.

SANTOS, J. V. Twitter, Facebook e WhatsApp: os antros da desinformação e da proliferação do discurso de ódio. Entrevista especial com David Nemer: A desinformação gera muito lucro, diz o pesquisador. **Instituto Humanitas Unisinos.** 08 de Mar. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/607280-twitter-facebook-e-whatsapp-os-antros-da-desinformacao-e-da-proliferao-do-discurso-de-odio-entrevista-especial-com-david-nemer> Acesso em 18 de Fev. 2025.

SAYURI, J. O que é ‘guerra cultural’. E por que a expressão está em alta. **Nexo.** 10 de mar. 2019. [O que é ‘guerra cultural’. E por que a expressão está em alta - Nexo Jornal](#) Acesso em: 22 de jul. 2024.

SETE de Setembro tem segurança reforçada e temores de tensão: Brasília e Rio adotaram medidas especiais para garantir segurança de celebrações que contarão com a participação de Bolsonaro. Às vésperas das eleições, presidente usa a data

para tentar demonstrar força. **DW Brasil**. 07 de Set. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/sete-de-setembro-tem-seguran%C3%A7a-refor%C3%A7ada-e-temores-de-tens%C3%A3o/a-63041738> Acesso em 18 de Fev. 2025.

SHIFMAN, L. **Memes in Digital Culture**. Massachusetts, Estados Unidos: The MIT Press, 2014.

SILVA, B. C. S. L; CHACHAM, A. S. De “merdalheres” a “conservadias”: o discurso de ódio masculinista. **Plural**, nº. 31(1), 252-275. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2024.223289> Acesso em: 24 ago. 2024.

SILVA, B. C. S. L. **Masculinismo: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil**. 2023. Dissertação (mestrado em ciências sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2023.

SPAGNUOLO, S et al. No Facebook, poucos usuários concentram muito engajamento. E isso é um problema. **Núcleo**. 2021. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/reportagem/2021-11-25-concentracao-usuarios-facebook/> Acesso em 13 jan. de 2025.

SPAGNUOLO, S. Telegram, o novo refúgio da extrema direita no Brasil. **El País**. 20 de Fev. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-21/telegram-o-novo-refugio-da-extrema-direita.html> Acesso em 12 de Jun. 2025.

SOUZA, M. A. R. et al. O uso do software IRAMUTEQ na análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista da escola de enfermagem da USP**. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017015003353> Acesso em 18 de Out. 2024.

STARLING, H. M. Brasil, país do passado. In: BIGNOTTO, N et al. **Linguagem da destruição: A democracia brasileira em crise**. São Paulo: Companhia das Letras. 2022.

STF determina reativação de contas nas redes sociais do deputado federal eleito Nikolas Ferreira: O ministro Alexandre de Moraes ressaltou que a liberação permite que o parlamentar possa utilizar suas redes sociais respeitando a Constituição Federal e a legislação. **STF**. 26 de Jan. 2023. Disponível em:

<https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-determina-reativacao-de-contas-nas-redes-sociais-do-deputado-federal-eleito-nikolas-ferreira/> Acesso em 20 de Mai. 2025.

TEITELBAUM, B. **Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. Traduzido por: COSTA, C. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

TOMBERRY. Laughing Tom Cruise. **Know your meme**. 2014. Disponível em: <https://knowyourmeme.com/memes/laughing-tom-cruise> Acesso em 05 de dez. 2024.

TROTTI, B. A; LOWENKRON, L. Pânicos morais, sexualidade e infância A fabricação do “kit gay” como artefato político na disputa presidencial de 2018 a partir da rede social Twitter. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. Nº. 39. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/q5rrcnY5bDHDLTf7qFk4BRL/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 22 jul. 2024.

UPWORTHY. The Sweet Science Of Virality. **SlideShare**. 2013. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/the-sweet-science-of-virality/17333198#8> Acesso em: 20 out. 2024.

ZYLBERKAN, M. Evangélicos devem ultrapassar católicos no Brasil a partir de 2032. **G1**. 04 de fev. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/evangelicos-devem-ultrapassar-catolicos-no-brasil-a-partir-de-2032> Acesso em: 22 jul. 2024.

VAN DIJCK, J. **The culture of connectivity: A critical history of social media**. Nova Iorque, Estados Unidos: Oxford University Press. 2013.

VAN DIJCK, J. The platform society. Berlin: Alexander von Humboldt Institut für Internet und Gesellschaft, 2016. 1 vídeo (83 min). Publicado pelo canal Alexander von Humboldt Institut für Internet und Gesellschaft. Disponível em: <https://bit.ly/2zvf7tk>. Acesso em 07 Dez. 2024.

VASCONCELOS, F. Cresce o número de candidatos religiosos em 2022. **G1**. 03 de out. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-emnumeros/noticia/2022/10/03/cresce-numero-de-candidatos-religiosos-eleitosem-2022.ghtml> Acesso em: 22 jul. 2024.

VIGLIONE, P. Em BH, MPMG é acionado após lei que restringe o uso de banheiros para trans e travestis: Em carta aberta, movimento alega que medida discrimina com

base na identidade de gênero. **Brasil de Fato**. 28 de Nov. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2023/11/28/em-bh-mpmg-e-acionado-apos-lei-que-restringe-o-uso-de-banheiros-para-trans-e-travestis> Acesso em 19 de Nov. 2025.

VERTURINI, T. From fake to junk news: the data politics of online virality. Bigo, D. et al (Coord). **Data politics: worlds, subjects, rights**. Nova Iorque, Estados Unidos: Editora Routledge. p. 123-144. 2019.

TILIA, C. 20 anos de Facebook: a história da rede social que mudou o mundo: Entre erros e acertos, a plataforma bateu o recorde histórico de 3 bilhões de usuários em 2023 e sua empresa mãe, a Meta, é avaliada em US\$ 1,22 trilhão. **Forbes**. 04 de Fev. 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2024/02/20-anos-de-facebook-conheca-a-historia-da-rede-social-que-mudou-o-mundo/> Acesso em 19 de Fev. 2025.

TORRES, P; PINHEIRO, M. Motoristas relatam medo e prejuízo ao terem carros destruídos por bolsonaristas: Levantamento revela que ao menos 25 motoristas amargaram o prejuízo de terem os carros vandalizados. **Metrópoles**. 12 de Dez. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/motoristas-relatam-medo-e-prejuizo-ao-terem-carros-destruidos-por-bolsonaristas> Acesso em: 17 de Fev. 2025.

TUTERS, M.; HAGEN, S. (((They))) rule: Memetic Antagonism and Nebulous Othering on 4chan. **New Media & Society**, v. 22, n. 12, p. 2218-2237, 27 nov. 2019.

ZACARI, L. Como o Facebook virou exemplo de internet zumbi. **Nexo**. 27. Mai. 2024. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2024/05/27/facebook-queda-de-usuarios-internet-zumbi> Acesso em 7 Dez. 2024.

WALKER, C. S. X nega a pesquisadores que estudam desinformação acesso a sua API. **Fast Company Brasil**. 01. mar. 2024. Disponível em: <https://fastcompanybrasil.com/tech/x-nega-a-pesquisadores-que-estudam-desinformacao-acesso-a-sua-api/> Acesso em 20 Dez. 2024.

WITTIG, M. **O pensamento homossexual**. Tradução: Máira Mendes Galvão. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.